



UMA  
JUSTA  
DE  
CAVALEIROS

LIVRO N 16 DA SÉRIE O ANEL DO FETICEIRO

MORGAN RICE

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***



# UMA JUSTA DE CAVALEIROS

(LIVRO N 16 DA SÉRIE O ANEL DO FEITICEIRO)

MORGAN RICE

Morgan Rice é a autora bestseller nº1 do USA Today da série de fantasia épica O ANEL DO FEITICEIRO, composta por dezessete livros; da série bestseller nº1 DIÁRIOS DE UM VAMPIRO, composta por onze livros (em progresso); da série bestseller nº1 TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA, um thriller pós-apocalíptico composto por dois livros (em progresso); e da nova série de fantasia épica REIS E FEITICEIROS, composta por seis livros. Os livros de Morgan estão disponíveis em áudio e versões impressas, e traduções dos livros estão disponíveis em 25 idiomas.

Morgan gosta de ouvir sua opinião, então sinta-se à vontade para visitar [www.morganricebooks.com](http://www.morganricebooks.com) e fazer parte da lista de correspondência, receber um livro gratuito, ganhar brindes, fazer o download do aplicativo gratuito, receber notícias exclusivas, conectar-se através do Facebook e Twitter e manter contato!

"O ANEL DO FEITICEIRO tem todos os ingredientes para um sucesso instantâneo: intrigas, conspirações, mistério, cavaleiros e relacionamentos repletos de corações partidos, traições e decepções. Ele vai deixar você entretido por horas e vai satisfazer públicos de todas as idades. Recomendado para a biblioteca permanente de todos os leitores do gênero de fantasia."

--Books and Movie Reviews, Roberto Mattos

"[Uma] fantasia épica envolvente."

—Kirkus Reviews

"Esse é o começo de algo extraordinário."

--San Francisco Book Review

"Recheado de ação... A escrita de Rice é sólida e a premissa é intrigante."

--Publishers Weekly

"Uma fantasia espirituosa... Apenas o começo do que promete ser uma série épica para jovens adultos."

--Midwest Book Review

**DAS COROAS E GLÓRIA**

ESCRAVA, GUERREIRA E RAINHA (Livro nº1)

**REIS E FEITICEIROS**

A ASCENSÃO DOS DRAGÕES (Livro nº1)

A ASCENSÃO DOS BRAVOS (Livro nº2)

O PESO DA HONRA (Livro nº3)

UMA FORJA DE VALENTIA (Livro nº4)

UM REINO DE SOMBRAS (Livro nº5)

A NOITE DOS CORAJOSOS (Livro nº6)

**O ANEL DO FEITICEIRO**

EM BUSCA DE HERÓIS (Livro nº1)

UMA MARCHA DE REIS (Livro nº2)

UM DESTINO DE DRAGÕES (Livro nº3)

UM GRITO DE HONRA (Livro nº4)

UM VOTO DE GLÓRIA (Livro nº5)

UMA CARGA DE VALOR (Livro nº6)

UM RITO DE ESPADAS (Livro nº7)

UM ESCUDO DE ARMAS (Livro nº8)

UM CÉU DE FEITIÇOS (Livro nº9)

UM MAR DE ESCUDOS (Livro nº10)

UM REINADO DE AÇO (Livro nº11)

UMA TERRA DE FOGO (Livro nº12)

UM GOVERNO DE RAINHAS (Livro nº 13)

UM JURAMENTO DE IRMÃOS (Livro nº 14)

UM SONHO DE MORTAIS (Livro nº 15)

UMA JUSTA DE CAVALEIROS (Livro nº 16)

O PRESENTE DA BATALHA (Livro nº 17)

**TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA**

ARENA UM: TRAFICANTES DE ESCRAVOS (Livro nº 1)

ARENA DOIS (Livro nº 2)

**MEMÓRIAS DE UM VAMPIRO**

TRANSFORMADA (Livro nº 1)

AMADA (Livro nº 2)

TRAÍDA (Livro nº 3)

PREDESTINADA (Livro nº 4)

DESEJADA (Livro nº 5)

COMPROMETIDA (Livro nº 6)

PROMETIDA (Livro nº 7)

ENCONTRADA (Livro nº 8)

RESSUSCITADA (Livro nº 9)

ALMEJADA (Livro nº 10)  
DESTINADA (Livro nº 11)  
OBCECADA (Livro nº 12)







Ouçá a série O ANEL DO FEITICEIRO em formato de áudio livro!

Copyright © 2014 por Morgan Rice

Todos os direitos reservados. Todos os direitos reservados. Exceto conforme permitido pela Lei de Direitos Autorais dos EUA de 1976, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, ou armazenada em um banco de dados ou sistema de recuperação, sem a autorização prévia da autora.

Este e-book é licenciado apenas para o seu uso pessoal. Este e-book não pode ser revendido ou cedido a outras pessoas. Se você gostaria de compartilhar este livro com outra pessoa, por favor, compre uma cópia adicional para cada destinatário. Se você estiver lendo este livro sem tê-lo comprado, ou se ele não foi comprado apenas para seu uso pessoal, por favor, devolva-o e adquira sua própria cópia. Obrigado por respeitar o trabalho da autora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, entidades, eventos e incidentes são produto da imaginação do autor ou foram usados de maneira fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou falecidas, é mera coincidência.

Direitos autorais da imagem de capa de propriedade de Razumovskaya Marina Nikolaevna, usada com autorização de Shutterstock.com.



[CAPÍTULO DOIS](#)

[CAPÍTULO TRÊS](#)

[CAPÍTULO QUATRO](#)

[CAPÍTULO CINCO](#)

[CAPÍTULO SEIS](#)

[CAPÍTULO SETE](#)

[CAPÍTULO OITO](#)

[CAPÍTULO NOVE](#)

[CAPÍTULO DEZ](#)

[CAPÍTULO ONZE](#)

[CAPÍTULO DOZE](#)

[CAPÍTULO TREZE](#)

[CAPÍTULO CATORZE](#)

[CAPÍTULO QUINZE](#)

[CAPÍTULO DEZESSEIS](#)

[CAPÍTULO DEZESSETE](#)

[CAPÍTULO DEZOITO](#)

[CAPÍTULO DEZENOVE](#)

[CAPÍTULO VINTE](#)

[CAPÍTULO VINTE E DOIS](#)

[CAPÍTULO VINTE E TRÊS](#)

[CAPÍTULO VINTE E QUATRO](#)

[CAPÍTULO VINTE E CINCO](#)

[CAPÍTULO VINTE E SEIS](#)

[CAPÍTULO VINTE E SETE](#)

[CAPÍTULO VINTE E OITO](#)

[CAPÍTULO VINTE E NOVE](#)

[CAPÍTULO TRINTA](#)

[CAPÍTULO TRINTA E UM](#)

[CAPÍTULO TRINTA E DOIS](#)

[CAPÍTULO TRINTA E TRÊS](#)

[CAPÍTULO TRINTA E QUATRO](#)

## CAPÍTULO UM

Thorgrin fica em pé na proa do elegante navio, segurando na grade enquanto o vento assopra os seus cabelos, e observa o horizonte com uma crescente sensação de mau agouro. O navio, capturado das mãos dos piratas, navega o mais rápido possível com Elden, O'Connor, Matus, Reece, Indra e Selese manejando as velas, e Thorgrin, com Angel ao seu lado, sabe que não é possível ir mais rápido, por mais que ele queira. Ainda assim, ele anseia por isso. Depois de todo aquele tempo, Thor finalmente tem certeza de que Guwayne está próximo, além do horizonte, na Ilha da Luz. E com igual certeza, ele sente que Guwayne está em perigo.

Thor não compreende como aquilo é possível. Afinal, quando ele os tinha deixado para trás, Guwayne havia se encontrado na segurança da Ilha da Luz, sob a proteção de Ragon, um feiticeiro tão poderoso quanto o seu irmão. Argon é o feiticeiro mais poderoso que ele jamais havia conhecido, tendo até mesmo protegido todo o Anel, e Thor não consegue entender como qualquer mal poderia acontecer a Guwayne enquanto ele se encontra sob a proteção de Ragon.

A não ser que exista algum poder do qual Thorgrin jamais havia ouvido falar, o poder de um feiticeiro do mal que possa superar as forças de Ragon. É possível que exista algum reino, alguma força maligna oculta ou um feiticeiro do mal que ele desconheça?

Mas por que eles iriam atrás de seu filho?

Thor relembra o dia em que havia deixado a Ilha da Luz às pressas, sob o feitiço de seu sonho, determinado a abandonar aquele lugar ao amanhecer. Em retrospecto, Thor percebe que tinha sido enganado por alguma força maligna interessada em separá-lo de seu filho. Mas graças a Lycoples, que ainda está sobrevoando o seu navio, guinchando, desaparecendo no horizonte e voltando para perto deles novamente, Thor havia decidido retornar para Ilha, finalmente avançando na direção certa. Os sinais, Thor percebe, haviam estado diante de seu nariz durante todo aquele tempo. Como ele tinha sido capaz de ignorá-los? Que força maligna pode estar atuando para desencaminhá-lo?

Thor se lembra do preço que havia sido forçado a pagar: os demônios libertados do inferno, a maldição do Senhor das Trevas de que cada um daqueles demônios seria a sua ruína. Ele sabe que mais desafios e obstáculos estão diante dele e percebe que aquilo tinha sido apenas um deles. Que outros testes, ele se pergunta, podem estar esperando por ele? Ele conseguirá recuperar o seu filho?

"Não se preocupe," diz uma voz doce.

Thor se vira e vê Angel puxando um pedaço de sua camisa.

"Tudo vai ficar bem," ela completa com um sorriso.

Thor sorri para ela, colocando a mão sobre sua cabeça, tranquilizado pela presença dela como sempre. Ele havia aprendido a amar Angel como sua própria filha, a filha que ele nunca havia tido. A presença dela o conforta.

"E se tudo não ficar bem," ela continua com um sorriso nos lábios, "Eu darei um jeito!"

Ela ergue o pequeno arco que O'Connor havia feito para ela com orgulho e mostra para Thor suas habilidades com a arma. Thor sorri, divertindo-se, quando ela ergue o arco na altura de seu peito, prepara uma pequena flecha com as mãos trêmulas e começa a puxar a corda. Ela atira e sua pequena flecha de madeira atravessa o ar, incerta, caindo dentro do mar.

"Eu matei um peixe?" ela pergunta com excitação, correndo alegremente até a grade lateral do navio para olhar dentro da água.

Thor fica ali parado, observando a espuma do mar, e não tem tanta certeza disso. Mesmo assim, ele sorri.

"Tenho certeza que sim," ele responde de maneira encorajadora. "Talvez até mesmo um tubarão."

Thor ouve um guincho distante e imediatamente levanta a sua guarda. Todo o seu corpo fica paralisado ao mesmo tempo em que ele segura o punho de sua espada e observa o oceano, estudando o

horizonte.

As grandes nuvens escuras se partem e, naquele exato instante, o horizonte é revelado, partindo o coração de Thor: na distância, nuvens de fumaça escura preenchem o céu. Quando mais nuvens se partem, Thor pode ver que a fumaça está vindo de uma ilha distante - não uma ilha qualquer, mas uma ilha com penhascos íngremes que se erguem na direção do céu, culminando em um imenso platô. Aquela é uma ilha inconfundível.

A Ilha da Luz.

Thor é invadido por uma dor intensa ao ver o céu repleto de criaturas malignas, parecidas com gárgulas, sobrevoando o que resta da ilha como abutres e preenchendo o ar com seus guinchos. Há um exército daquelas criaturas e, abaixo delas, toda a ilha está em chamas. Nenhum canto da ilha havia sido poupado.

"MAIS RÁPIDO!" Thor ordena, gritando contra o vento ao mesmo tempo em que sabe que aquilo é inútil. Aquela é maior sensação de desamparo que ele já havia sentindo em toda a sua vida.

Mas não há nada que ele possa fazer. Ele observa as chamas, a fumaça e os monstros, ouve Lycoples guinchando acima deles e sabe que é tarde demais. Nada poderia ter sobrevivido àquilo. Todas as pessoas daquela ilha, Ragon, Guwayne e todos os outros, certamente estão mortos.

"NÃO!" grita Thorgrin, amaldiçoando todos os deuses enquanto avança, tarde demais, na direção da ilha da morte.

## CAPÍTULO DOIS

Sozinha no castelo de sua mãe, de volta no Anel, Gwendolyn observa os seus arredores e percebe que há algo de errado. O castelo está abandonado, todos os móveis e objetos tinham sido levados, as janelas removidas, todos os belíssimos vitrais que um dia haviam decorado o lugar levados para sempre, deixando apenas aberturas nas paredes de pedra por onde passa a suave luz do sol. Poeira paira no ar e o castelo parece estar desabitado há milhares de anos.

Gwen observa a paisagem do Anel, um lugar que ela havia conhecido e amado com todo o seu coração, agora vazio, distorcido e grotesco. Como se nada de bom tivesse restado no mundo.

"Minha filha," diz uma voz.

Gwendolyn se vira e fica chocada ao ver sua mãe parada ali, olhando para ela com uma expressão severa e doentia, em nada parecida com a mãe que ela havia conhecido e da qual se recorda. Aquela é a figura que ela se lembra de ter visto no leito de morte de sua mãe, uma pessoa que parece ter envelhecido demais em uma única vida.

Gwen sente um nó na garganta e percebe que apesar de tudo o que havia acontecido entre elas, ela ainda sente falta de sua mãe. Ela não sabe se sente falta da mãe ou de ver a sua família, algo familiar, e o Anel. Ela daria qualquer coisa para estar de volta em casa, para ter as coisas como antigamente.

"Mãe," responde Gwen, quase sem conseguir acreditar no que está vendo diante de si.

Gwen estica os braços e, ao fazer isso, de repente se vê em outro lugar, diante de um precipício em pé em uma ilha que tinha acabado de ser incendiada. O forte cheiro de fumaça e enxofre perdura no ar, queimando suas narinas. Ela observa seus arredores e, quando as cinzas são levadas pelo vento, vê um pequeno berço feito de ouro, o único objeto naquele lugar repleto de brasas e cinzas.

Ao dar um passo adiante, o coração de Gwen bate acelerado de ansiedade para saber se seu filho está ali e se está tudo bem com ele. Uma parte dela está exultante em se aproximar para segurá-lo em seus braços e nunca mais se afastar dele. Mas outra parte dela teme que ele possa não estar ali ou, ainda pior, que esteja morto.

Gwen se apressa e, abaixando-se, olha dentro do berço e tem seu coração partido ao perceber que ele está vazio.

"GUWAYNE!" Ela grita em desespero.

Gwen ouve um guincho tão alto quanto o seu no céu acima dela e, ao olhar para cima, vê um exército de criaturas negras, parecidas com gárgulas, voando para longe. Seu coração se parte ao ver um bebê pendurado nas garras da última criatura, chorando. Ele está sendo levado na direção de uma escuridão melancólica, içado por um exército maligno.

"NÃO!" grita Gwendolyn.

Gwen acorda chorando. Ela se senta na cama, procurando Guwayne por toda parte, esticando os braços para salvá-lo e para segurá-lo junto ao peito.

Mas ele não está em parte alguma.

Gwendolyn continua sentada na cama, respirando com dificuldade e tentando descobrir onde ela está. A luz clara do amanhecer invade as janelas e Gwen precisa de alguns instantes para perceber onde se encontra: no Cume. No castelo do Rei.

Gwen sente algo nas palmas de suas mãos e, ao olhar para baixo, vê Krohn lambendo a sua mão e descansando a cabeça em seu colo. Ela acaricia a cabeça dele ao se sentar na beirada da cama, sem fôlego e lentamente organizando os seus pensamentos enquanto o seu pesadelo ainda povoa a sua mente.

*Guwayne*, ela pensa. O sonho havia parecido tão real. Ela sabe que aquilo tinha sido mais do que apenas um sonho - aquilo tinha sido uma premonição. Guwayne, onde quer que ele esteja, está em perigo. Ele está sendo raptado por alguma força maligna oculta. Ela pode sentir isso.

Gwendolyn fica em pé, sentindo-se agitada. Mais do que nunca, ela sente urgência em encontrar seu filho e seu marido. Não há nada que ela queira mais do que voltar a vê-lo e segurá-lo em seus braços. Mas ela sabe que isso é impossível.

Enxugando as lágrimas que escorrem pelo seu rosto, Gwen coloca seu roupão de seda, atravessa o chão frio de pedras de seu quarto e para diante da grande janela arqueada. Ela empurra o painel de vidro e, quando ela faz isso, deixa entrar a suave luz do amanhecer enquanto o dia amanhece lá fora, iluminando a paisagem com tons escarlate. A visão é de tirar o fôlego. Gwen olha para fora, apreciando o Cume, a impecável capital e os imensos campos, colinas e vinhedos que a cercam; aquele é o lugar mais abundante que ela já tinha visto. Além da capital, o azul do lago está iluminado pelo sol da manhã e, além dele, Gwen vê os picos do Cume cobertos de névoa, formando um círculo perfeito que protege o lugar. Aquela lugar parece inatingível.

Gwen pensa em Thorgrin e em Guwayne, perdidos em algum lugar além daqueles picos. Onde eles podem estar? Ela voltará a vê-los algum dia?

Gwen vai até a cisterna, lava o rosto e rapidamente se veste. Ela sabe que não encontrará Thorgrin e Guwayne sentada ali naquele quarto e, mais do que nunca, sente que é isso que ela deve fazer. Se há alguém que pode ajudá-la, essa pessoa é o Rei. Ele deve saber o que fazer.

Gwen recorda a conversa que tinha tido com ele ao caminharem pelo Cume para assistir a partida de Kendrick e se lembra dos segredos que ele havia revelado. Sua morte. A morte do Cume. Há mais segredos, mais informações que ele havia pretendido revelar-lhe, mas eles tinham sido interrompidos. Seus conselheiros o tinham levado para tratar de assuntos urgentes e, ao se afastar, o Rei havia prometido contar-lhe mais coisas e pedir-lhe um favor. O que pode ser esse favor? Ela se pergunta. O que ele quer que ela faça?

O Rei havia pedido que ela se encontrasse com ele na sala do trono ao amanhecer e Gwen se apressa em vestir-se, sabendo que já está um pouco atrasada. Seus sonhos a tinham deixado grogue.

Ao atravessar o quarto, Gwen sente uma pontada de fome, ainda afetada pela travessia do Grande Deserto, olha para a mesa de iguarias que haviam sido servidas para ela - pães, frutas, queijos e pudins - e rapidamente pega algumas coisas, comendo enquanto caminha. Ela pega mais do que realmente precisa e, enquanto avança, estica o braço e oferece metade de sua comida para Krohn, que geme ao seu lado, pegando a comida das mãos dela, ansioso para acompanhá-la. Ela se sente grata por toda aquela comida, abrigo e conforto, tendo a sensação de estar de volta ao Anel, no castelo da Corte do Rei onde havia passado a sua infância.

Guardas ficam a postos quando Gwen sai dos seus aposentos, empurrando a pesada porta de carvalho. Ela passa por eles, caminhando pelos corredores de pedra do castelo, ainda iluminados pelas tochas que tinham sido acesas na noite anterior.

Ela alcança o final do corredor e sobe uma escada em espiral feita de pedras, seguida por Krohn, até chegar ao andar superior, onde fica a sala do trono do Rei, já se sentindo familiarizada com o lugar. Ela atravessa outro corredor e está prestes a passar por uma abertura na parede pedras quando sente um movimento pelo canto do olho. Gwen se assusta, surpresa ao ver uma pessoa parada no meio das sombras.

"Gwendolyn?" ele diz com uma voz suave e forçada, emergindo das sombras com um sorriso presunçoso nos lábios.

Gwendolyn, surpresa, pisca os olhos e precisa de um tempo para reconhecê-lo. Ela havia conhecido tantas pessoas nos últimos dias, que suas lembranças estão confusas.

Mas aquele é um rosto que ela não teria sido capaz de esquecer. Afinal, ele é o filho do rei, o outro gêmeo, que havia se pronunciado contra ela durante o banquete.

"Você é o filho do Rei," ela diz, pensando em voz alta. "O terceiro mais velho."

Ele sorri, uma expressão astuta da qual Gwen não gosta, e dá um passo adiante.



"O segundo mais velho, na verdade," ele a corrige. "Somos gêmeos, mas eu nasci primeiro."

Gwen o observa quando ele dá mais um passo adiante e percebe que ele está impecável, com a barba feita, os cabelos penteados, usando perfumes e óleos e vestindo as roupas mais finas que ela já tinha visto. Ele exhibe uma expressão presunçosa, exalando arrogância e vaidade.

"Eu prefiro não ser considerado apenas um dos gêmeos," ele continua. "Sou um homem independente. Meu nome é Mardig. Ter um irmão gêmeo é apenas um detalhe do destino, algo que eu não pude controlar. O destino, diga-se de passagem, da coroa," ele conclui filosoficamente.

Gwen não gosta de estar na presença dele, ainda afetada pelo tratamento que havia recebido dele na noite anterior, e sente Krohn tenso ao seu lado quando os pelos do pescoço dele ficam eriçados. Ela está impaciente para saber o que ele deseja.

"Você tem o costume de se esconder nas sombras desses corredores?" ela pergunta.

Mardig sorri ao dar mais um passo adiante, chegando perto demais dela.

"Esse é o meu castelo, afinal," ele responde territorialmente. "Costumo andar por aí."

"Seu castelo?" Ela pergunta. "E não o castelo do seu pai?"

Sua expressão se torna mais sombria.

"Tudo no seu devido tempo," ele responde enigmaticamente, dando mais um passo adiante.

Involuntariamente, Gwendolyn dá um passo para trás, incomodada com a presença dele. Krohn começa a rosnar.

Mardig olha para Krohn com desdém.

"Você sabia que animais não dormem em nosso castelo?" ele comenta.

Gwen faz uma careta, sentindo-se irritada.

"Seu pai não me pareceu incomodado."

"Meu pai não faz cumprir as regras," ele responde. "Eu faço questão disso. E a guarda noturna está sob o meu comando."

Gwen fica frustrada.

"É por isso que você está aqui?" ela pergunta. "Para fazer o controle de animais?"

Ele também faz uma careta, percebendo, talvez, que havia encontrado alguém a sua altura. Ele a encara, olhando dentro dos olhos dela como se a estivesse avaliando.

"Não há uma única mulher em todo o Cume que não me deseje," ele declara. "Entretanto, não vejo paixão em seu olhar."

Gwen fica boquiaberta e horrorizada, finalmente percebendo o motivo de tudo aquilo.

"Paixão?" Ela repete, estupefata. "E por que eu sentiria isso? Sou casada e o amor da minha vida voltará em breve para o meu lado."

Mardig cai na gargalhada.

"É mesmo?" ele pergunta. "Pelo que ouvi, ele já morreu há muito tempo. Ou está tão perdido, que jamais conseguirá voltar até você."

O rosto de Gwendolyn se contorce à medida que sua raiva se acumula.

"E mesmo que ele jamais retorne," ela fala, "eu jamais amarei outra pessoa. E muito menos você."

Sua expressão se torna mais sombria.

Ela se vira para partir, mas ele estica o braço e a segura. Krohn rosna.

"Eu não costumo pedir pelo que eu quero," ele diz. "Eu simplesmente pego. Você está em um reino estranho, à mercê do seu anfitrião. Seria inteligente de sua parte fazer a vontade de seus captores. Afinal, sem a nossa hospitalidade, você será enviada de volta ao deserto. Muitas coisas terríveis podem acontecer acidentalmente com os nossos hóspedes, mesmo com anfitriões cuidadosos e bem intencionados."

Ela o encara, tendo visto muitas ameaças reais em sua vida para temer aqueles avisos insignificantes.

"Captores?" ela exclama. "É isso que você se considera? Eu sou uma mulher livre, caso você ainda não tenha notado. Posso ir embora agora mesmo, se assim decidir."

Ele cai na risada.

"E para onde você iria? De volta para o Grande Deserto?"

Ele sorri e balança a cabeça.

"Tecnicamente, você pode ser livre para partir," continua ele. "Mas deixe-me perguntar-lhe: quando o mundo é um lugar hostil, o que lhe resta?"

Krohn rosna agressivamente e Gwen sente que ele está prestes a atacar. Ela afasta a mão de Mardig de seu braço sentindo-se indignada e coloca a mão sobre a cabeça de Krohn, impedindo-o de atacar. Então, ao encarar Mardig novamente, ela de repente faz uma constatação.

"Diga-me, Mardig," ela diz com a voz fria e dura. "Por que você não está lá fora, lutando com o seu irmão no deserto? Por que você é a única pessoa que ficou para trás? O medo tomou conta de você?"

Ele sorri, mas atrás daquele sorriso Gwen é capaz de sentir sua covardia.

"O cavalheirismo é para os tolos," ele responde. "Tolos convenientes, que abrem caminho para que nós tenhamos o que quisermos. Use a palavra 'cavalheirismo' e eles podem ser usados como marionetes. Eu não me permito ser usada com tanta facilidade."

Ela olha para ele, sentindo-se enojada.

"Meu marido e os cavaleiros da Prata ririam de um homem como você," ela diz. "Você não sobreviveria por dois minutos no Anel."

Gwen olha para a saída que ele está bloqueando.

"Você tem duas opções," ela diz. "Você pode sair do caminho agora ou meu amigo Krohn fará a refeição que tanto deseja. Acho que você tem o tamanho ideal para ele."

Ele olha para Krohn e Gwen vê seus lábios tremendo. Ele dá um passo ao lado.

Mas ela não desiste com facilidade. Em vez disso, ela dá um passo adiante, aproximando-se dele para dar-lhe um recado.

"Você pode estar no comando deste castelo," ela dispara, "mas não esqueça que você está falando com uma Rainha. Uma rainha *livre*. Eu nunca seguirei o seu comando ou qualquer outro enquanto eu estiver viva. Já passei dessa fase. E isso me torna muito perigosa, muito mais perigosa do que você."

O Príncipe a encara e, para sua surpresa, sorri.

"Eu gosto de você, Rainha Gwendolyn," ele responde. "Mais do que eu pensava."

Gwendolyn, com o coração aos pulos, o observa se afastar, voltando para as sombras e desaparecendo pelo corredor. À medida que os passos dele ecoam pelas paredes do lugar, Gwen se pergunta que tipos de perigo aguardam por ela naquela corte.

## CAPÍTULO TRÊS

Kendrick avança através da paisagem árida do deserto com Brandt e Atme ao seu lado e meia dúzia dos cavaleiros da Prata, tudo o que resta da irmandade do Anel, cavalgando juntos como antigamente. Enquanto eles avançam, aventurando-se cada vez mais fundo no Grande Deserto, Kendrick é invadido pela nostalgia e pela tristeza; aquilo o faz pensar nos tempos áureos do Anel, quando ele vivia cercado pelos seus companheiros da Prata, dirigindo-se para mais uma batalha com milhares de seus homens. Ele havia lutado ao lado dos melhores cavaleiros do reino, todos eles guerreiros habilidosos, e por onde ele havia passado, trombetas haviam soado enquanto os habitantes do lugar se aproximavam para saudá-los. Ele e seus homens tinham sido bem recebidos em todos os lugares e costumavam ficar acordados até tarde, recontando histórias de batalhas, coragem e confrontos com monstros que viviam no Canyon ou, ainda pior, nas terras selvagens.

Kendrick pisca para tirar a poeira dos olhos e sai de seu devaneio. Aquilo tudo faz parte de seu passado e ele agora está em um lugar diferente. Ele olha para o lado e vê os homens da Prata, esperando ver milhares de outros homens atrás deles. Mas a realidade lentamente toma conta de Kendrick quando ele se dá conta de que aquilo é o resto da Prata, percebendo o quanto tudo havia mudado. Aqueles tempos de glória seriam restaurados?

A definição de um guerreiro havia mudado ao longo dos anos para Kendrick e, agora, ele sente que não é a habilidade ou a honra que fazem de um homem um guerreiro e sim a sua perseverança. A sua capacidade de seguir em frente. A vida nos impõe muitos obstáculos, calamidades, tragédias, perdas e, acima de tudo, mudanças; ele havia perdido mais amigos do que é capaz de dizer e o Rei a quem ele havia dedicado a sua vida já não está vivo. Até mesmo sua terra natal havia desaparecido. E, ainda assim, ele continua, mesmo sem saber por qual motivo. Kendrick sabe que está em busca dessa resposta. É essa habilidade de continuar, apesar das circunstâncias, que faz um verdadeiro guerreiro, forçando um homem a resistir ao teste do tempo quando tantos outros haviam ficado pelo caminho. É isso o que separa os verdadeiros guerreiros dos soldados passageiros.

"PAREDE DE AREIA ADIANTE!" grita uma voz.

Aquela é uma voz estranha, uma voz com a qual Kendrick ainda está se acostumando, e, ao olhar para o lado, ele vê Koldo, o filho mais velho do rei. Sua pele escura se destaca entre os outros membros do grupo enquanto ele lidera o pequeno exército para longe do Cume. Durante o pouco tempo desde que Kendrick o tinha conhecido, Koldo já havia conquistado o seu respeito pela maneira como ele lidera os seus homens e pela forma como eles o admiram. Kendrick tem orgulho em cavalgar ao lado daquele cavaleiro.

Koldo aponta para o horizonte e, ao olhar naquela direção, Kendrick ouve o que ele está tentando mostrar antes de conseguir ver qualquer coisa. Ao ouvir um assobio estridente como uma tempestade de vento, Kendrick pensa no tempo que havia passado no Grande Deserto e se lembra de ter atravessado aquilo quase inconsciente. Ele se lembra das areias revoltas, girando como um tornado que nunca termina e formando uma parede sólida que se ergue em direção ao céu. Aquilo havia lhe parecido intransponível como uma parede de verdade, ajudando a esconder o Cume do restante do Império.

À medida que o assobio se torna mais intenso, Kendrick começa a temer ter que passar por aquilo de novo.

"CACHECÓIS!" Grita uma voz.

Kendrick vê Ludvig, o mais velho dos gêmeos do Rei, esticar um longo tecido branco e enrolá-lo em torno de seu rosto. Todos os outros soldados seguem o seu exemplo, fazendo o mesmo.

O soldado que havia se apresentado como Naten e por quem Kendrick havia sentido antipatia imediata se aproxima dele. O soldado não havia demonstrado respeito pela posição de comando de Kendrick e havia lhe faltado com respeito.

Naten olha com desdém para Kendrick e seus homens ao mesmo tempo em que se aproxima.

"Você acha que está liderando essa missão," ele diz, "apenas porque o Rei assim ordenou. Mas não sabe que deve proteger os seus homens da Parede de Areia."

Kendrick o observa com a mesma intensidade, vendo em seus olhos que o homem nutre um ódio inexplicável por ele. A princípio, Kendrick havia pensado que ele estivesse apenas se sentindo ameaçado por ele, uma pessoa estranha, mas agora ele percebe que aquele homem simplesmente aprecia a sensação de ódio.

"Entregue os cachecóis para ele!" Koldo grita para Naten de maneira impaciente.

Quando algum tempo se passa e eles se aproximam ainda mais da parede, Naten finalmente estende o braço e arremessa o saco de cachecóis para Kendrick, acertando o seu peito com força.

"Distribua isso entre os seus homens," ele diz, "ou então, vocês serão cortados pela parede. A escolha é sua, eu realmente não me importo."

Naten se afasta, voltando para junto de seus homens, e Kendrick rapidamente distribui os cachecóis para os seus companheiros, aproximando-se de cada um deles. Então, Kendrick enrola seu próprio cachecol em torno de sua cabeça e de seu rosto, como ele tinha visto os habitantes do Cume fazendo, dando várias voltas até sentir-se seguro e ainda capaz de respirar. Ele mal consegue enxergar através do pano, vendo um mundo desfocado e escuro.

Kendrick se prepara ao se aproximar ainda mais da parede, cercado pelo som ensurdecedor das areias. A cinquenta metros de distância, o ar já está pesado e preenchido pelo som de milhares de grãos de areia batendo contra as armaduras. Um momento depois, ele começa a senti-los.

Kendrick entra na Parede de Areia e tem a sensação de estar perdido em um mar de areia revolto. O barulho é tão intenso que ele mal consegue ouvir o som de seu próprio coração batendo em seus ouvidos quando a areia envolve cada centímetro de seu corpo, lutando para parti-lo em pedaços. A parede de areia é tão intensa que ele não consegue ver Brandt ou Atme, que estão a apenas alguns metros dele.

"CONTINUEM EM FRENTE!" Kendrick grita para os seus homens, se perguntando se alguém é capaz de ouvi-lo ao mesmo tempo em que tenta confortá-los. Os cavalos relinham como loucos, diminuindo o ritmo e agindo de maneira estranha, e, ao olhar para baixo, Kendrick vê que a areia está entrando nos olhos deles. Ele chuta o seu cavalo, torcendo para que ele não pare de andar.

Kendrick continua avançando, pensando que aquilo não terá fim até que, finalmente, eles chegam ao outro lado. Ele continua correndo, seguido pelos seus homens, de volta ao Grande Deserto, que o espera com o céu aberto e uma grande imensidão vazia. A Parede de Areia gradualmente se acalma e, à medida que eles continuam cavalgando e a paz volta a se instaurar, Kendrick nota os habitantes do Cume olhando para ele e para os seus homens com surpresa.

"Vocês não acharam que sobreviveríamos?" Kendrick pergunta para Naten, que o encara.

Naten dá de ombros.

"De qualquer forma, pouco me importa," ele diz, afastando-se com seus homens.

Kendrick troca um olhar com Brandt e Atme, voltando a se perguntar sobre as intenções daquele povo do Cume. Kendrick sente que tem um grande caminho pela frente até conquistar a confiança daqueles homens. Afinal, ele e seus companheiros são pessoas estranhas, tendo sido responsáveis por aquele rastro que havia causado tanta confusão.

"Ali!" grita Koldo.

Kendrick olha para a frente e vê, no meio do deserto, a trilha deixada por ele e pelos outros sobreviventes do Anel. Ele vê todas as pegadas que eles haviam deixado, agora endurecidas no chão de areia, seguindo até o horizonte.

Koldo para diante das últimas pegadas e, com seus cavalos ofegantes, todos eles fazem o mesmo. Eles olham para o chão, analisando as pegadas.

"Eu pensei que o deserto as tivesse apagado," diz Kendrick com surpresa.

Naten faz uma careta.

"Esse deserto não apaga nada. Nunca chova aqui e o deserto se lembra de tudo. Essas pegadas que vocês deixaram teriam levado o Império até nós, resultando na destruição do Cume."

"Pare de provocá-lo," Koldo fala para Naten com agressividade, sua voz cheia de autoridade.

Kendrick, virando-se, vê Koldo por perto e é invadido por uma onda de gratidão.

"E por que eu deveria?" retruca Naten. "Essas pessoas criaram esse problema. Eu poderia estar em casa, em segurança no Cume."

"Continue assim," diz Koldo, "e eu o mandarei de volta agora mesmo. Você será expulso de nossa missão e terá que explicar ao Rei a forma desrespeitosa como você tratou o comandante dele."

Naten, finalmente humilhado, olha para o chão e se dirige ao outro lado do grupo.

Koldo olha para Kendrick, fazendo um gesto de respeito com a cabeça, de um comandante para o outro.

"Peço desculpas pela insubordinação dos meus homens," ele fala. "Como você sabe, um comandante nem sempre fala por todos os homens sob o seu comando."

Kendrick assente com respeito, admirando Koldo mais do que nunca.

"É esse o rastro do seu povo?" Koldo pergunta, olhando para o chão.

Kendrick assente.

"Aparentemente."

Koldo suspira e começa a seguir a trilha.

"Vamos segui-la até o final," ele diz. "Quando alcançarmos o fim, voltaremos apagando tudo."

Kendrick se mostra surpreso.

"Mas isso não deixará uma nova trilha quando voltarmos?"

Koldo faz um gesto e, quando Kendrick segue a direção de seus olhos, vê alguns objetos parecidos com ancinhos amarrados nas traseiras de seus cavalos.

"Varredores," explica Ludvig, aproximando-se de Koldo. "Eles irão apagar o nosso rastro enquanto avançamos."

Koldo sorri.

"Isso é o que mantém o Cume invisível para os nossos inimigos há tantos séculos."

Kendrick admira os objetos engenhosos e ouve um grito quando os homens chutam os seus cavalos e começam a seguir a trilha, galopando pelo deserto em direção ao horizonte vazio. Apesar de si mesmo, Kendrick olha para trás, dá uma última olhada na Parede de Areia e, por alguma razão, é invadido pela sensação de que eles jamais voltarão para aquele lugar.

## CAPÍTULO QUATRO

Erec fica na proa do navio acompanhado de Alistair e Strom enquanto observa com preocupação o estreitamento do rio. Sua pequena frota, tudo o que resta dos navios que haviam deixados as Ilhas do Sul, o seguem de perto, abrindo caminho por aquele rio sem fim à medida que entram cada vez mais fundo no território do Império. Em alguns pontos, o rio de águas límpidas tinha sido tão largo quanto o oceano e não tinha sido possível ver suas margens, mas agora, Erec observa o horizonte e vê que o rio está mais estreito, com apenas vinte metros de largura, e que suas águas estão ficando turvas.

O soldado profissional que existe dentro de Erec fica em alerta máximo. Ele não gosta de ficar em espaços confinados ao liderar seus homens e sabe que o estreitamento do rio deixará sua frota ainda mais suscetível a ataques inesperados. Erec olha para trás e não vê qualquer sinal da enorme frota do Império da qual eles haviam escapado em alto mar, mas isso não significa que eles não estejam lá fora em algum lugar. Ele sabe que o Império não irá desistir daquela perseguição até que eles sejam encontrados.

Com as mãos nos quadris, Erec olha para trás, analisando o território do Império estendendo-se interminavelmente em ambos os lados do rio, um solo de areia seca e rochas, sem árvores ou qualquer sinal de civilização. Erec vasculha as margens do rio e fica feliz, ao menos, em não ver qualquer tipo de forte ou batalhões do Império posicionados ao longo do rio. Ele quer avançar com sua frota até Volússia o mais rápido possível, encontrar Gwen e os outros, libertá-los e sair daquele lugar. Ele pretende levá-los para a segurança das Ilhas do Sul, onde será capaz de protegê-los. Erec não quer encontrar qualquer distração pelo caminho.

Mas, por outro lado, o silêncio sinistro e aquela paisagem desolada também o preocupam: O Império estaria se escondendo em algum lugar, preparando-se para atacá-los?

Erec sabe que existe um perigo ainda maior do que um ataque inimigo diante deles: a fome. Essa é uma preocupação ainda mais urgente. Eles estão atravessando o que é essencialmente um deserto vazio e todas as suas provisões estão praticamente esgotadas. Enquanto Erec fica ali, ele pode sentir um barulho em seu estômago, tendo imposto uma única refeição diária para si mesmo e para os seus homens há muito tempo. Ele sabe que se não encontrar algo em breve, eles terão um problema ainda mais sério em suas mãos. Aquele rio por acaso tem fim? Erec se pergunta. E se eles nunca encontrarem Volússia?

Ou pior: e se Gwendolyn e os outros não estiverem mais lá? Ou se já estiverem mortos?

"Mais um!" Strom dispara.

Erec olha para trás e vê um de seus homens puxando uma linha de pesca e um grande peixe amarelo se debatendo no convés do navio. O marujo pisa no peixe e Erec e os outros se aproximam, olhando para baixo. Ele balança a cabeça, sentindo-se desapontado: duas cabeças. Aquele é mais um dos peixes venenosos que parecem existir em abundância naquele rio.

"Esse rio é amaldiçoado," declara o homem, preparando sua vara mais uma vez.

Erec caminha até a grade lateral do navio e olha para a água com frustração. Ele sente uma presença e vê Strom se aproximando dele.

"E se esse rio não nos levar até Volússia?" pergunta Strom.

Erec consegue ver a preocupação na expressão de seu irmão, um sentimento que ele compartilha.

"Ele vai nos levar para algum lugar," Erec responde. "E nos levará para o norte. Se não chegarmos até Volússia, atravessaremos a pé e seguiremos lutando."

"Então vamos abandonar nossos navios? E como vamos sair desse lugar? Como voltaremos para as Ilhas do Sul?"

Erec lentamente balança a cabeça, suspirando.

"Pode ser que não voltemos," ele responde com sinceridade. "Nenhuma missão honrada é segura. Isso alguma vez nos impediu de agir?"

Strom olha para ele e sorri.

"Vivemos por situações como essa," ele responde.

Erec sorri e vê Alistair se aproximar dele, segurar a grade e começar a observar o rio que está ficando cada vez mais estreito. Seus olhos estão embaçados e ela tem um olhar distante; Erec percebe que ela está perdida em outro mundo. Ele também percebe outra coisa de diferente em Alistair, mas não sabe com certeza o que é, como se algum segredo a estivesse mantendo distante. Ele está morrendo de vontade de questioná-la, mas não quer se intrometer.

Um coral de alarmes soa e Erec, surpreso, se vira e olha para trás. Seu coração se parte ao ver o que se aproxima.

"APROXIMANDO-SE RÁPIDO!" grita um marujo de cima do mastro, apontando freneticamente. "FROTA DO IMPÉRIO!"

Erec, acompanhado de Strom, atravessa o convés de volta para a popa, correndo pelos seus homens, que se preparam para o confronto, pegando suas espadas e arcos e se preparando mentalmente para a batalha.

Erec chega até a popa, segura na grade e olha para fora, percebendo que é verdade: ali, apenas a cem metros de distância, na curva do rio, há uma fileira de navios do Império, exibindo suas velas pretas e douradas.

"Eles devem ter encontrado a nossa trilha," diz Strom ao seu lado.

Erec balança a cabeça.

"Eles estiveram nos seguindo durante todo esse tempo," ele fala, finalmente percebendo tudo.

"Estavam apenas esperando pelo momento certo."

"Esperando pelo quê?" pergunta Strom.

Erec se vira e olha por cima do ombro, em direção ao rio diante deles.

"Por aquilo," ele responde.

Strom se vira e analisa o estreitamento do rio.

"Eles esperaram até chegarmos ao ponto mais estreito do rio," explica Erec. "Até que estivéssemos navegando em fila única e fosse tarde demais para voltar. Eles nos têm exatamente onde queriam."

Erec olha para a frota e, enquanto fica ali parado, é invadido por uma sensação de extrema concentração, como costuma acontecer quando ele está liderando os seus homens em tempos de crise. Ele sente outra sensação invadir o seu corpo e, como sempre acontece em momentos como aquele, uma ideia começa a se formar em sua mente.

Erec olha para o seu irmão.

"Vá para o navio ao lado," ele ordena. "Fique na retaguarda de nossa frota. Tire todos os homens de cima do navio e os envie para o navio ao lado. Está me ouvindo? Esvazie aquele navio. Quando o navio estiver vazio, você será o último a abandoná-lo."

Strom olha para ele, sentindo-se confuso.

"Quando o navio estiver vazio?" ele repete. "Eu não estou entendendo!"

"Eu planejo naufragá-lo."

"Naufragar o seu próprio navio?" pergunta Strom estupefato.

Erec assente.

"No ponto mais estreito, onde as margens do rio se encontram, você vai virar o navio de lado e abandoná-lo. Isso irá criar um bloqueio, a barragem da qual precisamos. Ninguém será capaz de nos seguir. Agora vá!" Erec grita.

Strom parte para a ação, seguindo as ordens de seu irmão mesmo que ele não concorde totalmente com elas. Erec leva o seu navio para perto dos outros e Strom salta. Ao aterrissar no outro navio, ele começa a disparar ordens e os homens partem para a ação, saltando para o navio de Erec um de cada vez.

Erec fica preocupado ao ver os navios começando a se afastar.

"Segurem as cordas!" Erec grita para os seus homens. "Usem os ganchos e segurem os navios juntos!"

Seus homens seguem o seu comando, correndo para a lateral do navio, arremessando os ganchos no ar e prendendo-os no navio ao lado. Então, eles começam a puxar as cordas com todas as forças até que os navios param de se separar. Isso acelera o processo e dezenas de homens saltam de um barco para o outro, correndo para pegar suas armas com a mesma rapidez com que haviam abandonado o navio.

Strom supervisiona tudo, disparando ordens, se certificando de que todos os homens abandonem o navio e cercando-os até que não resta ninguém a bordo.

Strom olha para Erec, que o observa com satisfação.

"E o que eu faço com as provisões do navio?" Strom grita por cima do barulho. "E com as armas excedentes?"

Erec balança a cabeça.

"Esqueça tudo isso," Erec grita de volta. "Siga-nos e destrua o navio."

Erec se vira e corre até a proa, liderando a sua frota quando eles se aproximam do estreitamento.

"FILA ÚNICA!"

Todos os seus navios formam uma fila atrás dele quando eles alcançam o ponto mais estreito do rio. Erec continua avançando com sua frota e, ao fazer isso, ele olha para trás e vê a frota do Império se aproximando rápido, agora a apenas algumas centenas de metros de distância. Ele vê quando centenas de soldados do Império pegam seus arcos e se preparam para arremessar flechas, incendiando-as. Ele sabe que seus navios estão ao alcance do Império, não há tempo a perder.

"AGORA!" Erec grita para Strom assim que seu navio, o último da frota, entra no ponto mais estreito do rio.

Strom, observando e esperando, ergue sua espada e corta as cordas que prendem seu navio ao de Erec ao mesmo tempo em que salta para o navio de seu irmão. Ele corta as cordas no mesmo instante em que o navio abandonado alcança o estreitamento, navegando sem rumo.

"VIREM O NAVIO DE LADO!" Erec ordena.

Seus homens esticam os braços, agarram as cordas que ainda estão penduradas na lateral do navio e puxam com todas as forças até que navio, rangendo, lentamente se vira se lado contra a corrente. Finalmente, levado pela correnteza, o navio se prende firmemente às rochas e fica preso entre as duas margens do rio, rangendo à medida que a madeira começa a se partir.

"PUXEM COM MAIS FORÇA!" Erec grita.

Eles continuam puxando e Erec se junta a eles, gemendo ao puxar o navio com toda a sua força. Lentamente, eles conseguem virar o navio, segurando firme à medida que ele fica cada vez mais preso nas rochas.

Quando o navio para de se mover, alojado firmemente no lugar, Erec finalmente se sente satisfeito.

"CORTEM AS CORDAS!" ele grita, sabendo que aquele é o momento decisivo e sentindo o seu próprio navio começando a ceder.

Os homens de Erec cortam as cordas restantes, soltando o seu navio no momento certo.

O navio abandonado começa a se partir e seus destroços bloqueiam o rio. Um momento depois, o céu se escurece quando uma saraivada de flechas incendiadas do Império atravessa o ar na direção da frota de Erec.

Erec consegue tirar os seus homens do caminho bem a tempo: as flechas acertam o navio abandonado, caindo a apenas seis metros da frota de Erec e incendiando o navio, o que apenas cria mais um obstáculo entre eles e o Império. Agora, o rio está intransponível.

"Vamos em frente!" Erec grita.

Sua frota navega com agilidade, utilizando o vento para distanciar-se do bloqueio à medida que eles avançam mais ao norte, longe do alcance das flechas do Império. Mais flechas são arremessadas, caindo na água e chiando ao serem apagadas pelo rio.



Erec fica na proa do navio à medida que eles continuam avançando e assiste com satisfação quando a frota do Império é impedida de continuar pelo navio em chamas. Um dos navios do Império tenta atravessar mesmo assim, mas consegue apenas incendiar-se; centenas de soldados do Império agonizam, envoltos pelas chamas, e saltam para dentro do rio, deixando que seu navio crie um obstáculo ainda maior. Olhando para aquilo tudo, Erec deduz que o Império não será capaz de segui-los por muitos dias.

Erec sente uma mão forte em seu ombro e vê Strom sorrindo ao seu lado.

"Essa foi uma das suas estratégias mais inspiradoras," ele fala.

Erec sorri de volta.

"Você agiu muito bem," ele responde.

Erec volta a olhar para o rio, para as águas que o cercam por todos os lados, e ainda não se sente aliviado. Eles haviam vencido aquela batalha, mas quem sabe quais obstáculos eles ainda têm pela frente?

## CAPÍTULO CINCO

Volússia, vestindo seu manto dourado, fica em pé em seu trono, observando as centenas de degraus de ouro que ela havia construído como uma homenagem para si mesma, estica os braços e aproveita o momento. As ruas da cidade estão repletas de pessoas, cidadãos do Império, seus soldados e todos os seus novos devotos até onde seus olhos são capazes de enxergar; todos eles fazem saudações, encostando suas cabeças no chão ao amanhecer do dia. Eles estão cantando, emitindo um som suave e persistente enquanto participam da cerimônia matutina que ela havia criado e seguindo as ordens dos comandantes e ministros de Volússia, que haviam ordenado que eles optassem entre venerá-la ou morrer. Ela sabe que eles a estão admirando pois não têm outra escolha, mas aquilo em breve se tornará parte de suas rotinas.

"Volússia, Volússia, Volússia," eles entoam sem parar. "Deusa do Sol e deusa das estrelas. Mãe dos oceanos e mensageira solar."

Volússia olha para a frente e admira a sua nova cidade. Há estátuas douradas, erguidas em sua homenagem, espalhadas por toda a cidade, exatamente como ela havia ordenado. Todos os cantos da capital têm uma estátua de Volússia feita de ouro e, não importa para onde os habitantes olhem, não há escolha a não ser vê-la e admirá-la.

Finalmente, ela está satisfeita. Finalmente, Volússia é a Deusa que ela sempre soube ser.

Os cânticos preenchem o ar, assim como os incensos acesos em cada uma dos altares erguidos para ela. Homens, mulheres e crianças preenchem as ruas lotadas para saudá-la e Volússia se sente merecedora de toda aquela admiração. Ela havia passado por muitas coisas para chegar até ali, mas Volússia havia conseguido marchar até a capital, assumir seu controle e destruir todos os exércitos que haviam ousado opor-se a ela. Agora, finalmente, a capital lhe pertence.

O Império é seu.

Obviamente, seus conselheiros não pensam dessa forma, mas Volússia não se importa com as opiniões deles. Ela sabe que é invencível, estando em algum lugar entre o céu e a terra, e nenhuma força do mundo é capaz de destruí-la. Volússia não sente medo e sabe que aquilo tudo é apenas o começo. Ela quer conquistar ainda mais poder. Ela planeja visitar cada canto do Império e destruir todos aqueles que não concordam com ela e que se recusam a aceitar seu controle absoluto do Império. Ela pretende reunir um exército cada vez mais forte, até que todo o Império esteja sob o seu comando.

Pronta para começar o dia, Volússia desce do trono, pisando em um degrau de cada vez. Ela estica os braços e, quando a população dá um passo adiante, suas mãos se encostam, uma multidão de adoradores que a aceitam como uma deusa encarnada. Algumas pessoas, chorando, caem no chão à medida que Volússia passa diante delas enquanto centenas de outros habitantes da cidade formam uma ponte humana, ansiosos para que Volússia caminhe sobre eles. Ela faz a vontade deles, pisando em suas costas macias.

Finalmente, ela tem um grupo de fieis seguidores. Agora, é chegada a hora de ir para a guerra.

\*

Volússia observa o céu do deserto a partir dos parapeitos que cercam a capital com uma sensação de intensa realização. Ela não vê nada exceto os corpos de todos os homens que ela havia matado e um céu repleto de abutres, que sobrevoam a área dando voos rasantes para alimentar-se dos cadáveres. Uma brisa suave sopra do lado de fora da cidade e Volússia já consegue sentir o cheiro dos corpos em decomposição carregado pelo vento. Ela abre um largo sorriso ao ver aquela carnificina. Aqueles homens haviam ousado enfrentá-la, tendo pagado o preço por sua insubordinação.

"Não devemos enterrar os mortos, minha Deusa?" pergunta uma voz.

Volússia vê Rory, o comandante de suas forças armadas, um humano alto, de ombros largos e boa aparência, parado ao seu lado. Ela o tinha escolhido, promovendo-o acima de seus outros generais, por sua boa aparência e, também, por sua habilidade como comandante e sua disposição para ganhar a qualquer custo, assim como ela.

"Não," ela responde sem olhar para ele. "Quero que eles apodreçam sob o sol e que os animais se alimentem de seus corpos. Quero que todos saibam o que acontece com aqueles que ousam desafiar a Deusa Volússia."

Ele olha para os corpos, recuando.

"Como quiser, minha Deusa," ele responde.

Volússia vasculha o horizonte e, quando ela faz isso, Koolian, seu feiticeiro, vestindo um manto preto com capuz, com os olhos verdes brilhantes e seu rosto coberto de verrugas, a criatura que a tinha ajudado a assassinar sua própria mãe e um dos únicos membros de seu círculo mais íntimo em quem ela ainda confia, se aproxima, pondo-se a observar o horizonte junto com ela.

"Você sabe que eles estão em algum lugar lá fora," ele diz. "Que eles estão vindo atrás de você. Posso senti-los nesse exato momento."

Ela o ignora e continua olhando para a frente.

"Eu também," ela finalmente comenta.

"Os Cavaleiros dos Sete são muito poderosos, Deusa," Koolian fala. "Eles viajam com um exército de feiticeiros, um exército que nem mesmo você é capaz de enfrentar."

"E não se esqueça dos homens de Romulus," completa Rory. "Há relatos de que eles estão próximos de nossa costa, tendo finalmente retornado do Anel."

Volússia não se move e um longo silêncio paira no ar, interrompido apenas pelo uivo do vento.

Por fim, Rory diz:

"Não é possível manter o controle desse lugar. Ficar aqui resultará na morte de todos nós. Quais são as suas ordens, Deusa? Devemos abandonar a capital? Devemos nos render?"

Volússia finalmente se vira na direção dele e sorri.

"Temos que comemorar," ela responde.

"Comemorar?" ele pergunta com surpresa.

"Sim, vamos comemorar," ela responde. "Faremos isso até o fim. Reforcem os portões da cidade e abram a grande arena. É meu desejo que os cem próximos dias sejam passados com comemorações e jogos. Podemos morrer," ela conclui com um sorriso, "mas faremos isso sorrindo."

## CAPÍTULO SEIS

Godfrey corre pelas ruas de Volúsia acompanhado de Ario, Merek, Akorth e Fulton, ansioso para alcançar os portões da cidade antes que seja tarde demais. Ele ainda está exultante por ter tido sucesso ao sabotar a arena, envenenando o elefante, encontrando Dray e soltando-o no estádio no momento em que Darius mais havia precisado dele. Graças a ajuda de Godfrey e de Silis, a mulher Finiana, Darius havia vencido; ele tinha salvado a vida de seu amigo, o que o deixa um pouco aliviado da culpa que carrega por ter deixado que Darius caísse em uma armadilha; Obviamente, o papel de Godfrey havia sido executado nos bastidores, onde ele é capaz de dar o seu melhor, e Darius não teria sido o vencedor sem sua própria coragem e habilidade. Ainda assim, Godfrey o tinha ajudado.

Mas agora, tudo está saindo errado. Após o duelo, Godfrey havia pensado que encontraria Darius no portão da arena quando ele estivesse sendo levado e que poderia libertá-lo. Ele não tinha previsto que Darius seria escoltado pela saída traseira da arena para desfilarem pela cidade. Após a vitória de Darius, toda a multidão do Império havia começado a gritar o seu nome e os capatazes do Império haviam se sentido ameaçados por aquela popularidade inesperada. Inadvertidamente, eles haviam criado um herói e, então, decidem levá-lo para fora da cidade antes que uma revolução comece.

Agora, Godfrey corre com os outros para alcançar Darius antes que ele saia pelos portões da cidade e seja tarde demais. A estrada que leva até a capital é comprida e bem protegida, atravessando o Grande Deserto; quando Darius deixar a cidade, eles não terão como ajudá-lo. Godfrey precisa salvá-lo ou seus esforços terão sido inúteis.

Respirando com dificuldade, ele corre pelas ruas da cidade seguido por Merek e Ario, que ajudam Akorth e Fulton com suas grandes barrigas abrindo caminho.

"Não pare de andar!" Merek encoraja Fulton ao mesmo tempo em que o puxa pelo braço. Ario simplesmente dá cotoveladas nas costas de Akorth, fazendo-o gemer e forçando-o a se apressar quando ele diminui o ritmo.

Godfrey sente o suor escorrendo por seu pescoço enquanto corre e se culpa, mais uma vez, por ter bebido tanta cerveja. Ele pensa em Darius e força suas pernas cansadas a continuarem se movendo, atravessando uma rua após a outra até que, finalmente, eles passam embaixo de um longo arco de pedras e entram na praça central da cidade. Assim que eles fazem isso, os portões da cidade surgem a cem metros deles. Quando Godfrey olha para a frente, seu coração se parte ao ver que os portões estão sendo abertos.

"NÃO!" ele grita involuntariamente.

Godfrey entra em pânico ao ver a carroça de Darius, levada por cavalos, protegida por soldados do Império e cercada por barras de ferro como uma jaula sobre rodas, atravessando os portões.

Ele corre ainda mais rápido, mais veloz do que ele havia pensado ser capaz, desesperado para alcançá-lo.

"Nós não vamos conseguir," diz Merek, a voz da razão, colocando uma mão no braço dele.

Mas Godfrey se livra da mão de Merek e continua correndo. Ele sabe que aquela é uma causa perdida, a carroça está longe demais e protegida por muitos guardas, mas ele continua correndo até não ter mais forças para continuar.

Ele fica ali parado, no meio da praça e segurado por Merek, e coloca as mãos nos joelhos enquanto tenta recuperar o fôlego.

"Não podemos permitir que ele vá embora!" grita Godfrey.

Ario balança a cabeça, aproximando-se dele.

"Ele já se foi," ele fala. "Salve-se. Temos que sobreviver para lutar outro dia."

"Vamos conseguir salvá-lo de outra forma," completa Merek.

"Como!?" pergunta Godfrey, em desespero.

Ninguém sabe a resposta para aquela pergunta enquanto observam os portões de ferro se fechando atrás de Darius.

Godfrey pode ver a carroça de Darius através das grades dos portões, já bem afastado, dirigindo-se para o deserto e distanciando-se cada vez mais de Volússia. A nuvem de poeira atrás deles fica cada vez mais intensa, obscurecendo-os, e Godfrey sente seu coração se partir ao pensar que havia decepcionado todas as pessoas que ele conhece e perdido sua última chance de redenção.

O silêncio que se segue é interrompido pelo latido de um cão selvagem e Godfrey fica surpreso ao ver Dray surgir a partir de um dos becos da cidade, latindo e rosnando como um louco ao mesmo tempo em que corre atrás de seu mestre. Ele também está desesperado para salvar Darius e, ao alcançar os enormes portões da cidade, Dray salta e se joga contra eles, tentando inutilmente abrir caminho com suas presas.

Godfrey, horrorizado, observa quando os soldados do Império responsáveis pela guarda dos portões veem Dray e fazem um sinal. Um deles saca sua espada e se aproxima do cachorro, claramente se preparando para matá-lo.

Godfrey não sabe o que acontece em seguida, mas algo de repente toma conta dele. Aquilo tudo é muita injustiça para ele. Se ele não puder salvar Darius, ele deve, ao menos, salvar seu amado cão.

Godfrey ouve seu próprio grito e sente que está correndo, mas tudo aquilo lhe parece uma experiência extracorpórea. Com uma sensação surreal, ele se vê sacando a sua pequena espada e correndo para cima do guarda desavisado. Quando o homem finalmente se vira, Godfrey se vê enfiando a sua arma no coração do guarda.

O grande soldado do Império, incrédulo, olha para Godfrey com os olhos arregalados e fica parado no lugar por um instante. Em seguida, ele cai no chão, morto.

Godfrey ouve um grito e vê os outros dois guardas do Império partindo para cima dele. Eles carregam armas assustadoras e Godfrey sabe que não é páreo para eles. Ele irá morrer ali, diante daqueles portões, mas ao menos morrerá após seu gesto nobre.

Um rosnado corta o ar e Godfrey vê, pelo canto do olhos, quando Dray se vira e salta em cima do guarda que se aproxima de Godfrey. Ele enfia suas presas no pescoço do homem, prendendo-o no chão e mordendo-o até que o guarda para de se mover.

Ao mesmo tempo, Merek e Ario se aproximam e usam suas espadas curtas para golpear o guarda que está atrás de Godfrey, matando-o antes que ele possa fazer qualquer mal.

Todos eles ficam ali parados em silêncio enquanto Godfrey olha para aquela carnificina, espantado com o que tinha acabado de fazer e surpreso por ter aquele tipo de coragem. Dray se aproxima e lambe as costas das mãos de Godfrey.

"Eu não achei que você fosse capaz disso," diz Merek em tom de admiração.

Godfrey fica imóvel, ainda atordoado.

"Eu ainda não tenho certeza do que fiz," ele responde com sinceridade. Ele não tinha tido a intenção de fazer aquilo, tendo simplesmente agido por impulso. Aquilo ainda faz dele um herói? Ele se pergunta.

Akorth e Fulton olham em todas as direções, absolutamente assustados, procurando por qualquer sinal dos soldados do Império.

"Temos que sair daqui!" Akorth grita. "Agora!"

Godfrey sente braços em torno de seu corpo e se vê sendo levado embora. Acompanhado por Dray, ele se vira e corre com os outros, deixando a cidade e correndo na direção do que o destino lhes reserva.

## CAPÍTULO SETE

Darius, com os punhos algemados aos seus calcanhares por uma longa corrente e coberto de hematomas e ferimentos, encosta suas costas nas barras de ferro da carroça, sentindo-se sobrecarregado. Enquanto eles avançam, sacudindo pela estrada esburacada, ele olha para fora e observa o céu do deserto entre as barras de sua jaula com uma sensação de absoluto desamparo. Sua carroça passa diante de uma paisagem estéril que parece não ter fim; não há nada, exceto a desolação, até onde seus olhos são capazes de enxergar. É como se o mundo tivesse acabado.

A carroça de Darius é coberta, mas raios de sol atravessam as barras de sua jaula e ele sente o calor intenso do deserto atingindo-o em ondas, fazendo com que ele transpire até mesmo na sombra e aumentando o seu desconforto.

Mas Darius não se importa. Seu corpo está doendo dos pés à cabeça, coberto de hematomas, ele tem dificuldade para mover seus membros e está completamente exausto após os intermináveis dias de luta na arena. Incapaz de cair no sono, ele fecha os olhos e tenta apagar as lembranças de sua mente, mas todas as vezes que ele faz isso, as imagens das mortes de seus amigos Desmond, Raj, Luzi e Kaz voltam a assombrá-lo. Todos eles haviam morrido para que ele sobrevivesse.

Ele é o campeão, tendo conseguido fazer o impossível, mas isso não lhe importa agora. Ele sabe que a morte se aproxima; sua recompensa, afinal, é ser enviado para a capital do Império, tornando-se um espetáculo para a grande arena e enfrentando inimigos ainda piores. A recompensa por tudo aquilo, por todos os seus atos de bravura, é a morte.

Darius prefere morrer agora a ter que passar por tudo aquilo novamente. Mas não é ele quem decide isso; ele continua algemado ali, completamente indefeso. Por quanto tempo mais ele terá que suportar aquela tortura? Ele será obrigado a testemunhar a morte de todas as pessoas que ele ama antes de encontrar o seu próprio fim?

Darius fecha os olhos mais uma vez, tentando desesperadamente bloquear as suas lembranças; ao fazer isso, uma lembrança de sua infância invade os seus pensamentos. Ele está brincando diante da cabana de seu avô com um cajado nas mãos. Ele acerta uma árvore várias vezes até que seu avô se aproxima e tira a arma de suas mãos.

"Não brinque com isso," seu avô o adverte. "Você quer chamar a atenção do Império? Quer que eles pensem que você é um guerreiro?"

Seu avô havia partido o cajado ao meio e Darius tinha sido consumido pela raiva. Aquilo havia sido mais do que um simples pedaço de madeira: aquele era seu poderoso cajado, a única arma que ele tinha. Aquele cajado significava tudo para ele.

*Sim, quero que pensem que eu sou um guerreiro. Não há nada que eu queira mais nessa vida,* Darius pensa.

Mas quando seu avô havia lhe dado as costas e começado a se afastar, Darius não tinha tido coragem de dizer aquilo em voz alta.

Ele havia simplesmente pegado os dois pedaços de madeira no chão, segurando-os nas mãos enquanto lágrimas escorriam pelo seu rosto. Ele havia jurado vingar-se de todos eles por causa de sua vida, de sua vila, de sua situação, do Império e por todas as outras coisas que ele não podia controlar.

Ele acabaria com todos eles. E seria conhecido apenas como um grande guerreiro.

\*

Darius não sabe ao certo quanto tempo havia se passado quando ele finalmente desperta, mas percebe imediatamente que o brilho forte do sol manhã havia mudado para tons alaranjados, indicando que a tarde está chegando ao fim. O ar também está bem mais fresco e seus ferimentos haviam começado a cicatrizar, dificultando sua movimentação e impedindo-o de mudar de posição naquela carroça desconfortável. Os cavalos continuam avançando sem parar pelo chão duro do deserto e o barulho contínuo de sua cabeça

batendo contra as grades faz Darius sentir que seu crânio está prestes a se partir. Ele esfrega os olhos, removendo a poeira de seus cílios, e se pergunta quanto tempo falta para que eles cheguem até a capital. Ele tem a sensação de estar viajando para o fim do mundo.

Darius pisca algumas vezes e olha para fora da carroça, esperando ver, como sempre, o horizonte vazio e a vastidão do deserto. Mas desta vez, ao olhar para a paisagem, ele se surpreende ao ver outra coisa. Ele ajusta sua postura pela primeira vez.

A carroça começa a diminuir o ritmo, os cavalos se acalmam, a qualidade da estrada melhora e, ao analisar a nova paisagem, Darius vê algo que ele nunca será capaz de apagar de sua mente: erguendo-se a partir do deserto como uma civilização perdida, os muros de uma cidade se estendem até onde seus olhos são capazes de enxergar. O muro apresenta enormes portões dourados e, ao ver os parapeitos repletos de soldados do Império, Darius imediatamente percebe que eles haviam chegado à capital.

Darius nota que a carroça está fazendo um barulho diferente e, ao olhar para baixo, vê que eles estão passando em cima de uma ponte levadiça. Eles passam diante de centenas de soldados do Império, alinhados ao longo da ponte, que entram em atenção ao vê-los se aproximando.

Um barulho corta o ar e Darius vê os grandes portões dourados se abrindo completamente como se para recebê-lo de braços abertos. Ele vê o brilho da cidade mais magnífica que ele já havia conhecido e sabe, sem sombra de dúvidas, que aquele é um lugar de onde ele jamais será capaz de escapar. Como se para confirmar seus pensamentos, Darius ouve um rugido distante que ele reconhece imediatamente: aquele é o barulho de uma nova arena, de homens com sede de sangue; o som do lugar que certamente será o local de seu último suspiro. Ele não tem medo e apenas reza para que Deus lhe permita morrer em pé, com uma espada nas mãos, em um último ato de bravura.

## CAPÍTULO OITO

Thorgrin, com as mãos trêmulas e transpirando, puxa a corda dourada uma última vez com Angel em suas costas, finalmente atingindo o topo do penhasco, e coloca seus joelhos em terra firme ao mesmo tempo em que tenta recuperar o fôlego. Ele olha para baixo, vê seu navio dezenas de metros abaixo deles, na base do penhasco, parecendo pequeno enquanto é balançado pelas ondas, e se surpreende com a distância que ele havia escalado. Ele ouve gemidos ao seu redor e, ao se virar, vê Reece, Selese, Elden, Indra, O'Connor e Matus terminando a subida e finalmente chegando à Ilha da Luz.

Thor permanece de joelhos, seus músculos exaustos e observa a Ilha da Luz que se estende diante de seus olhos enquanto seu coração é invadido mais uma vez por uma nova onda de apreensão. Antes mesmo de ver a cena terrível, Thorgrin é capaz de sentir o cheiro das brasas e da forte nuvem de fumaça que perdura no ar. Ele também sente o calor das chamas latentes e pode ver os danos causados ao restante da ilha após o ataque das criaturas desconhecidas que haviam destruído o lugar. A ilha está completamente preta, queimada e destruída; tudo o que havia existido naquele lugar idílico e que havia lhe parecido invencível, agora tinha sido reduzido a cinzas.

Thorgrin fica em pé e não perde tempo. Ele começa a aventurar-se pela ilha, com o coração aos pulos enquanto procura Guwayne por todas as partes. Ao observar a condição em que a ilha se encontra, ele evita pensar no que pode vir a descobrir naquele lugar.

"GUWAYNE!" Thorgrin grita enquanto corre pelas colinas incendiadas, usando as mãos para proteger sua boca e nariz.

Sua voz ecoa através das colinas, como se estivesse zombando dele. E então, não há nada exceto o silêncio.

Um guincho solitário atravessa o céu bem acima deles e, ao olhar para cima, Thor vê que Lycoples continua voando em círculos. Lycoples guincha mais uma vez, mergulha baixo no céu e então voa na direção do centro da ilha. Thor imediatamente sente que ela o está levando até o local onde seu filho se encontra.

Ele começa a correr junto com os outros, atravessando a paisagem desolada e procurando seu filho por todos os lados.

"GUWAYNE!" Ele grita mais uma vez. "RAGON!"

Ao assimilar toda a devastação da paisagem carbonizada, ele tem cada vez mais certeza de que nada poderia ter sobrevivido ali. Aquelas colinas que um dia já tinham sido cobertas por árvores e gramados verdejantes agora não passam de cinzas. Thor se pergunta que tipos de criaturas, além dos dragões, podem ter causado tanta destruição e, acima de tudo, quem está no controle delas e por que elas tinham sido enviadas até ali. Por que o seu filho é tão importante que alguém teria se dado ao trabalho de enviar um exército atrás dele?

Thor observa o horizonte, procurando algum sinal deles, mas seu coração se parte ao não ver coisa alguma. Em vez disso, ele vê apenas as chamas fracas das colinas em brasa.

Ele quer acreditar que Guwayne tenha sobrevivido de alguma forma. Mas ele não vê como isso teria sido possível. Se um feiticeiro poderoso como Ragon não tinha sido capaz de enfrentar as forças ocultas que haviam estado ali, como ele poderia ter salvado o seu filho?

Pela primeira vez desde que havia partido naquela missão, Thor está começando a perder as esperanças.

Eles correm sem parar, subindo e descendo as colinas, e, à medida que eles alcançam o topo de uma pequena montanha O'Connor, à frente do grupo, de repente começa a apontar para a frente com animação.

"Ali!" ele grita.

O'Connor aponta para os restos de uma árvore antiga, agora carbonizada e com os galhos retorcidos. Ao observar mais de perto, Thor vê um corpo imóvel deitado perto da árvore.



Thor imediatamente sente que aquele é Ragon. E ele não vê qualquer sinal de seu filho.

Thor, cheio de angústia, corre para a frente e, ao alcançá-lo, cai de joelhos ao lado do corpo, ainda à procura de Guwayne. Ele havia esperado encontrar Guwayne enrolado no manto de Ragon ou em algum lugar perto dele, talvez escondido atrás de uma rocha.

Mas seu coração se parte ao ver que Guwayne não está em parte alguma.

Thor estica o braço e lentamente vira o corpo de Ragon, seu manto carbonizado, rezando para que ele não esteja morto. Ao virá-lo, Thor sente uma ponta de esperança ao ver as pálpebras dele se movendo. Thor estica os braços e segura os ombros ainda quentes de Ragon, remove seu capuz e fica horrorizado ao ver seu rosto queimado e desfigurado pelas chamas.

Ragon engasga e começa a tossir e Thor pode ver que ele está lutando pela sua própria vida. Thor é invadido pela tristeza ao presenciar aquilo, vendo aquele homem que havia sido tão bondoso com eles naquelas condições por ter defendido a ilha na tentativa de proteger seu filho. Thor não consegue evitar a sensação de culpa que toma conta dele.

"Ragon," diz Thorgrin com a voz embargada. "Perdoe-me."

"Sou eu que devo lhe pedir desculpas," Ragon responde com a voz áspera, quase incapaz de pronunciar as palavras. Ele tosse por um tempo e, então, finalmente continua. "Guwayne..." ele começa a dizer, mas então se silencia.

O coração de Thor bate acelerado dentro de seu peito, sem querer ouvir a notícia e temendo o pior. Como ele conseguirá encarar Gwendolyn outra vez?

"Conte-me tudo," pede Thor, ainda segurando os ombros de Ragon. "Ele está vivo?"

Ragon arqueia por um longo tempo, tentando recuperar o fôlego, e Thor gesticula para O'Connor, que se aproxima e lhe entrega um pouco de água. Thor derrama o líquido sobre os lábios de Ragon, que bebe ao mesmo tempo em que continua tossindo.

Finalmente, Ragon balança a cabeça.

"Pior," ele diz, sua voz apenas um sussurro. "A morte teria sido sua salvação."

Ragon fica em silêncio e Thor sofre por antecipação, desejando que ele continue.

"Eles o levaram embora," Ragon finalmente fala. "Eles o arrancaram dos meus braços. Todos eles vieram aqui em busca de Guwayne."

O coração de Thor se sobressalta ao imaginar seu precioso filho sendo sequestrado por aquelas criaturas horríveis.

"Mas quem?" Thor pergunta "Quem está por trás disso? Quem é mais poderoso do que você e capaz de fazer isso? Eu pensei que o seu poder, assim como o de Argon, fosse superior ao de todas as criaturas desse mundo."

Ragon assente.

"Todas as criaturas desse mundo, sim," ele afirma. "Mas essas criaturas não são desse mundo. Elas também não são criaturas do inferno, mas de um lugar ainda pior: a Terra de Sangue."

"Terra de Sangue?" Pergunta Thor, surpreso. "Já fui ao inferno e voltei," continua Thor. "Que lugar pode ser ainda pior?"

Ragon balança a cabeça.

"A Terra de Sangue é mais do que um lugar. É um estado. É um mal ainda mais obscuro e poderoso do que você pode imaginar. Aquele lugar pertence ao Lorde do Sangue e tem se tornado mais poderoso ao longo das gerações. Há uma guerra entre os Reinos. Uma batalha antiga entre o bem e o mal. Uma disputa entre as partes para conquistar o controle de tudo. Receio que Guwayne seja a chave: quem tiver controle sobre ele é capaz de ganhar e obter o domínio sobre o mundo. Para sempre. Isso é o que Argon nunca lhe contou. O que ele ainda não poderia ter lhe contado. Você ainda não estava pronto. É para isso que ele estava preparando: para uma guerra pior do que você é capaz de imaginar."

Thor suspira, tentando compreender.

"Eu não entendo," ele fala. "Eles não pegaram Guwayne para matá-lo?"

Ele balança a cabeça.

"É muito pior. Eles o levaram para criá-lo como um deles, para fazer dele o demônio do qual precisamos para realizar a profecia e destruir tudo o que o universo tem de bom."

Thor, estupefato, tenta processar tudo aquilo com o coração acelerado.

"Então, eu o buscarei," Thor diz, invadido por uma forte determinação, especialmente ao ouvir Lycoples, desejando vingança tanto quanto ele, voando e guinchando acima deles.

Ragon estica o braço e segura o pulso de Thor com força surpreendente para um homem prestes a morrer. Ele olha dentro dos olhos de Thor com uma intensidade que o assusta.

"Você não pode fazer isso," ele diz com firmeza. "A Terra de Sangue é muito poderosa para que qualquer humano possa sobreviver. O preço para entrar naquele lugar é alto demais. Marque minhas palavras, mesmo com todos os seus poderes você certamente morrerá se for até lá. *Todos* vocês morrerão. Você ainda não é forte o suficiente. Você precisa de mais treinamento. É preciso nutrir os seus poderes antes. Ir até lá agora será uma insensatez. Você não conseguirá resgatar o seu filho e todos vocês serão destruídos."

Mas o coração de Thor está decidido.

"Eu já encarei a escuridão e as forças mais poderosas do mundo," Thorgrin diz. "Incluindo meu próprio pai. Eu nunca recuei diante do medo. Vou enfrentar esse Lorde do mal, sejam quais forem os seus poderes; entrarei na Terra de Sangue, seja qual for o preço. Estamos falando do meu filho. Vou salvá-lo ou morrerei tentando."

Ragon balança a cabeça, tossindo.

"Você ainda não está pronto," ele diz com a voz fraca. "Não... pronto... Você precisa... de poderes... Você precisa... do... anel," ele fala, começando a tossir sangue.

Thor o encara, desesperado para saber o que ele quer dizer antes que ele morra.

"Que anel?" Thor pergunta "A nossa terra natal?"

Um longo silêncio se segue, pontuado apenas pela respiração laboriosa de Ragon, até que ele finalmente abre um pouco os olhos.

"O... anel sagrado."

Thor segura os ombros de Ragon, torcendo para que ele responda, mas de repente, ele sente o corpo de Ragon enrijecendo em suas mãos. Seus olhos param de se mover, um suspiro profundo se segue e, pouco depois, ele para de respirar e fica perfeitamente imóvel.

Morto.

Thor é invadido por uma onda de agonia.

"NÃO!" Ele joga a cabeça para trás e chora. Thor soluça descontroladamente e abraça Ragon, aquele homem generoso que havia se sacrificado na tentativa de salvar seu filho. Ele é tomado pela sensação de tristeza e culpa ao mesmo tempo em que seu corpo é invadido por uma nova determinação.

Ele olha para o céu e sabe o que precisa fazer.

"LYCOPLES!" Thor grita, o grito angustiado de uma pai desesperado, cheio de fúria e sem mais nada a perder.

Lycoples ouve o seu chamado: ela guincha, voando alto no céu, sua fúria se igualando à de Thor, e começa a voar mais baixo até aterrissar a alguns metros deles.

Sem hesitar, Thor corre até ela, salta sobre suas costas e segura firme em seu pescoço. Ele se sente energizado por estar nas costas de um dragão mais uma vez.

"Espere!" O'Connor grita, correndo até eles junto com os outros. "Onde você está indo?"

Thor olha dentro dos olhos deles.

"Para a Terra de Sangue," ele responde, sentindo-se mais decidido do que nunca antes em toda a sua vida. "Salvarei meu filho. Seja qual for o custo."

"Você será derrotado," diz Reece com preocupação, dando um passo adiante.

"Então serei derrotado com honra," Thor responde.

Thor olha para cima, observando o horizonte, vê a trilha das gárgulas desaparecendo no céu e sabe que é para lá que ele deve ir.

"Então você não irá sozinho," retruca Reece, "Seguiremos a sua trilha pelo mar e nos encontraremos lá."

Thor assente, aperta suas pernas em torno de Lycoples e, de repente, é invadido pela sensação familiar de voar sobre as costas de um dragão.

"Não, Thorgrin," grita uma voz angustiada atrás dele.

Ele sabe que aquela é a voz de Angel e sente uma pontada de dor ao se afastar dela.

Mas ele não pode voltar atrás. Seu filho continua perdido e, mesmo diante da possibilidade da morte, Thor está decidido a encontrá-lo e a matar todas aquelas criaturas.

## CAPÍTULO NOVE

Gwendolyn, acompanhada por Krohn, atravessa as grandes portas arqueadas da sala do trono, abertas por vários atendentes, e fica impressionada com a visão diante dela. Ali, sentado sozinho no trono do lado oposto da sala, está o Rei. Ela se aproxima, caminhando pelo corredor de pedras portuguesas sob a luz do sol que invade o lugar através dos vitrais e que ilumina a sala do trono, repleta de imagens de cavaleiros antigos em cenas de batalha. Aquele lugar é sereno e assustador ao mesmo tempo, inspirador e assombrado pelos fantasmas do passado do Rei. Ela pode sentir a forte presença deles no ar, fazendo com que ela se lembre, de muitas formas, da Corte do Rei. De repente, Gwen é invadida por uma profunda tristeza à medida que o lugar a faz sentir ainda mais falta de seu pai.

O Rei MacGil continua sentado em seu trono com uma expressão séria, perdido em pensamentos e Gwen pressente que ele está sendo atormentado pelo peso das responsabilidades de governar o seu reino. O rei lhe parece um homem solitário, prisioneiro daquele lugar, como se o peso do reino estivesse sobre os seus ombros. Ela compreende aquela sensação muito bem.

"Ah, Gwendolyn," ele diz, ficando mais animado ao vê-la.

Ela espera que ele permaneça em seu trono, mas ele imediatamente se levanta e se apressa em descer os degraus de marfim com um sorriso humilde e caloroso nos lábios, sem a pretensão comum aos reis e ansioso para cumprimentá-la. A humildade do rei deixa Gwendolyn aliviada, sobretudo após o encontro dela com seu filho, que a tinha deixado extremamente abalada. Ela se pergunta se deve contar tudo ao rei, mas, pelo menos por enquanto, acaba decidindo permanecer em silêncio e ver o que acontecerá em seguida. Gwen não quer parecer ingrata ou começar aquele encontro de modo negativo.

"Não consigo pensar em outra coisa desde a nossa conversa de ontem," ele fala, aproximando-se para abraçá-la calorosamente, Krohn, ao lado dela, geme e encosta o focinho na mão do Rei, que olha para baixo e sorri. "E quem é esse?" ele pergunta.

"Krohn," ela responde, aliviada que o Rei aparente gostar dele. "Meu leopardo ou, para ser mais exata, o leopardo do meu marido. Embora eu suponha que ele agora seja tão meu quanto dele."

Para seu alívio, o rei se ajoelha, segura a cabeça de Krohn em suas mãos e acaricia a sua pelagem, beijando-o sem demonstrar medo. Krohn retribui o gesto, lambendo o seu rosto.

"Um belo animal," ele diz. "Uma grande mudança, comparado aos cachorros comuns que temos por aqui."

Gwen olha para ele com surpresa ao recordar as palavras de Mardig.

"Então animais como Krohn não têm permissão para viver aqui?" ela pergunta.

O rei joga a cabeça para trás e ri.

"É claro que sim," ele responde. "E por que não teriam? Alguém por acaso lhe disse o contrário?"

Gwen pondera se deve contar ao rei sobre seu encontro e decide permanecer calada; ela não quer se vista como uma fofoqueira e tem interesse em descobrir mais sobre aquele povo e aquela família antes de chegar a qualquer conclusão e se envolver com todo aquele drama familiar. É melhor, ela pensa, ficar em silêncio por enquanto.

"Você queria me ver, meu Rei?" ela pergunta, mudando de assunto.

A expressão no rosto do Rei imediatamente se torna séria.

"Sim," ele responde. "Nossa conversa foi interrompida ontem e ainda há muito a discutir."

Ele se vira e faz um gesto para que ela o siga; ambos caminham juntos e seus passos ecoam pela sala à medida que eles a atravessam em silêncio. Gwen olha para cima e, enquanto eles avançam, admira os tetos abobadados e o brasão, troféus, armas e armaduras pendurados nas paredes. Gwen admira a ordem daquele lugar e o orgulho com o qual aqueles cavaleiros enfrentam suas batalhas. Aquele lugar a faz pensar em tudo que havia existido no Anel.

Eles atravessam a sala e, ao alcançarem o lado oposto e passarem por outro conjunto de portas duplas feitas de madeira espessa, eles chegam até uma sacada enorme, adjacente à sala do trono, com vinte metros de largura e profundidade e cercada por uma balaustrada de mármore.

Ela segue o Rei até a beirada e, apoiando as mãos no mármore macio, e põe-se a observar a paisagem. A cidade do Cume se desdobra diante dela, pontuada pelos telhados angulosos das antigas casas construídas em diferentes formatos, próximas umas das outras. Aquela é certamente uma cidade que havia crescido ao longo dos anos, aconchegante, íntima e marcada pelo tempo. Com seus picos e pináculos, o lugar parece uma cidade de contos de fadas, sobretudo por causa das águas azuis que brilham sob o sol e, atrás delas, os cumes altíssimos da serra, erguendo-se em círculos em torno da cidade como uma grande barreira de proteção.

Protegida do mundo exterior, Gwen não consegue imaginar qualquer mal capaz de atingir aquela cidade.

O Rei suspira.

"É difícil imaginar que este lugar esteja morrendo," ele fala. Gwen percebe que eles estão pensando na mesma coisa.

"É difícil imaginar," ele continua, "que *eu* esteja morrendo."

Gwen vira na direção do rei e percebe que seus olhos azuis estão cheios de tristeza. Ela sente uma onda de preocupação.

"Qual é o problema, meu senhor?" ela pergunta. "Certamente, seja o que for, há algo que seus curandeiros possam fazer?"

Lentamente, ele balança a cabeça.

"Já me consultei com todos eles," o rei responde. "Os melhores do reino, é claro. Eles não têm uma cura. O câncer está se espalhando pelo meu corpo."

Ele suspira, olhando para o horizonte, e Gwen é invadida por uma onda de tristeza por causa do rei. Por que será, ela se pergunta, que as pessoas do bem são frequentemente afetadas por uma tragédia, enquanto as pessoas do mal, de alguma forma, conseguem prosperar?

"Eu não sinto pena de mim mesmo," continua o Rei. "Aceito o meu próprio destino. O que me preocupa não é o meu bem-estar, mas o meu legado. Meus filhos. O meu reino. É só isso que me importa agora. Não posso planejar o meu próprio futuro, mas posso planejar o deles."

Ele olha para ela.

"E é por isso que a chamei até aqui."

Gwendolyn sente por ele e sabe que fará qualquer coisa para ajudá-lo.

"Por mais que eu esteja disposta," ela responde, "não sei o que posso fazer para ajudá-lo. Você tem o reino inteiro ao seu dispor. O que eu posso lhe oferecer que os outros também não possam?"

Ele suspira.

"Compartilhamos os mesmos ideais," ele fala. "Você quer ver o Império destruído, assim como eu. Você sonha com o futuro de sua família e do seu povo, anseia por um lugar seguro, longe das garras do Império, assim como eu. Temos um lugar assim aqui, na proteção do Cume. Mas esse não é um lugar de verdade. Pessoas livres podem ir para onde bem quiserem e isso não é possível aqui. Não estamos vivendo em liberdade aqui, estamos simplesmente nos escondendo. Há uma diferença importante entre essas duas coisas."

Ele suspira.

"Obviamente, vivemos em um mundo imperfeito e é possível que este seja o melhor que o nosso mundo tem a oferecer. Mas eu acredito que não."

Ele fica em silêncio por um longo tempo e Gwen começa a se perguntar onde ele pretende chegar com tudo aquilo.

"Vivemos nossas vidas com medo, assim como meu pai fez antes de mim," ele finalmente continua, "medo de sermos descobertos, medo que o Império nos encontre aqui no Cume, medo que eles cheguem até aqui e tragam a guerra até nossos lares. E guerreiros não devem viver com medo. Há uma linha tênue entre proteger o seu castelo e ter medo de andar livremente. Um grande guerreiro é capaz de fortificar seus portões e proteger o seu castelo, mas um guerreiro ainda maior pode deixá-los abertos e enfrentar qualquer pessoa que se aproxime."

Ele olha para ela e Gwen percebe a determinação em seu olhos, sentindo a força que emana dele. Naquele momento, ela percebe por que ele é o Rei.

"É melhor morrer enfrentando o inimigo com coragem do que esperar em segurança que ele se aproxime de nossos portões."

Gwen fica atônita.

"Então você pretende," ela diz, "atacar o Império?"

Ele a encara e Gwen ainda não consegue compreender sua expressão e o que está passando pela cabeça dele.

"Sim," ele responde. "Mas essa não é uma decisão muito popular. Da mesma forma que não foi uma decisão popular no tempo dos meus ancestrais, o que explica por que eles nunca agiram. Você vê, a segurança e a abundância costumam acalmar as pessoas, deixando-as relutantes em abrir mão do que possuem. Se eu tivesse começado uma guerra, teria tido o apoio de muitos bravos cavaleiros, mas também teria enfrentado a relutância de muitos cidadãos. E, talvez, até mesmo uma revolução."

Gwen observa os picos do Cume, cobrindo todo o horizonte, com os olhos de uma Rainha, da estrategista profissional que ela havia se tornado.

"Parece praticamente impossível que o Império seja capaz de atacá-los," ela responde, "mesmo que eles consigam de alguma forma encontrá-lo. Como eles conseguirão escalar aquelas paredes? Atravessar o lago?"

Ele coloca as mãos nos quadris e estuda o horizonte ao lado dela.

"Nós certamente teríamos uma vantagem," ele responde. "Poderíamos matar cem soldados do Império para cada um dos nossos homens. O problema é que eles têm milhões em seu exército e nós temos apenas alguns milhares de homens. Eventualmente, eles venceriam."

"Você acredita que eles sacrificariam milhões de pessoas para conquistar um canto pequeno do Império?" ela pergunta, sabendo a resposta antes mesmo de terminar de pronunciar as palavras. Afinal, ela havia testemunhado em primeira mão o que eles tinham feito para atacar o Anel.

"Eles são absolutamente implacáveis quando a questão é a conquista," ele diz. "Eles são capazes de sacrificar qualquer coisa. É assim que eles agem. Eles nunca desistirão. Sei disso com absoluta certeza."

"Mas como eu posso ajudá-lo, meu Rei?" ela pergunta.

Ele suspira, observando a paisagem em silêncio por um longo tempo.

"Eu preciso que você me ajude a salvar o Cume," ele finalmente responde, olhando para ela com uma expressão de seriedade nos olhos.

"Mas como?" ela pergunta confusa.

"Nossas profecias falam da chegada de um forasteiro," ele fala. "De uma mulher. Uma mulher de outro reino, vinda do outro lado do oceano. As profecias dizem que ela salvará o Cume, liderando o seu povo através do deserto. Eu nunca soube o que isso queria dizer até você chegar. Eu acredito que essa mulher seja você."

Gwen sente um calafrio ao ouvir aquelas palavras; seu coração ainda está sofrendo por causa do exílio do seu povo, da destruição do Anel e da falta de Thor e Guwayne. Ela não consegue suportar a ideia de ser forçada a assumir outro posto de liderança.

"O Cume está morrendo," ele continua enquanto ela permanece ali em silêncio. "A cada dia, a nossa costa, fonte de nossa água, seca um pouco mais. Quando meus filhos estiverem velhos, as águas terão

sido substituídas pela seca e a fonte de nossos alimentos terá sido destruída. Devo pensar no futuro, já que meus ancestrais recusaram-se a fazê-lo. Tomar uma atitude agora não é mais uma opção, é uma necessidade."

"Mas o que você planeja fazer?" ela pergunta.

Ele suspira, observando o horizonte.

"Há uma maneira de salvar o Cume," ele fala. "Dizem que ela está escrita nos livros antigos, protegidos pelos Seguidores da Luz."

Ela o encara, incapaz de compreender.

"Seguidores da Luz?" pergunta Gwen.

"Você vê, meu reino também está infectado por um câncer," explica ele. "Por mais perfeito que tudo possa lhe parecer ao caminhar pelas nossas ruas, tudo aqui está longe da perfeição. Uma veia cresce entre o meu povo, que estão sendo guiados pela crença. Uma religião. Um culto. Os Seguidores da Luz. Eles ganham mais seguidores a cada dia e já se espalharam por todos os cantos da minha capital. Isso tudo já afetou o coração da minha própria família. Você é capaz de imaginar isso? Até mesmo a família real?"

Ela tenta processar tudo aquilo, mas não consegue acompanhar a história do rei.

"Eldof. Esse é o nome do líder, um humano como nós, que acredita ser um Deus. Ele prega a sua falsa religião para todos os seus falsos profetas e eles fazem tudo o que ele ordena. Temo que ele tenha mais pessoas dispostas a seguir os seus comandos do que eu."

Ele a encara com uma expressão de preocupação em seu rosto marcado pelo tempo.

"Estou em uma posição delicada aqui," ele completa. "Todos nós estamos. E não apenas por causa do que nos espera além do Cume."

Muitas perguntas invadem a mente de Gwen, mas ela não quer parecer curiosa; em vez disso, ela lhe dá tempo para pensar em tudo aquilo e lhe dizer o que deseja dela.

"Há rumores de que os livros antigos estejam guardados dentro do monastério dele," o rei finalmente diz após um longo tempo silêncio, durante o qual ele havia cofiado a sua barba, olhando para baixo como se estivesse perdido em seus próprios pensamentos. "Já vasculhei o lugar várias vezes, sem sucesso. É claro, é possível que os livros não existam, mas eu não acredito nisso. Eu acredito que eles guardem as resposta."

Ele olha para ela.

"Preciso que você entre no monastério," ele fala. "Fique amiga de Eldof. Encontre os livros. Descubra o segredo necessário para salvar o meu povo."

Gwen se esforça para acompanhar a conversa enquanto tenta processar todas aquelas informações.

"Você quer que eu encontre Eldof?" ela pergunta. "O líder do culto?"

"Não," o Rei responde. "Quero que você encontre o chefe dos sacerdotes. Meu filho. Kristof."

Gwen o encara com espanto.

"Seu *filho*?" Ela pergunta.

O Rei assente com lágrimas nos olhos.

"Tenho vergonha em admitir," ele responde. "Meu filho está perdido para mim. Mas talvez ele escute uma forasteira. Eu lhe imploro. Esse é o desejo de um pai. E faço isso pelo bem do Cume."

Por mais que ela esteja se sentindo sobrecarregada, tendo sido envolvida nos dramas políticos e familiares do lugar, Gwen ainda se sente compelida a ajudá-lo.

"Farei o que estiver ao meu alcance para ajudar," ela diz com sinceridade.

Uma expressão de alívio toma conta do rosto do Rei.

"É só isso que você quer de mim?" ela pergunta. "Essa parece uma tarefa fácil."

Ele balança a cabeça.

"Se as profecias estiverem corretas," ele fala com a voz séria, "então, fracassaremos. O Cume será derrotado. Tudo o que você está vendo diante de seus olhos será destruído."

Ela sente um calafrio ao ouvir as palavras do rei, sentindo que ele diz a verdade.

"A destruição está se aproximando mais rápido do que você imagina. E, então, precisarei de você mais do que nunca. Quando eu morrer, meu povo será como um rebanho desgarrado. Obviamente, meus filhos herdarão o meu reino e serão bons reis. Mas as profecias também prevêm a morte deles. Se eles não sobreviverem, se ficarmos sem um líder, eu quero que você guie o meu povo para longe daqui. Para um lugar seguro."

Gwen balança a cabeça com tristeza.

"Você está falando de profecias trágicas," ela diz. "Profecias que eu torço nunca se tornem realidade."

"Prometa para mim," ele pede, segurando firme em seu pulso com os olhos brilhando intensamente.

"Prometa que você irá salvar o meu povo."

Gwen o encara por um longo tempo, ouvindo os ventos uivantes do deserto, e então, finalmente, ela sabe que não pode recusar o pedido que um pai desesperado.

Ela assente e, ao fazer isso, tem absoluta certeza de que sua vida está prestes a mudar drasticamente.



## CAPÍTULO DEZ

Kendrick galopa diante de seus companheiros da Prata com Brandt e Atme ao seu lado e, ao lado deles, os cavaleiros do Cume liderados por Koldo. Eles seguem juntos, como já estão fazendo há horas, e entram cada vez mais fundo naquele deserto que parece não ter fim. Kendrick mantém a cabeça abaixada enquanto eles seguem, acompanhando a trilha que ele, Gwendolyn e os outros haviam deixado e surpreso ao perceber a distância que eles haviam percorrido. Ele nunca havia pensado que eles tinham realmente ido tão longe; ele não compreende como isso pode ter sido possível sob o calor escaldante dos dois sóis. A simples ideia é atordoante. Mesmo com cavalos galopando a toda velocidade, percorrer o mesmo caminho já tinha levado quase o dia todo. Aquilo faz Kendrick perceber o que o corpo e a mente humana são capazes de fazer quando levados ao limite.

Todas as vezes que Kendrick olha para baixo, esperando que a trilha tenha finalmente terminado, ele percebe que o rastro ainda continua. Ele está começando a ter um terrível pressentimento; estar de volta ali traz de volta lembranças ruins que ele ainda não está preparado para reviver. Kendrick quer apenas chegar ao fim daquela trilha, dar meia volta e começar a voltar para o Cume, apagando seu rastro pelo caminho.

Ele não gosta da maneira como as coisas estão evoluindo; ele confia em alguns daqueles homens do Cume e respeita os filhos do Rei, mas ele não tem tanta confiança nos outros e chega até a odeia alguns, como Naten. Kendrick se pergunta se um deles estará disposto a protegê-lo caso isso se torne necessário. Não há nada pior do que ir para uma batalha sem ter certeza da lealdade dos homens que o acompanham.

"Adiante!" grita uma voz.

Kendrick olha para baixo, limpando o suor do rosto, e continua vendo a trilha, incerto sobre o que os outros estão falando. Mas então ele vê os outros homens olhando para cima e não para baixo e, ao fazer o mesmo, ele compreende: ali, no horizonte, há uma árvore preta, seus galhos retorcidos tão cheios de espinhos que é impossível enxergar através deles. Ao ver aquilo, Kendrick tem um flashback: ele se lembra de ter desmaiado ao lado de Gwendolyn e dos outros, sobre a sombra fraca daquela árvore, permanecendo ali por algum tempo até finalmente terem reunido forças suficientes para seguir em frente. Ele se lembra da tempestade de areia avassaladora que havia atravessado o deserto enquanto eles estavam ali, forçando-os a passar a noite naquele lugar. Kendrick se lembra de ter acordado na manhã seguinte, de olhar para trás e perceber que a tempestade havia apagado toda a trilha que eles tinham deixado, como se ela nunca tivesse existido.

Todos haviam acordado cansados demais para prosseguir, mas de alguma forma eles haviam feito exatamente isso. Ele sabe que se eles tivessem permanecido ali, nenhum deles teria sobrevivido.

Os cavalos diminuem o ritmo, param embaixo da árvore e eles desmontam, respirando com dificuldade e cobertos de poeira. É bom ficar em pé e esticar as pernas; Kendrick inclina o corpo para trás e bebe avidamente a água de seu saco, que agora está morna, mas ainda refrescante.

Kendrick fica parado ao lado de Brandt e Atme e olha para a árvore, observando seus galhos cobertos de espinhos, retorcidos após tantas tempestades naquele deserto. Ele olha além da árvore, observando as suaves areias do deserto, e vê que não há mais pegadas. Nenhum sinal deles.

A trilha termina ali.

Koldo para ao lado de Kendrick e faz um gesto, apontando para as areias do deserto enquanto as examina.

"Parece que a trilha termina aqui," ele fala para Kendrick, aparentemente confuso.

Kendrick assente.

"Uma tempestade passou por aqui," ele responde.

"Vocês têm sorte por terem sobrevivido," diz Ludvig.

Koldo assente, satisfeito.

"Muito bem," ele diz. "Então é aqui que começaremos nossa varredura, até chegarmos de volta ao Cume."

"E se ele estiver errado?" diz uma voz.

Kendrick se vira e vê Naten encarando-o com raiva.

"E se a trilha recomeçar em algum lugar mais adiante?" continua Naten.

Koldo faz uma careta, mostrando-se irritado.

"Mas é claro que a trilha recomeça em algum lugar," ele responde rispidamente. "O que importa é que ela não trará ninguém até aqui. A trilha foi interrompida e é isso que importa. A partir daqui, até onde posso enxergar, não vejo qualquer coisa. Você está vendo algo que eu não esteja vendo?"

A expressão de Naten muda e ele se afasta, claramente incapaz de responder.

"Preparem seus varredores!" Koldo ordena com firmeza, voltando para o seu cavalo.

Seus homens entram em ação, começando a remover longos varredores de suas selas, pedaços de madeira compridos com pontas parecidas com ancinhos, e prendendo-os atrás de seus cavalos. Os varredores são flexíveis, movendo-se em diferentes direções para não deixar um caminho uniforme enquanto avançam, ao mesmo tempo em que apagam completamente qualquer sinal da passagem deles. Kendrick fica admirado: aqueles dispositivos são certamente muito engenhosos.

"Ainda temos tempo para voltar ao Cume antes do anoitecer," Koldo fala, olhando na direção do Cume com esperança.

"É bom mesmo," diz Naten, aproximando-se de Kendrick. "Caso contrário, vamos passar uma longa noite aqui no deserto por sua culpa."

Kendrick já tinha tido o bastante.

"Qual é o seu problema comigo?" ele pergunta.

Naten se prepara para enfrentá-lo.

"Nossas vidas eram perfeitas," ele diz. "Até vocês chegarem aqui."

"Eu não destruí o seu precioso Cume," dispara Kendrick.

"Tenho a impressão de que você destruiu todos os lugares por onde passou," retruca Naten.

"Você não tem o mínimo de respeito," Kendrick diz. "Ou hospitalidade. Duas virtudes sagradas. Por mais que eu não goste de você, eu o teria recebido bem em nossa terra. Eu teria até mesmo lutado por você."

Naten sorri com desdém.

"Então somos pessoas completamente diferentes," ele responde. "Eu não lutaria por você e, se pudesse escolher, não teria deixado que vocês entrassem em nossa..."

De repente, um grito atravessa o ar, interrompendo-os e arrepiando os cabelos da nuca de Kendrick. E então, o caos se segue.

Antes que Kendrick possa perceber o que está acontecendo, ele ouve um homem gritar de dor, um barulho terrível, e vê, pelo canto do olhos, algo grande e peludo cair do céu na direção do pescoço do homem.

Kendrick se vira ao sentir um movimento acima dele.

"AGARRADORES!" um homem grita.

Ao olhar para cima, Kendrick fica horrorizado ao ver os galhos da árvore repletos de olhos amarelos brilhantes. Um grupo de pequenos monstros com pelo escuro e longas presas e garras, parecidos com preguiças, começa a saltar em cima dos homens a partir dos galhos. Suas garras compridas brilham no ar, afiadas como espadas, e os monstros as golpeiam como facões, golpeando o grupo.

Kendrick tenta pegar sua espada, mas é tarde demais. Antes que ele possa reagir, um agarrador golpeia seu rosto com as garras estendidas e não há nada que Kendrick possa fazer para impedi-lo.

## CAPÍTULO ONZE

Boku continua pendurado no crucifixo em que os soldados do Império o tinham pendurado, o último membro de sua aldeia a continuar vivo após o grande massacre, ainda agarrando-se à vida, apesar de si mesmo. Ele já não sente dor ou agonia, isso já havia passado há muitos dias. Ele não sente mais dor nas palmas de suas mãos, perfuradas por pregos, a desidratação ou os raios de sol que queimam a sua pele. Ele está muito além de tudo isso agora, tão perto da morte. Tudo o que ele ainda sente é uma intensa tristeza pelo seu povo, que havia morrido ao lado dele durante a invasão de Volúsia, tendo sido massacrados diante de seus olhos. Ele deseja revê-los e havia amaldiçoado os deuses por tê-lo deixado vivo.

Mas Boku agora está cansado demais até mesmo para sentir raiva. Nada lhe resta, exceto a morte. Ele reza para que os deuses lhe permitam morrer, mas, por alguma razão, isso não acontece. Os soldados do Império o tinham torturado das maneiras mais cruéis por vários dias, até finalmente prendê-lo naquela cruz; ainda assim, por mais que ele torça por isso, a morte não surge para buscá-lo. Ele agora vive em um estado de semiconsciência, vendo seus antepassados envoltos por uma nuvem de luz e esperando ser acolhido por eles a qualquer momento.

Boku abre os olhos sem saber quanto tempo havia se passado e percebe que ainda está vivo, preso naquela triste realidade, com o corpo entorpecido, sem sentir as mãos ou os pés e sendo forçado a observar as pilhas com os corpos de todas as pessoas que ele havia amado. Ele se pergunta quando aquele inferno chegará ao fim. Ele daria qualquer coisa por uma morte rápida e misericordiosa naquele momento.

"Soltem-no," diz a voz de um capataz do Império. Por um momento, o coração de Boku se anima ao pensar que suas preces tinham sido ouvidas.

Boku sente sua cruz se movendo, seu corpo sendo abaixado e, então, colocado sobre os ombros de vários soldados. Ele cai no chão com violência quando os soldados soltam o seu corpo e uma dor aguda atravessa a sua espinha, surpreendendo-o. Ele não havia pensado que ainda fosse capaz de sentir dor.

Boku olha para cima, fechando os olhos contra a claridade do sol, até que uma sombra de repente passa diante de seu rosto e, ao abrir os olhos, ele vê o capataz do Império encarando-o com uma expressão de ódio. O capataz estica o braço e derruba uma jarra de água congelante no rosto dele.

Boku tem a sensação de estar se afogando. Ele sente a água invadir o seu nariz, sente que está cercado de água por todos os lados e começa a se debater enquanto os soldados do Império soltam gargalhadas cruéis ao seu redor.

Boku sente a água em seus lábios e começa a lambê-la, tentando desesperadamente engolir um pouco do líquido. Mas não há mais água, o que apenas aumenta a sua tortura.

Boku pisca e olha para o capataz, se perguntando mais uma vez o que aquele homem pode querer com ele e qual o interesse do Império em mantê-lo vivo. Por que ele tinha recebido água? Apenas para prolongar o seu sofrimento, ele pensa.

"Onde estão os seus amigos?" o capataz pergunta, aproximando-se do rosto de Boku com seu mau hálito.

Boku pisca, sentindo-se confuso.

"Que amigos?" ele tenta perguntar, mas sua garganta está seca demais para que ele consiga pronunciar as palavras.

"Aqueles que vieram do outro lado do oceano," o homem exige. "Aqueles da raça branca. As pessoas que você escondeu em sua aldeia. Aqueles que fugiram. Para onde eles foram?"

A cabeça de Boku dói enquanto ele tenta compreender o que está acontecendo; seu raciocínio está lento após tantos dias de silêncio e agonia. Lentamente, ele começa a se lembrar. Antes do massacre, aquela mulher... Qual era mesmo o seu nome... Gwendolyn. Sim. Seu povo...

As lembranças invadem a mente dele: eles haviam fugido antes da batalha. Eles haviam partido na direção do Grande Deserto em busca do Segundo Anel e de reforços para o seu exército. Provavelmente, eles haviam sido mortos pelo Deserto.

Boku olha para o rosto contorcido do capataz e percebe o que ele quer e por que eles o tinham mantido vivo após toda aquela tortura. Eles não se contentam em ter matado todo o seu povo. Eles também querem destruir Gwendolyn e os sobreviventes do Anel.

Boku é invadido por uma nova sensação de determinação. Se ele não tinha sido capaz de salvar o seu povo, ele ao menos terá uma chance de salvar o povo de Gwendolyn.

Boku consegue limpar a garganta o suficiente para responder.

"Ela voltou para o outro lado do mar," ele mente.

O capataz sorri, pega uma adaga com a ponta curva e perfura as costelas de Boku.

Boku grita quando o capataz enfia a arma ainda mais em seu corpo, girando e torcendo a lâmina; Boku tem a sensação de que suas entranhas estão sendo destruídas.

"Você é um péssimo mentiroso," o capataz fala. "Nós encontramos os destroços dos navios deles. Como eles podem ter cruzado o oceano?"

Boku grita enquanto o sangue escorre pela sua boca, determinado a não dizer qualquer coisa.

"Vou lhe perguntar apenas mais uma vez," o homem diz. "Para onde ela foi? Onde eles estão se escondendo? Seu povo não estava entre os mortos e nós já vasculhamos a sua aldeia e todas as suas cavernas. Ainda não os encontramos. Conte-me onde eles estão e você terá uma morte rápida."

A dor de Boku é inimaginável, mas ele cerra os dentes e balança a cabeça com lágrimas escorrendo de seus olhos, determinado a não entregar Gwendolyn ao Império. Com uma explosão de energia, ele consegue cuspir. Ele assiste com satisfação quando o sangue de sua boca atinge os olhos do capataz.

O capataz, furioso, estica os braços, tira a arma do corpo de Boku e perfura o seu peito. Boku sente ainda mais dor quando o homem continua enfiando a adaga em seu peito, girando e torcendo a lâmina. Ele sente seus ossos se partindo e é invadido por uma dor insuportável. Ele é capaz de fazer qualquer coisa para sair daquela situação. Qualquer coisa.

"Eu lhe imploro!" grita Boku.

"Conte-me!" o capataz dispara.

"O... Deserto," Boku se ouve involuntariamente dizendo. "O Grande Deserto. Eu juro! Estou dizendo a verdade!"

Boku chora, envergonhado por não ter resistido. Ele tinha tido a intenção de protegê-los, mas a dor tinha sido muito intensa e assumido o controle de sua mente, deixando-o incapaz de pensar com clareza.

Finalmente, o soldado do Império para, parecendo satisfeito, e sorri para ele.

"Eu realmente acredito em você," ele diz. "Embora eu lamente ter que lhe dizer que isso não irá salvá-lo."

Vários soldados do Império se adiantam com adagas em punho e Boku sente o seu corpo sendo perfurado por dezenas de lâminas e é invadido por uma dor intensa em cada centímetro de seu ser.

Finalmente, ele deixa de resistir. Finalmente, a morte vem ao seu encontro.

Antes de deixar tudo para trás e avançar para junto de seus ancestrais, um último pensamento surge em sua mente.

*Sinto muito, Gwendolyn. Eu a traí. Eu a traí.*

## CAPÍTULO DOZE

Erec está na popa de seu navio, seguindo atrás de sua frota enquanto eles continuam avançando rio acima, e olha para trás à procura de qualquer sinal do Império. No horizonte, ele ainda pode ver fracos indícios de fumaça no lugar onde eles haviam criado um bloqueio, incendiando os navios; a julgar pela fumaça, os destroços continuam pegando fogo. Considerando o tamanho do obstáculo que os navios representam em uma área tão estreita e as chamas que impedem o avanço do Império, Erec está confiante de que eles não conseguirão avançar tão cedo. Erec imagina que eles terão que utilizar cordas e ganchos para remover todos os destroços. Aquele será um processo lento e tedioso. O plano havia feito com que Erec e sua frota abrissem a distância necessária entre eles e seus inimigos.

Erec volta a olhar para a frente, vê seus navios avançando diante dele e fica aliviado por ser o último; se o Império alcançá-los, Erec será o primeiro a defender seu povo.

"Você não precisa mais se preocupar, meu senhor," diz uma voz suave.

Erec sente uma mão segurar gentilmente em seu braço e, ao se virar, vê Alistair ao seu lado com um sorriso gracioso nos lábios.

"Nossos navios são mais rápidos do que os deles," ela diz, "e não vimos qualquer sinal deles durante o dia todo. Enquanto estivermos avançando, eles não nos alcançarão."

Erec sorri e a beija, confortado com a presença dela como de costume.

"Sempre há algo com o qual um líder deve se preocupar," ele responde. "Preocupo-me não com o que deixamos para trás, mas com o que temos pela frente."

"É claro," ela responde. "Toda a segurança é uma ilusão. Assim que colocamos os pés neste navio e deixamos as Ilhas do Sul, a segurança deixou de existir. Mas é para isso que existem os navios, não é mesmo? É isso que nos torna quem nós somos."

Erec fica impressionado com a sabedoria e coragem dela e sabe que há sangue real correndo nas veias de Alistair. Enquanto ele a observa, Erec nota um brilho em seus lindos olhos azuis e percebe que há algo de diferente nela, mas ele não sabe exatamente o que é. Ele sente que ela está escondendo algo dele.

Ela olha para ele sem compreender.

"O que foi, meu senhor?" ela finalmente pergunta.

Ele hesita.

"Você parece... diferente," ele fala. "Eu não sei ao certo o que é. Sinto que você talvez esteja... guardando algum segredo."

Alistair enrubescce, desviando o olhar, e ele confirma a suas suspeitas.

"Não é nada, meu senhor," ela diz. "Estou apenas distraída pela partida de meu irmão. Eu me preocupo com Thorgrin e com Guwayne. Gostaria de estar junto ao nosso povo outra vez."

Erec assente, compreendendo, embora ele ainda não esteja completamente convencido.

"Erec!" uma voz grita de repente. Erec se vira e vê Strom gesticulando para que ele se aproxime e parecendo preocupado.

Há uma confusão quando os homens correm para a frente do barco e Erec parte para a ação, correndo pelo convés ao lado de Alistair.

Erec abre caminho pelos seus homens até finalmente chegar à proa. Strom está esperando por ele e lhe entrega uma luneta, apontando para o rio diante deles.

"Ali," Strom diz com urgência, "mais para a direita. Aquele ponto escuro."

Erec olha através da luneta, segurando-a diante de seu olho enquanto o mundo de move para cima e para baixo de acordo com a corrente, e vê o que Strom está lhe mostrando. Aquela parece ser uma pequena aldeia do Império, construída na beira do rio.

"Essa é a primeira aldeia que encontramos desde que chegamos aqui," Strom diz. "Eles podem não ser amigáveis."

Erec continua olhando através da luneta, examinando o lugar à medida que eles se aproximam, levados pelo vento e chegando mais perto a cada segundo. A aldeia é charmosa, composta de casas simples de barro, e há fumaça saindo das chaminés enquanto crianças e cães correm pelo local. Erec vê algumas mulheres andando casualmente, sem medo, e, mais distantes, homens cuidam das plantações enquanto outros parecem estar pescando. Com base na pele clara e na baixa estatura dos habitantes, eles não parecem ser da raça do Império; aquelas pessoas parecem viver pacificamente, provavelmente sob o jugo do Império.

Na verdade, à medida que Erec espera pacientemente para que as correntes os levem mais perto, ele se surpreende ao ver que aquelas pessoas são humanos e, ao olhar mais de perto, Erec vê os capatazes do Império posicionados por toda a aldeia, segurando chicotes. Ele vê uma mulher gritar quando um capataz chicoteia as suas costas, forçando-a a soltar a criança que ela carrega nos braços.

Erec fica indignado. Ele avalia rapidamente o lugar e percebe a presença de cem capatazes do Império espalhados por aquela aldeia onde vivem várias centenas de pessoas pacíficas.

Ele abaixa a luneta e a devolve para Strom, sentindo-se determinado.

"Preparem seus arcos!" ele grita para os seus homens. "Vamos para a batalha!"

Seus homens comemoram, obviamente animados diante da expectativa de um confronto, e alinham-se ao longo da lateral do navio e em cima dos mastros, segurando arcos e flechas e prontos para o ataque.

"Essa batalha não é a nossa, meu senhor," diz um de seus comandantes, aproximando-se dele. "Nossa batalha nos espera além do horizonte. Não devemos continuar nosso caminho e deixar essa aldeia para trás?"

Erec, com as mãos nos quadris, balança a cabeça.

"Continuar nosso caminho," ele fala, "seria dar as costas para a justiça. Isso nos tornaria menos homens do que somos."

"Mas há injustiça por todas as partes, meu senhor," o comandante insiste. "Devemos ser os defensores do mundo?"

Erec permanece determinado.

"As coisas são colocadas diante de nós por uma razão," ele responde. "Se não tentarmos retificar esses erros, que tipo de homens nós somos?"

Erec olha para os seus homens.

"Não ataquem antes do meu comando!" Erec grita.

Seus homens rapidamente se ajoelham, escondendo-se atrás da grade lateral do navio e preparando-se para o confronto prestes a acontecer.

Quando a frota de Erec se aproxima da aldeia, balançando na corrente do rio, Erec toma a frente e logo é avistado pelos aldeões. Os aldeões começam a interromper suas atividades, fazendeiros ficam parados no lugar, pescadores começam a recolher suas redes e todos passam a observá-lo com curiosidade.

O Império também percebe a presença deles: um por um, os soldados do Império abandonam suas tarefas e põe-se a observar o rio, olhando para os navios de Erec com grande interesse. Obviamente, eles nunca tinham visto algo como aquilo antes e não sabem o que esperar. Talvez eles presumam que aqueles sejam navios do Império;

Erec sabe que tem apenas uma pequena janela de oportunidade até que os soldados do Império percebam que estão sendo atacados e ele está determinado a não perder esta oportunidade.

"Arqueiros!" grita Erec. "Mostrem para estes homens do Império a força das Ilhas do Sul!"

Gritos irrompem entre os homens à medida que eles se levantam, acertam suas miras e liberam uma saraijada de flechas na direção da costa.

Os soldados do Império se viram para fugir, mas eles não são rápidos o bastante. O céu é escurecido por centenas de flechas que perfuram cada um dos capatazes do Império.

Eles gritam, soltando seus chicotes e espadas involuntariamente, e caem mortos no lugar enquanto mulheres e crianças horrorizadas gritam e fogem dali.

"Âncoras!" Erec ordena.

Os navios de sua frota soltam as âncoras e seus homens começam a seguir Erec quando ele salta sobre a grade do navio e aterrissa nas águas rasas em torno da aldeia, sacando sua espada e correndo na direção da aldeia.

Ao mesmo tempo em que Erec lidera o ataque à aldeia, acompanhado de Strom, dezenas de soldados do Império correm ao seu encontro com espadas e escudos.

O primeiro golpe de espada é dado na direção da cabeça de Erec. Ele bloqueia o golpe com seu escudo e, então, gira o corpo e golpeia o estômago do soldado. Ao mesmo tempo, ele é atacado pela lateral e, virando-se, acerta o soldado que se aproxima antes que ele possa golpeá-lo com sua espada; então, ele olha para o outro lado e chuta o peito de outro homem, derrubando-o na água. Erec dá uma cabeçada em outro homem do Império, quebrando o seu nariz, bate com seu escudo na cabeça de outro e perfura o coração de mais um soldado.

Ele se vira em todas as direções como um furacão, enfrentando várias unidades do Império. Seus homens o seguem de perto e Strom, ao seu lado, luta como um homem possuído, ferindo soldados por onde ele passa. Gritos cortam o ar naquela manhã e Erec perde alguns de seus homens à medida que cada vez mais homens do Império parecem surgir do nada.

Mas Erec está completamente indignado com a maneira cruel com que os capatazes do Império tratam aquelas mulheres e crianças indefesas e continua determinado a libertar aquele lugar, seja qual for o custo. Ele também está ansioso por ter ficado tanto tempo em alto mar e precisa gastar suas energias naquele confronto contra o Império, homem a homem em terra firme. Segurar uma espada em suas mãos mais uma vez é uma sensação agradável.

O som de um chicote corta o ar quando um soldado do Império se aproxima por trás, pegando Erec e Strom de surpresa ao golpear o punho da espada de Erec, arrancando-a de suas mãos. Erec reage rápido, girando o corpo e arremessando o seu escudo lateralmente; a arma atravessa o ar e acerta o pescoço do homem, derrubando-o. Erec está desarmado e outro soldado tenta golpear o seu rosto, mas Strom se aproxima, bloqueia o golpe e o mata com um só golpe.

Erec começa a correr, pega a sua espada, chuta as costas do capataz e perfura o peito dele.

A luta continua, intensa e ininterrupta, tingindo de vermelho a água do rio à medida que mais homens morrem em todas as direções. Finalmente, o confronto parece estar chegando ao fim. O barulho das armas se torna menos persistente, escudos param de ser usados e o ranger das armaduras diminui à medida que os gritos dos homens feridos se silenciam. Logo, tudo o que se ouve é a correnteza do rio, um barulho alto comparado ao silêncio que perdura no ar.

Erec fica parado no lugar, respirando com dificuldade enquanto o suor escorre pelo seu corpo. Ele olha ao seu redor e examina o campo de batalhas, satisfeito ao ver seus homens em pé, cercados por centenas de corpos do Império, vitoriosos. Todos olham para Erec com orgulho, aquelas grandes guerreiros das Ilhas do Sul, homens que Erec têm orgulho em liderar.

Lentamente, como coelhos saindo de suas tocas, os aldeões saem de suas casas, aproximando-se em descrença diante daquela cena. Eles mal parecem acreditar que todos os capatazes do Império, aquelas pessoas que os tinham oprimido por tanto tempo, estão mortos.

Erec dá um passo adiante, ergue sua espada e caminha entre a multidão de aldeões, cortando as algemas que os mantêm juntos. Todos os seus homens começam a fazer o mesmo. Ele vê os olhos dos aldeões se enchendo de lágrimas ao mesmo tempo em que eles caem de joelhos, libertados.

Erec observa quando um dos aldeões, ajoelhado, segura a sua perna e chora.

"Obrigado," ele diz. "Obrigado."



## CAPÍTULO TREZE

Darius é acordado abruptamente, batendo a cabeça contra as barras de ferro da carroça assim que ele chega a uma parada brusca. Ele mal tem tempo para processar o que está acontecendo quando há um barulho de chaves da fechadura, a porta de ferro é aberta e várias mãos ásperas o agarram pelo peito, puxando-o para fora.

Ele cai de mau jeito no chão duro de terra, erguendo nuvens de poeira ao seu redor, e aperta os olhos contra a claridade ao mesmo tempo em que usa as mãos para proteger seus olhos. Seus pulsos e tornozelos estão algemados e ele não teria sido capaz de resistir, mesmo se quisesse. O capataz do Império sabe disso, mas pisa no pescoço de Darius mesmo assim, aproveitando a oportunidade de infligir mais dor em seu prisioneiro. Darius mal consegue respirar e tem a sensação de que sua traqueia está sendo esmagada.

Mais mãos envolvem o corpo de Darius, colocando-o em pé, e ele fecha os olhos mais uma vez, sentindo dor em cada músculo de seu corpo a cada movimento.

"Vamos logo, escravo!" um dos capatazes grita. Darius é empurrado bruscamente à medida que caminha desajeitadamente pelas ruas do lugar.

Darius abre os olhos lentamente, tentando se localizar e descobrir onde ele está. Pelo menos a carroça havia parado; ele não sabe se teria suportado mais um minuto dentro daquela jaula.

Darius ouve gritos atrás dele e percebe que está em uma cidade movimentada; há pessoas por todas as partes, escravos como ele, com pulsos e tornozelos algemados, sendo levados por soldados do Império em todas as direções. Ele marcha ao lado de um grande grupo de escravos, dezenas deles, todos sendo levados através de uma grande abertura na rocha que dá acesso ao túnel que parece levar ao quartel de treinamento.

Darius ouve gritos e, ao olhar para cima, vê um coliseu duas vezes maior do que a arena de Volúsia. Aquela é a coisa mais terrível e gloriosa que ele já tinha visto. Então, ele percebe onde está e sabe, sem sombras de dúvidas, que havia chegado à capital do Império.

Darius mal tem tempo de processar sua descoberta ao sentir uma clava em suas costas.

"Ande logo, escravo!" o homem grita.

Darius continua avançando com o grupo através do corredor escuro e, ao perder o equilíbrio, tropeça e sente uma dor intensa no rosto ao receber uma cotovelada.

"Olhe por onde anda, moleque!" diz um dos outros escravos no meio da escuridão.

Darius, furioso que outro escravo o tenha pegado desprevenido, golpeando-o por algo que claramente tinha sido um acidente, reage. Ele empurra o escravo contra uma das paredes de pedra do túnel. Ele mal consegue conter sua fúria e acaba descontando sua raiva naquele escravo.

O escravo corre para derrubar Darius, mas naquele momento um novo grupo de escravos entra no túnel e, por causa da luz fraca, acaba acertando outro escravo, confundindo-o com Darius. Darius ouve os garotos gritando ao mesmo tempo em que os dois estranhos se enfrentam no chão. A luta continua por alguns segundos até que os capatazes aparecem com suas clavas, batendo nos dois.

Darius continua seguindo em frente com os outros e, instantes depois, emerge do túnel e se vê em um pátio, o quartel de treinamento. Há centenas de escravos alinhados ao longo das paredes, a maioria garotos com a mesma idade de Darius, algemados uns aos outros por longas correntes. Darius sente uma mão em seu pulso e, ao olhar para o lado, vê um capataz do Império algemando-o ao pulso de outro garoto.

Darius continua caminhando pelo quartel em uma longa fila de garotos, centenas deles alinhados juntos às paredes, até finalmente sentir um puxão em sua corrente e ser forçado a parar junto com os outros.

Ele fica parado em meio ao silêncio tenso, olhando para os outros garotos enquanto se pergunta o que acontecerá em seguida. Que torturas o esperam agora? Darius pensa.

Uma dúzia de soldados do Império atravessa um dos arcos ao longo da parede, marchando em silêncio até o meio do quartel, liderador por um soldado do Império que parece ser o líder. Ele caminha diante das fileiras de meninos, examinando-os um de cada vez.

Finalmente, fazendo uma careta, ele limpa a garganta.

"Vocês foram trazidos até mim, pois são os melhores dentre os melhores," ele grita com a voz cheia de crueldade. "Cada um de vocês vem de vilas, aldeias e cidades espalhadas pelos quatro chifres e duas pontas do Império. Todos os dias, centenas de vocês são trazidos até mim, mas apenas os melhores entre vocês lutarão em nosso coliseu."

Todos os garotos permanecem em silêncio e a tensão é forte à medida que os passos do capataz ecoam pelo quartel.

"Vocês podem ter sido os melhores nas aldeias de onde vieram," ele finalmente continua, "mas isso não significa absolutamente nada aqui. Esse é o maior coliseu na maior capital do mundo. Aqui, vocês enfrentarão oponentes que farão suas habilidades parecerem inúteis. A maioria de vocês morrerá como cães."

O capataz continua andando diante das fileiras e, sem aviso, pega sua espada, dá um passo adiante e perfura o coração de um dos garotos.

O garoto suspira e cai de joelhos, morto, e puxa a corrente dos outros escravos, que se assustam. Darius também fica chocado.

"Aquele garoto era fraco," explica o capataz. "Pude ver isso nos olhos dele. Ele não era digno."

Darius se sente enojado à medida que o capataz continua avançando ao longo da fileira de escravos; tudo o que ele quer é matar aquele homem, mas ele está acorrentado e desarmado.

Instantes depois, o capataz corta o pescoço de outro garoto, que cai aos seus pés.

"Aquele garoto me pareceu frágil demais," ele explica enquanto continua andando.

Darius sente seu coração batendo cada vez mais rápido à medida que o capataz se aproxima. A menos de cinco metros de Darius, ele dá um golpe com sua espada e arranca a cabeça de um garoto.

Darius vê a cabeça rolando no chão e, ao olhar no rosto do capataz, se espanta que alguém possa gostar tanto de matar.

"Aquele," diz o capataz, sorrindo cruelmente enquanto encara Darius, "eu matei apenas por divertimento."

Darius enrubesce, sentindo-se completamente indefeso.

O capataz se dirige aos outros com sua voz potente.

"Vocês não significam nada para mim," ele fala. "Matar escravos é um dos meus passatempos favorito. Mais garotos chegarão para substituí-los ao amanhecer. Vocês realmente não têm valor algum agora."

O capataz, acompanhado de sua comitiva, continua avançando ao longo da fileira e matando vários garotos das maneiras mais brutais. Os garotos, acorrentados, são indefesos; um deles tenta fugir, mas o capataz o mata pelas costas.

Quando eles se aproximam, Darius, transpirando e cheio de raiva, se força a permanecer ereto e não demonstrar medo. Ele ergue o queixo e olha fixamente para a frente, apesar de seus ferimentos, exibindo uma expressão desafiadora. Se eles quiserem matá-lo, que assim seja; pelo menos ele morrerá com honra e não se acovardando como alguns dos outros garotos.

O capataz para diante dele e o examina com desdém, como se Darius fosse um inseto.

"Você não é tão grande como os outros," ele diz. "Ou tão forte. Acho que podemos nos virar muito bem sem você."

Ele ergue sua espada e de repente parte para cima de Darius, tentando acertar seu coração.

Darius instintivamente reage. Ele havia se preparado para permanecer parado e morrer e teria feito isso com prazer, mas algo toma conta dele, uma espécie de instinto guerreiro que simplesmente se recusa a morrer.

Darius desvia, ergue os pulsos e usa a corrente para prender a lâmina. Ele enrola as correntes em torno da espada e, dando um passo ao lado, puxa com força, arrancando a arma das mãos do capataz. Então, ele chuta o peito do capataz e o derruba no chão, sem fôlego e desarmado.

Darius sorri e joga a espada aos pés do capataz. Ela cai no chão, fazendo um barulho metálico.

"Você vai ter que me enfrentar com algo melhor do que um palito de dentes," Darius fala, aproveitando o momento.

O capataz o encara com espanto e então se vira, apoplético. Ele pega outra espada na cintura de um soldado que está ao seu lado e parte para cima de Darius outra vez.

"Eu vou parti-lo em pedaços, garoto," ele fala, "e deixar seu corpo para os cachorros."

O homem corre, mas então para abruptamente.

"Você não vai fazer isso," diz uma voz.

Darius se surpreende ao ver um longo cajado aparecer entre ele e o capataz, impedindo-o de seguir em frente.

O capataz faz uma careta ao olhar para trás e Darius fica surpreso ao ver um homem parado ali, um humano com aproximadamente o seu tamanho, cerca de quarenta anos, pele e cabelos da mesma cor que os dele e vestindo apenas um simples manto marrom com capuz. Ainda mais surpreendente é o fato de que o homem segura o soldado do Império. Darius não faz a mínima ideia sobre o que um homem livre pode estar fazendo ali.

O homem continua olhando firmemente para o capataz, com calma e sem demonstrar medo. As mangas de seu manto estão cortadas e Darius vê que o homem é musculoso como ele, sem exageros. Ele está calçando sandálias amarradas até os joelhos e demonstra a expressão orgulhosa e nobre de um verdadeiro guerreiro.

"Deixe esse garoto em paz," o homem ordena ao capataz com a voz baixa e cheia de confiança.

O rosto do capataz se contorce.

"Tire esse pedaço de pau de cima de mim," ele dispara, "ou irei matá-lo junto com ele."

O capataz ergue a espada e dá um golpe, tentando cortar o cajado ao meio.

Mas o homem é mais rápido do que qualquer guerreiro que Darius já tinha visto, movendo-se com tanta agilidade que ele consegue tirar o cajado do caminho e acertar os pulsos do soldado do Império com tanta força que o homem acaba soltando a espada. A arma cai no chão e o homem segura a ponta do seu cajado contra o pescoço do capataz.

"Eu lhe disse para deixar o garoto em paz," o homem repete com firmeza.

O capataz faz uma careta.

"Você pode treiná-los," o capataz diz, "mas sou eu que decido quem vive e quem morre. Você pode ser mais forte do que eu, mas olhe ao seu redor, veja quantos homens me acompanham com as melhores armas e armaduras. Você vai conseguir enfrentar todos eles com esse seu pedaço de pau?"

O homem, para surpresa de Darius, sorri e abaixa seu cajado.

"Vamos fazer um acordo," ele fala. "Se os seus doze soldados conseguirem me desarmar, então você pode ficar com o garoto. Mas se eu conseguir desarmá-los, poderei treinar o garoto."

O capataz sorri.

"Eles farão mais do que apenas desarmá-lo," ele responde. "Eles o matarão. E eu vou gostar de presenciar isso."

O capataz faz um gesto para os seus homens e, com um grito, eles erguem suas espadas e partem para cima do homem.

Darius assiste, estupefato, torcendo pelo homem e desesperado para que ele sobreviva, enquanto o homem fica no meio do grupo de soldados, armado apenas com seu longo cajado. Ele gira em todas as direções ao mesmo tempo em que os soldados se aproximam dele por todos os lados.

O homem, rápido como um raio, arranca a espada das mãos de um soldado após o outro. Darius nunca tinha visto alguém se movendo tão rápido antes e assistir aquele homem ação, girando, desviando, rolando e usando o cajado como se ele estivesse vivo, é realmente incrível. Ele desvia do golpe de um soldado e então acerta a barriga de outro homem, desarmando-o. Ele gira e acerta cabeça de um soldado, derrubando-o no chão, quebra o nariz de outro e golpeia de baixo para cima, arrancando a arma das mãos de outro homem ao mesmo tempo em que dá uma rasteira em mais um.

Quando outros soldados se aproximam dele, o homem salta no ar, desviando da lâmina da espada, e abaixa o seu cajado, perfurando o pescoço do homem.

O homem continua girando, cortando, desviando e perfurando como um furacão, criando confusão em todas as direções, desarmando e ferindo um soldado após o outro.

Ao derrubar o último soldado, ele dá um passo adiante e aponta o pescoço do homem com o seu cajado, prendendo-o no chão. Ele lentamente examina o campo de batalhas, vê os doze soldados desarmados, gemendo, deitados no chão ou ajoelhados, e sorri na direção do capataz.

"Acho que o garoto agora me pertence," ele fala.

O capataz começa a se afastar com raiva e o homem se vira para Darius, encontrando o seu olhar. Aquele é o guerreiro mais hábil e nobre que Darius já tinha visto e ele se sente honrado por estar em sua presença. Aquela é a primeira vez que alguém havia se arriscado por ele e Darius mal sabe o que dizer.

De qualquer forma, não há tempo para isso, pois o homem misterioso de repente se vira e desaparece na multidão, deixando Darius curioso. Quem é aquele homem? E por que ele havia arriscado sua vida por ele?

## CAPÍTULO CATORZE

Thor segura firme nas escamas de Lycoples, agarrando-se ao seu pescoço à medida que eles atravessam o ar, excitado por estar voando em cima de um dragão outra vez. Eles cortam o ar a toda velocidade, atravessando as nuvens ao perseguirem as gárgulas que carregam Guwayne no horizonte. Thor está determinado a resgatar seu filho que agora está tão próximo, forçando Lycoples a voar cada vez mais rápido.

"Mais rápido!" insiste Thor.

Lycoples, abaixando a cabeça, bate suas asas sem parar, igualmente determinada a salvar o filho de Thor.

Thor se sente feliz por estar voando com a filha de Mycoples e Ralibar, tendo a sensação de estar com Mycoples mais uma vez. Ele sente a falta dela todos os dias desde que ela havia morrido e voar com sua filha o reanima. Para Thor, voar pelo ar naquela velocidade, cruzando o oceano em alguns dias quando meses teriam sido necessários a bordo de um navio, é a melhor sensação do mundo. Aquilo o faz sentir-se invencível outra vez. Ele se sente leve, rápido como um pássaro, como se não houvesse mais nenhum obstáculo diante dele.

Thorgrin também sente uma forte ligação com Lycoples, uma energia diferente da que ele havia sentido com sua mãe. Lycoples é mais jovem e bem menor, com apenas metade do tamanho de um dragão adulto, e voa com uma paixão desajeitada, sacudindo pelos ares, ainda sem controle total de seus poderes. Voando nas costas dela, Thor sente uma nova vida entrando no mundo, o nascimento de uma nova raça se desdobrando diante dele.

Ele também sente facilidade em compartilhar seus pensamentos e sentimentos com ela e sabe que ela sente a mesma urgência em encontrar Guwayne. Ela bate as asas furiosamente sem a necessidade de insistência, voando mais rápido do que Thor poderia exigir dela. Eles voam tão rápido que Thor mal consegue recuperar o fôlego, mergulhando para dentro e para fora das nuvens e aproximando-se cada vez mais das gárgulas. Thor segura a Espada dos Mortos com uma mão, enquanto com a outra ele se agarra ao pescoço de Mycoples. Ele pode sentir a espada pulsando com sede de sangue.

Eles começam a chegar mais perto do bando de gárgulas e Thorgrin se pergunta para onde eles estão indo, para onde elas estão levando Guwayne com tanta pressa. Forçando os olhos, ele consegue ver Guwayne pendurado nas garras de uma das criaturas, à frente do bando. Elas estão mesmo levando seu filho para a Terra de Sangue? E por qual razão?

Thor olha para o horizonte e não vê nada exceto o oceano até onde seus olhos são capazes de enxergar; não há qualquer sinal da Terra de Sangue. Ragon poderia ter se enganado? Aquelas podem ter sido apenas as palavras de um moribundo?

De repente, Thor se surpreende ao ver o grande bando de gárgulas se dividir ao meio; metade das gárgulas faz meia volta, voltando para enfrentá-lo, enquanto a outra metade continua seguindo em frente. Quando elas se aproximam, Thor consegue examiná-las de perto e vê que elas se parecem com morcegos comuns, com grandes asas pretas, garras compridas e presas afiadas. Elas erguem suas pequenas cabeças e guincham ao voar na direção de Thor.

Ele segura o punho de sua espada, ansioso para enfrentá-la em uma batalha, e Lycoples, para seu próprio crédito, não recua diante do medo. Em vez disso, ela voa mais rápido e Thor, impaciente em busca de justiça, ergue a Espada dos Mortos para o alto. Ela é muito pesada, com dez vezes o peso de uma espada comum, mas, ao mesmo tempo, se encaixa perfeitamente em suas mãos. Sua lâmina negra brilha no céu e, quando as criaturas guincham, Thor dá um grito de batalha. Ele irá passar por aquelas gárgulas e resgatar seu filho.

Assim que as primeiras gárgulas chegam até ele, abrindo suas presas na direção do rosto de Thor, ele dá um golpe de cima para baixo com sua espada e parte a criatura ao meio. O sangue da gárgula espirra

para todos os lados à medida que a criatura despensa no ar.

Outra gárgula parte para cima dele e depois mais outra, cercando-o por todos os lados, e Thor se vira e golpeia em todas as direções, desviando e cortando os animais ao meio. Ele corta as garras de uma, as asas da outra e, então, desvia ao ser arranhado no ombro por uma terceira ao mesmo tempo em que enfia sua espada em seu peito exposto.

O bando de gárgulas ataca Thor que destemidamente vai ao encontro das criaturas, lutando como um homem possuído e sem mais nada a perder. A Espada dos Mortos também faz a sua parte, criando vida própria e agindo como um ser vivo em suas mãos. Ela lidera o caminho, motivando Thor a continuar e guiando seus golpes e bloqueios. É como ter um parceiro de luta nas mãos. A Espada parece cantar ao cortar o ar, deixando um rastro de sangue e gárgulas despedaçadas pelo caminho, todas as criaturas despencando em direção ao oceano abaixo deles.

Lycoples também participa da luta, usando suas garras para matar as gárgulas que ousam atacá-la. Ela é jovem, mas destemida e agressiva. Ela ergue suas garras afiadas e golpeia gárgulas por todos os lados, alcançando-as e partindo-as ao meio antes que elas possam atacá-la. Ela estica as garras e agarra as cabeças de algumas gárgulas, esmagando-as, enquanto outras ela simplesmente joga para baixo. Além disso, Lycoples também morde algumas criaturas, abrindo sua grande mandíbula e cravando os dentes nas criaturas, que gritam de dor.

Finalmente, um novo bando se aproxima deles e Lycoples joga a cabeça para trás, soltando um jato de chamas. Seu sopro ainda não é tão forte quanto o de seus pais, mas já é forte o bastante para causar estragos: dezenas de gárgulas, envolvidas pelas chamas, soltam guinchos terríveis ao se incendiarem, um barulho horrível que preenche o ar à medida que elas começam a despencar.

Thor se surpreende com o poder de Lycoples, surpreendido pelo sopro do dragão, e as poucas gárgulas que sobrevivem também a observam aterrorizadas, a expressão de medo evidente em seus pequenos rostos. Elas se viram e voam rumo ao horizonte, voltando para junto de seu bando.

"Mais rápido, Lycoples, mais rápido!" Thor grita, abaixando a cabeça e segurando firme quando Lycoples, enlouquecida, começa a voar ainda mais rápido.

Ele não precisa pedir duas vezes. Lycoples atravessa o ar mais rápido do nunca, mergulhando para dentro e para fora das nuvens, aproximando-se ainda mais das gárgulas ao mesmo tempo em que o sol começa a se por. As gárgulas não ousam olhar para trás agora e simplesmente continuam avançando, batendo suas asas furiosamente em uma tentativa de se livrar deles.

Quando eles se aproximam um pouco mais, Thor consegue ver Guwayne novamente e seu coração volta a bater acelerado. Ele está tão perto agora e nada irá ficar em seu caminho. Ele irá matar cada uma daquelas criaturas e logo eles estarão juntos novamente.

Ao olhar para o horizonte, Thor se surpreende, espantado com o que vê diante de si. De repente, algo parecido com uma cachoeira surge no horizonte. Ela se estende em todas as direções até onde os olhos de Thor conseguem ver, uma parede de água corrente, tingida de vermelho. A cachoeira começa no céu e desce até o oceano, tão espessa que Thor não consegue enxergar através dela, e emite um som parecido com um rugido. Thor começa a perceber do que se trata: aquela é uma cachoeira de sangue.

Ele de repente sabe, sem sombra de dúvidas, que aquela é uma barreira, uma parede que bloqueia o acesso ao outro mundo: a entrada para a Terra de Sangue. Ao ver as gárgulas voando naquela direção, ele de repente percebe onde elas estão indo e se dá conta de que a cachoeira permitirá que as gárgulas fujam em segurança.

"MAIS RÁPIDO!" ele grita.

Lycoples consegue voar ainda mais rápido, aproximando-se cada vez mais delas. A cachoeira surge diante deles e o barulho é ensurdecedor.

As gárgulas voam rápido demais e, assim que Thor as alcança, elas voam para dentro da cachoeira de sangue, desaparecendo por completo.

Thor se prepara para entrar atrás delas, mas de repente, para sua surpresa, Lycoples para no meio de ar, erguendo a cabeça e recusando-se a seguir em frente. Thor não consegue compreender o que está acontecendo. É como se Lycoples estivesse com medo de prosseguir.

Ela bate as asas no lugar, pairando no ar e arqueando as costas, e Thor percebe que, por alguma razão, ela não é capaz de atravessar a barreira mágica na entrada da Terra de Sangue. Thor enrubesce, percebendo que as gárgulas haviam planejado aquilo.

Lycoples, frustrada, guincha sem parar, obviamente querendo entrar e nervosa por não conseguir.

Thor sente seu coração se partindo ao ver as gárgulas desaparecendo atrás da cachoeira com seu filho em suas garras.

Thor tenta pensar rápido. Ele olha para baixo, vasculhando o oceano, e vê, no horizonte distante, seus companheiros da Legião, seguindo-os em seu navio. Thor direciona Lycoples para baixo, através do oceano, na direção dos seus amigos, sabendo que não lhe resta alternativas. Se Lycoples não é capaz de entrar na Terra de Sangue, Thor será forçado a seguir sem ela.

Lycoples leva Thor até o navio e, quando ela mergulha e diminui a velocidade, ele salta de cima dela e aterrissa no convés. Ele fica parado ali, olhando para ela enquanto Lycoples bate as asas, desapontada e querendo voar com ele novamente.

Thor balança a cabeça.

"Não, Lycoples," ele fala para ela. "Você não poderá me ajudar no lugar para onde vou. Você pode ser útil de outra forma: encontre minha amada. Encontre Gwendolyn, onde quer que ela esteja. Diga a ela que eu ainda estou vivo. Conte-lhe que Guwayne está vivo. Salve-a de quaisquer perigos que possam atingi-la."

Lycoples guincha e permanece no lugar, obviamente sem querer abandonar Thor.

"VÁ!" Thor ordena com firmeza.

Lycoples, finalmente e com relutância, se vira e começa a voar, desaparecendo no horizonte. Todos os outros se reúnem em torno de Thor no navio e o encaram com espanto. Ele ergue a cabeça e olha na direção da cachoeira de sangue, sabendo o que deve ser feito.

"Irmãos e irmãs," ele diz, "esta noite entraremos na Terra de Sangue."

## CAPÍTULO QUINZE

Gwendolyn caminha ao lado da Rainha, acompanhando-a pela passarela dourada que cruza a capital do Cume. O caminho é feito de pedras de ouro maciço, dez metros acima das ruas, estendendo-se da saída do castelo até todos os cantos da cidade. A passarela é reservada para os membros da família real e criados da Rainha as seguem, segurando sombrinhas para protegê-las do sol.

As duas caminham de braços dados após a Rainha ter insistido em levá-la para conhecer a cidade. A Rainha mostra tudo para Gwen enquanto elas caminham, apontando pontos de interesse arquitetônico e apresentando-lhe todos os bairros daquela antiga cidade. Gwendolyn se sente confortável na presença da rainha, especialmente após tanto tempo sem uma companhia feminina. Em alguns aspectos, a Rainha é como a mãe carinhosa que ela nunca havia tido.

Isso faz Gwen pensar em sua própria mãe. Sua mãe tinha sido uma Rainha exigente e fria que havia tomado suas decisões para beneficiar o reino, mas não necessariamente para o bem de sua própria família. Ela também tinha sido uma mãe distante e Gwendolyn havia tido infinitas discussões com ela. Gwendolyn se lembra da primeira vez em que havia conhecido Thorgrin e dos constantes esforços de sua mãe para separá-los. As lembranças trazem de volta um pouco de amargura e ressentimento.

Elas também fazem Gwendolyn pensar em outra época e em outros lugares; ela se lembra dos bailes na corte de seu pai quando todas as pessoas vestiam os seus melhores trajes, dos duelos, festivais e vários anos de paz e fartura, anos que Gwen tinha tido certeza jamais chegariam ao fim. Ela se lembra de seu primeiro encontro com Thorgrin, ainda no Anel, lembrando a chegada daquele garoto jovem e ingênuo à Corte do Rei pela primeira vez. É como se tudo isso tivesse acontecido em outra vida. Ela sente que havia envelhecido muito desde então, pensando em tudo que havia mudado em sua vida. Mesmo ali, naquele lugar incrível, ela tem dificuldades em imaginar que voltará a viver dias de conforto outra vez.

Gwen sai de seu devaneio quando a Rainha puxa o seu braço e aponta para a frente.

"É aqui que vive a maioria do nosso povo," a Rainha diz com orgulho.

Gwendolyn observa a linda cidade, tendo uma visão privilegiada de cima da passarela, e se espanta com a beleza e sofisticação do lugar. A cidade contém inúmeras casas de todas as formas e tamanhos, algumas construídas em mármore ou calcário bem próximas umas das outras, dando ao lugar um ar de aconchego. Aquela é uma visão agradável, com as ruas de paralelepípedos repletas de cavalos lentamente puxando suas carroças. Ao longo das ruas, pessoas vendem seus produtos e as ruas estão tomadas pelo cheiro de comida: as barracas estão cheias de frutas e vendedores negociam sacos e barris de vinho. Há outras lojas por todos os lados, homens vendendo couro, ferreiros vendendo armas e joalheiros cobertos de joias. Todas as pessoas estão vestindo seus melhores trajes e caminham em harmonia pelas ruas daquela cidade luxuosa.

Gwen olha para cima e observa as impressionantes fortificações que cercam a cidade, seus muros antigos de pedra repletos de cavaleiros vestindo armaduras que brilham sob a luz do sol. Ela vê o castelo elevando-se acima de tudo como um vigia, seus parapeitos lotados de soldados em formação, exemplos perfeitos de força e disciplina. Sinos doam suavemente na distância, cães latem nas ruas abaixo e crianças correm alegremente atrás deles. Uma brisa fraca e cheia de umidade acaricia o rosto de Gwendolyn enquanto ela caminha, fazendo-a perceber que aquele lugar é tão perfeito quanto alguém é capaz de imaginar. As águas brilham na distância e, além delas, os picos do Cume, envoltos por uma neblina, se erguem acima de tudo com o horizonte distante como pano de fundo, fazendo aquele lugar parecer ainda mais protegido.

Gwen vê pessoas abrindo suas janelas para pendurar roupas no varal e, ao olhar para baixo, vê outras pessoas cumprimentando-as com carinho. Ela se sente um pouco elitista, caminhando naquela passarela.



"Você parece distraída, querida Rainha," a Rainha fala para ela, sorrindo.

Gwen enrubesce.

"Desculpe-me," ela fala. "É que... Eu prefiro interagir com as pessoas. Eu gosto de abraçá-las e de caminhar nas mesmas ruas que elas."

Gwen espera não tê-la ofendido e fica aliviada ao ver a Rainha abrir ainda mais o sorriso.

"Você é como eu," ela fala. "Eu estava esperando que você tocasse no assunto. Eu também não gosto de viver assim e prefiro ficar perto do meu povo."

Ela leva para as ruas Gwen por uma escara dourada e, enquanto elas descem, uma movimentação começa na multidão; todos se espantam com a presença da Rainha e correm para cumprimentá-la, oferecendo-lhe frutas e flores. Gwen percebe como a Rainha é amada pelo seu povo e imediatamente percebe o motivo: ela é a Rainha mais bondosa que Gwendolyn já havia conhecido.

Gwen gosta de caminhar pelas ruas, aprecia a vitalidade e o cheiro de comida no ar; as ruas estão cheias de gente e ela adora a energia daquele lugar. O povo do Cume, ela está começando a perceber, é amigável e acolhedor; aquele é um povo simpático e de risada fácil. Ela está começando a se sentir em casa.

"Nosso passeio pelas ruas é, na verdade, muito conveniente. A minha filha está do outro lado da cidade, dentro de sua biblioteca. Esse é o caminho mais rápido até lá."

Gwen pensa no lugar que ela tanto deseja conhecer, a Biblioteca Real, e fica animada. Ela também pensa na filha mais nova da Rainha, que o Rei havia lhe pedido para visitar primeiro, e se pergunta mais uma vez sobre que tipo de garota ela é.

"Fale-me sobre ela," Gwen pede.

O rosto da Rainha se ilumina ao ouvir menção de sua filha.

"Ela é uma jovem notável," ela diz. "É a pessoa mais inteligente que eu conheço. Você vai ver que ela é realmente incomparável. Eu não sei a quem ela puxou, certamente não foi a mim."

A Rainha balança a cabeça enquanto fala com os olhos cheios de lágrimas de admiração.

"Como uma garota de dez anos pode ter um intelecto poderoso o bastante para ser a Sábia do Reino? Ela não tem apenas o raciocínio mais rápido que eu já vi, mas também retém informações como ninguém. Isso é mais do que um talento, é uma obsessão. Pergunte-lhe qualquer coisa sobre a nossa história e ela terá a resposta. Os conhecimentos dela superam até mesmo os meus. Tenho orgulho dela, mas ela passa todos os dias trancada naquela biblioteca. Ela está pálida demais, se você quiser saber minha opinião. Ela deveria estar aqui fora, brincando com suas amigas."

Gwen pensa na primeira vez em que a tinha visto, no banquete de seu pai, e em como ela havia ficado interessada na garota. Obviamente, aquela é uma menina extraordinária. Seu próprio interesse em livros havia feito com que Gwen sentisse uma ligação imediata com ela. Ela faz Gwen se lembrar do tempo que havia passado na Casa dos Estudiosos, quando ela também teria ficado dias inteiros trancada naquele prédio se o seu pai não tivesse interferido.

"Seu marido me pediu que a visitasse primeiro," Gwen fala. "Ele disse que eu deveria ouvi-la antes de visitar a Torre e seu outro filho, Kristof. Ele falou que eu teria uma base melhor, que compreenderia tudo com mais facilidade."

Gwen observa o rosto da rainha se transformar ao ouvir o nome de seu outro filho. Ela assente com tristeza.

"Sim, ela irá lhe contar sobre a torre amaldiçoada e muito mais," ela diz. "Embora eu não saiba como isso vá mudar as coisas. Meus filhos estão perdidos para sempre naquela torre."

Gwen olha para a rainha com espanto.

"Filhos?" ela repete. "O rei mencionou apenas um filho. Você tem mais algum?"

A Rainha olha para baixo enquanto elas caminham, passando pelos vendedores, e permanece em silêncio por muito tempo. Quando Gwen está começando a se perguntar se ela pretende responder, a

Rainha enxuga uma lágrima e olha para ela com uma expressão triste.

"Minha filha também está lá,"

Gwen suspira.

"Filha? Seu marido não me falou sobre ela."

A Rainha assente.

"Kathryn. Ele nunca fala nela e age como se ela não existisse, apenas por que ela é afetada."

Gwen a encara, sentindo-se confusa.

"Afetada?" ela repete.

A Rainha desvia o olhar e Gwen não insiste, percebendo que o assunto é doloroso demais para ela.

Um silêncio recai sobre elas enquanto a caminhada continua e Gwen fica mais curiosa do que nunca. Aquele povo do Cume parece esconder vários segredos. Gwen pensa no outro filho da Rainha, Mardig, e se pergunta que tipo de segredos obscuros aquela família guarda.

Elas continuam abrindo caminho pelas ruas da cidade até que a rainha chega a uma parada abrupta assim que elas viram em uma rua. Ela olha para cima e Gwen faz o mesmo.

Gwen suspira, admirando o prédio diante dela. Aquele prédio é diferente de tudo que Gwen já tinha visto, construído em mármore brilhante, com portas douradas em formato de arco e detalhadamente entalhadas. As portas são decoradas com lindas imagens douradas e emolduradas por belíssimos vitrais. Ele se parece com uma igreja, mas é mais circular e, ainda mais impressionante, está localizado no meio de uma praça aberta e completamente isolada, cercada por um pátio coberto de pedras portuguesas douradas. Gwen imediatamente percebe o respeito que aquele lugar tem pelos livros e pela educação; afinal de contas, aquela Biblioteca Real é como um grande símbolo no meio da cidade.

"Minha filha está esperando por você lá dentro," a Rainha diz com evidente tristeza em sua voz.

"Pergunte-lhe o que quiser. Ela lhe contará tudo. Algumas coisas são dolorosas demais para uma mãe."

Ela abraça Gwendolyn rapidamente e, virando-se, desaparece pelas ruas acompanhada de sua comitiva.

Sozinha, Gwen encara as enormes portas douradas com quase dez metros de altura; ela estica o braço e coloca uma mão nas maçanetas douradas, empurra e se prepara para entrar em outro mundo.

\*

Gwen encontra Jasmine esperando para cumprimentá-la assim que ela entra na Biblioteca Real, parada sozinha no meio do grande hall de mármore com as mãos diante do corpo, ligeiramente cruzadas na altura de sua cintura, e olhando para ela com um sorriso animado nos lábios e evidente sabedoria no olhar.

Ela se aproxima de Gwen e segura nas mãos dela.

"Eu estive esperando *sem parar* por você!" Ela exclama, virando-se imediatamente para apresentar Gwen ao lugar. "Meu pai disse que você viria esta manhã e estou esperando desde então. Devo ter olhado pelas janelas uma centena de vezes. Minha mãe a levou em um de seus tediosos e longos passeios?" ela pergunta com uma risada, divertindo-se.

Gwen não consegue evitar o sorriso, contagiada pelo entusiasmo daquela garota. Jasmine a conquista desde o primeiro instante com sua inteligência e vivacidade. Ela também é extrovertida e amigável. Gwendolyn nota uma animação que ela não havia esperado encontrar na garota. Ela a tinha imaginado como uma garota séria, perdida em seus livros, como todos os estudiosos, mas ela não é nada disso. Ela é como qualquer outra garota, despreocupada, alegre, amigável e bem disposta. De algumas maneiras, ela faz Gwendolyn pensar no espírito aventureiro e livre que ela havia tido quando criança. Gwen se pergunta exatamente quando ela havia mudado.

Enquanto Jasmine a leva pelos corredores sem parar de falar, ela muda de um assunto para o outro com impressionante destreza, apontando uma prateleira de livros após a outra.

"A pilha da direita tem as tragédias de nosso primeiro dramaturgo, Círceles," ela fala. "Eu os considero trabalhos banais, o que se pode esperar da primeira geração de dramaturgos do Cume. Obviamente, eles são baseados nos costumes da época, sobretudo marciais. Como diz Keltes, cada geração nos proporciona mais conhecimento, uma mudança de habilidades marciais para algo superior. Todos nós buscamos mais sabedoria, não é mesmo?"

Gwen volta a olhar para ela, espantada com a sabedoria de seu longo discurso à medida que Jasmine continua falando se parar, mostrando-lhe prateleira após prateleira de livros. Elas passam por vários corredores com as paredes decoradas por afrescos e o chão coberto de ouro.

A biblioteca é como um labirinto e Jasmine a leva por corredores estreitos e sinuosos formados por prateleiras cheias de livros em ambos os lados. As prateleiras, feitas de ouro, têm quase dez metros de comprimento e todos os livros, com capas de couro e escritos à mão no velho idioma do Anel, parecem antigos. Há uma quantidade assustadora de livros mesmo para alguém como Gwendolyn, mas Jasmine parece conhecer cada um deles.

"Aqui guardamos os livros de História, é claro," continua Jasmine, pegando um livro nas mãos e passando a virar suas páginas enquanto continua caminhando. "Essas prateleiras se estendem por vários metros. Os livros estão organizados a partir dos antigos historiadores aos mais recentes; na verdade, deveria ser ao contrário. Presume-se que os historiadores modernos complementam as informações dos antigos, oferecendo relatos mais esclarecedores sobre a História do Cume e do Anel, mas isso não é verdade. Como costuma acontecer com frequência, nossos historiadores originais eram bem mais preparados que os atuais. Acredito que haja alguma verdade no conceito de que as gerações futuras superam as anteriores, mas há muito mais verdade na ideia de que a sabedoria dos nossos antepassados é inalcançável," ela diz. "A síndrome do primeiro filho, não é mesmo?"

A mente de Gwen se confunde, tentando processar tudo o que Jasmine está dizendo, mas ela não consegue evitar a sensação de que está diante de uma mulher com oitenta anos. Aquela garota tem mais conhecimentos do que Aberthol e Argon juntos, mas a velocidade de seu raciocínio e sua energia deixam Gwen atordoada. Gwen percebe imediatamente que ela não é páreo para a inteligência e sabedoria daquela garota, o que nunca havia acontecido antes em toda a sua vida. A sensação é assustadora e excitante ao mesmo tempo.

"Você também gosta de ler," diz Jasmine, fazendo uma curva e levando Gwen através de mais um corredor cheio de livros. "Percebi isso na primeira vez que a vi. Você é como eu. Bem, exceto pelo peso de sua Coroa. Eu compreendo. Deve ter sido difícil. Imagino que você não tenha mais tempo para ler. Essa é provavelmente a pior parte de se tornar rainha. Você vai amar esse lugar."

Gwen sorri.

"Como você faz isso?" pergunta Gwen. "Você está lendo meus pensamentos."

A garota ri, divertindo-se.

"É fácil identificar outros leitores. Há uma expressão distante em seu olhar, como se você estivesse perdida em outro mundo. Esse é um sinal claro. Você vive em um mundo melhor, mais glorioso do que o real, assim como eu. Esse é um mundo de fantasias. Um mundo belíssimo, onde tudo é possível e o único limite é nossa própria imaginação."

Jasmine suspira.

"Nosso mundo, aqui e agora, é tão trivial," ela completa. "Ferreiros, açougueiros, caçadores, guerreiros e cavaleiros, que coisa mais fútil. Tudo o que eles fazem é matar uns aos outros, superar uns aos outros em duelos e coisas assim. É terrível. E redundante, também."

Ela suspira ao entrar em mais um corredor.

"Os livros, por outro lado," ela continua, "são infinitamente melhores. Ler um livro, se você quer saber minha opinião, demanda mais coragem do que a necessária para matar alguém. E também nos oferece a oportunidade de explorar um mundo bem mais interessante. É uma pena que nossa sociedade

valorize mais os assassinos do que os estudiosos. Afinal, sem os nossos conhecimentos, como o armeiro faria para aprender a forjar armaduras? E o que o ferreiro faria para aprender a manusear o aço das espadas? Como o sapateiro aprenderia a consertar as ferraduras dos nossos cavalos e como os engenheiros poderiam saber como construir uma catapulta? E como o Rei poderia saber com quem ele já havia lutado se ele fosse incapaz de ler ou, no mínimo, identificar o estandarte de seus oponentes do outro lado do campo de batalhas? Como esses homens saberiam quem eles devem matar?"

"Cavaleiros não vivem em um vácuo," ela continua. "Eles devem mais a nós leitores e aos nossos livros do que jamais serão capazes de admitir. Eu diria até que um guerreiro precisa mais dos livros para sobreviver do que de uma arma."

Ela desce correndo um lance de degraus enquanto Gwen se apressa para acompanhá-la.

"Mesmo assim, somos tratados como cidadão de terceira classe, renegados à nossas bibliotecas. Agradeço a Deus por eu ter nascido uma garota. Se eu fosse um menino, estaria desperdiçando meu tempo no campo de batalhas e perdendo tudo isso."

Ela faz uma curva, para e gesticula para Gwen, que fica sem fôlego ao ver uma nova sala. Gwen se vê em pé dentro de uma vasta sala circular cujo teto tem mais de trinta metros de altura, cercado por colunas de mármore de seis em seis metros; alguns degraus dão acesso a uma área com chão de mármore brilhante onde há dezenas de mesas douradas. Em cada uma das mesas há dezenas de livros de todas as formas e tamanhos, alguns tão grandes quanto as mesas onde eles se encontram. A sala é iluminada por diversos castiçais suspensos, decorados com cristais.

Gwen observa a cena com espanto enquanto Jasmine entre sem qualquer cerimônia, obviamente confortável naquele lugar que deve ser como sua própria casa.

"Essa é a sala de leituras principal," ela explica à medida que Gwen a segue pelo lugar, absorvendo tudo. "Às vezes, gosto de me esconder em algum canto para ler, mas a maior parte do tempo eu fico aqui. De qualquer forma, esse lugar está sempre vazio, então não importa onde eu leia. Por outro lado, ler em diferentes locais pode mudar nossa opinião sobre determinado livro, você não acha?"

Gwen olha para todas aquelas mesas, sentindo-se confusa.

"Eu não entendo," ela fala. "Se ninguém mais usa esta sala, por que aqueles livros estão em cima de diferentes mesas? É como se um exército inteiro usasse a Sala de Leitura todos os dias."

Jasmine cai na risada.

"É mesmo?" ela pergunta. "Eu sinto muito. Sei que sou desorganizada. Não costumo guardar meus livros."

Gwen a encara com espanto.

"Você está querendo dizer que está lendo todos esses livros, sozinha?" ela pergunta em descrença, olhando para as centenas de volumes espalhados pelas doze mesas, todos abertos em alguma página.

Jasmine sorri.

"Nem são tantos assim," ela repete com humildade. "Esses são apenas os meus livros prediletos. Decidi ler bem mais este ano."

Jasmine se esquece da presença de Gwendolyn e caminha de mesa em mesa, já ocupada com os livros diante dela. Ela praticamente salta para dentro da sala, correndo para a mesa mais próxima para pegar um livro enorme que se põe a ler. Gwen assiste com descrença à medida que Jasmine vira as páginas do livro com incrível rapidez. Ela nunca tinha visto alguém lendo tão rápido. Jasmine murmura enquanto lê, perdida em seu livro, sem perceber que Gwendolyn também está ali.

Em alguns minutos, ela termina o livro.

Ela olha para Gwen com um sorriso nos lábios.

"Uma das histórias menos tediosas," Jasmine diz, suspirando. "Eu realmente mergulho nos livros, mas eu sabia que você viria, sabia que você gostaria de obter respostas e quis estar preparada. Eu presumo, é claro, que você esteja interessada em saber toda a História do Anel e dos nossos ancestrais em comum."

Essa é a natureza humana afinal, não é mesmo? As pessoas não têm a necessidade de aprender mais sobre si mesmas?"

Jasmine olha para ela com um brilho nos olhos e Gwen sorri, pensando nas palavras de Jasmine e ainda tentando processar tudo aquilo. Ela estica o braço, colocando a mão no ombro da garota.

"Você é um ser humano maravilhosamente surpreendente," é tudo que Gwen consegue dizer. "Se eu tiver uma filha um dia, quero que ela seja exatamente como você."

Jasmine relaxa pela primeira vez, brilhando de orgulho, e se aproxima de Gwen para abraçá-la. Então, ela se vira e volta para perto da mesa, abrindo outro livro.

Gwen caminha até ela e começa a ler por cima de seus ombros. Aquele livro, encadernado em couro, está escrito no antigo idioma do Anel e, por sorte, esse é um idioma que Gwendolyn domina bem, tendo aprendido com Aberthol e os outros quando criança. Gwen está feliz em estar naquele pacífico e sagrado templo da literatura. Ela poderia ficar sentada dentro daquela biblioteca para sempre, separada de todos os problemas do mundo exterior. Não há nada que ela queira mais.

Porém, enquanto ela tentar ler, Jasmine vira as páginas do livro com tanta rapidez que é difícil para Gwen acompanhá-la.

Jasmine rapidamente fecha o livro ao terminar de lê-lo e estica o braço para pegar outro.

"Você poupá-la da monotonia daquele livro," ela diz. "Em essência, o livro afirma que o Cume e o Anel compartilham os mesmos ancestrais. Mas você já sabe disso. Aquele livro narra a separação que ocorreu. Um assunto bastante entediante."

"Conte-me," pede Gwen, ansiosa para saber mais.

Jasmine dá de ombros como se a informação fosse de conhecimento comum.

"Em algum momento, há muitos séculos, cada um seguiu o seu caminho. Houve um êxodo em massa do Cume. A sua parte da família atravessou o Grande Deserto e, de alguma forma, encontrou ou construiu navios para atravessar o oceano. Obviamente, houve uma perseguição por parte do Império e muitas pessoas morreram no Deserto, nas florestas ou no mar. Muitas das pessoas que chegaram ao Anel também não sobreviveram. A maioria morreu no lugar que vocês chamam de Selva."

Gwen a encara com espanto ao ouvir suas palavras.

"Sim," ela diz. "A terra além do Canyon, no limite externo do Anel."

Jasmine assente.

"O maior desafio que o seu povo enfrentou foi construir uma ponte para atravessar o Canyon. A primeira ponte foi chamada de Travessia Ocidental. Eles fizeram outras três; Mil homens trabalharam por mil dias para escavar as rochas. Algumas criaturas tentaram atravessar, mas o seu povo foi capaz de proteger a ponte. Outras criaturas desceram para o Canyon para tentar subir pelo outro lado, mas dizem que elas foram mortas pelos monstros que vivem lá embaixo."

Gwen ouve atentamente enquanto sua mente é inundada por perguntas, mas ela não quer interromper Jasmine.

Jasmine suspira.

"Para aqueles que conseguiram sobreviver," ela continua, "o Anel original não era um lugar fácil para se viver. O território do Anel era tomado por seus próprios monstros, o território era selvagem e as Highlands, praticamente intransponíveis. Houve uma ruptura quase imediata entre as províncias Ocidental e Oriental, que eu acredito acabaram se tornando os Reinos Ocidental e Oriental do Anel. O lado Oriental era menos fértil, mas árido e de clima mais severo. Tribos selvagens viviam lá e formaram a base do Reino Oriental."

"Foi somente quando o seu povo conseguiu controlar o Canyon que as coisas começaram a mudar. E isso, por sua vez, nos leva ao ponto mais importante de sua história: A história do Escudo. E da Espada do Destino. Sem o Escudo, o Anel era apenas mais um lugar indefensável, mais uma ilha, um lugar tão

inseguro e hostil quanto o restante do mundo. Mas a magia dos primeiros grandes feiticeiros cujos poderes criaram o Escudo formou uma base para a sobrevivência do seu povo."

Gwen nunca tinha se envolvido tanto com uma estória; ela havia lido livros de História durante toda a sua vida, mas é a primeira vez que ela ouve aquilo. Ela se pergunta quantos preciosos volumes como aquele o povo do Cume possui, curiosa para saber o quanto o povo do Anel desconhece.

"Conte-me mais," Gwendolyn pede.

De repente, sinos dobram a partir de algum lugar do lado de fora das paredes e Jasmine ergue a cabeça, distraída pela primeira vez. Gwen observa a expressão no rosto dela se transformar e se pergunta qual será o motivo da mudança.

"Não suporto esse barulho," ela diz. "Eles tocam sem parar."

Gwen fica confusa.

"Por que? Quem toca esses sinos? Eles não são os sinos de uma igreja?"

Jasmine balança a cabeça.

"Bem que eu gostaria," ela responde. "Esses são os sinos da torre. Os sinos da falsa religião, do culto que mantém meu irmão e minha irmã como reféns. Não fisicamente, é claro, mas intelectual e espiritualmente - laços ainda mais fortes do que algemas. Eu os amo profundamente e daria qualquer coisa para tê-los de volta."

Jasmine muda de assunto de repente, esquecendo-se da história do Escudo e da Espada do Destino, e Gwen percebe algo em relação a garota: seu tempo de atenção é limitado. A mente de Jasmine funciona tão rápido que ela muda de assunto com habilidade alarmante. Ela é brilhante, mas um pouco agitada. Gwen ainda quer saber mais sobre o Escudo e a Espada do Destino, mas isso terá que ficar para outra ocasião. Afinal, ela tinha ido até ali a pedido do Rei para descobrir mais sobre a torre.

"Conte-me sobre os seus irmãos," pede Gwendolyn, ansiosa para acabar logo com aquilo.

"O que mamãe e papai lhe disseram?" ela pergunta.

"Não muita coisa," ela responde.

Jasmine balança a cabeça.

"É claro. Eles temem o que eles não conhecem e se envergonham do que não compreendem. Como a maioria das pessoas. Uma atitude bastante provinciana, você não acha?"

Gwen a encara sem conseguir compreender.

"Meu irmão," ela continua, "foi submetido a uma lavagem cerebral. Ele sempre se dedicou as suas obsessões e, infelizmente, eles encontraram a vítima ideal. Minha irmã, bem... esse é um assunto mais delicado. Ela nasceu assim. De certa forma, ela nunca realmente nos pertenceu. Mas agora, ela está do lado deles."

Gwen se esforça para acompanhar a conversa.

"Ela vive em estado de catatonia," explica Jasmine ao ver a expressão confusa de Gwendolyn. "Ela olha para fora das janelas e não diz uma palavra. É assim desde que ela nasceu. O *nobre* povo do Cume, com seu culto à perfeição, aos nossos guerreiros, cavaleiros e toda aquela bobagem, tem vergonha dela. É uma situação triste, na verdade. Acredito que essa seja a maior falha dos meus pais. Qualquer pessoa que não seja perfeita é considerada uma ameaça ao reino. Mas eu amo minha irmã de verdade e sempre a amei. Eu sempre encontrei uma forma de me comunicar com ela. Ela também consegue se comunicar, precisamos apenas estar abertos para ouvi-la."

Gwen começa a compreender e sente tristeza por todos eles.

"Seu pai me pediu para visitá-los," diz Gwen. "Para tentar trazê-los de volta."

"Essa é uma causa perdida," comenta Jasmine. "Não é possível acessar os caminhos da mente."

"Mas ele também acha que a Torre esconde algo. Ele acredita que a torre está guardando algo, algum conhecimento antigo ou algum segredo histórico."

Jasmine suspira, desviando o olhar, e fica em silêncio pela primeira vez, olhando para a distância com o olhar desfocado como se estivesse tomando uma decisão importante.

"Esse boato sempre existiu," ela fala. "Muitos acreditam que os Seguidores da Luz estão escondendo os livros perdidos. Estes são livros que eu nunca vi; livros cuja existência nunca foi provada. Eu implorei ao meu irmão e irmã várias vezes: se eles existem, sou capaz de fazer qualquer coisa para poder lê-los. Mas eles insistem que os livros não existem, pelo menos não que eles tenham visto. E mesmo se os livros existirem, mesmo que eles estejam escondidos em algum lugar nas entranhas da torre, quem pode ter certeza de que eles realmente contêm as respostas que todos buscamos?"

Ela suspira.

"Esse é apenas mais um dos sonhos do meu pai," ela diz. "Talvez isso tenha alguma relação com a idade dele? Ou com seu desejo pelo retorno de seus filhos?"

Gwendolyn olha para o outro lado, desapontada pela conversa e tentando processar aquelas informações. A sabedoria de Jasmine é espantosa e Gwen conclui que precisará de meses para compreender tudo o que ela está dizendo completamente. É a primeira vez que ela se encontra naquela situação, tão intelectualmente inferior, e a experiência é desconcertante.

Jasmine deve ter pressentido a sua tristeza, pois se aproxima dela e gentilmente coloca a mão sem seu pulso.

"Já falamos o bastante da Torre," ela diz. "Você irá até lá e verá com seus próprios olhos. Mas vejo em seus olhos que algo a está incomodando. Thorgrin e Guwayne, não é mesmo?"

Gwen olha para ela com esperança nos olhos, perguntando-se como ela sabe.

"Argon não lhe disse nada?" pergunta Jasmine.

Gwen olha para ela com uma expressão confusa.

"Argon?" ela repete. "O que ele deveria ter me falado? Ele está doente. Ele não consegue responder."

Jasmine balança a cabeça.

"Não mais," ela diz. "Nossos curandeiros são muito habilidosos e sabem o que estão fazendo. Ele já está começando a melhorar. Está consciente nesse exato momento."

Gwendolyn olha para ela, sentindo-se feliz e cheia de esperança.

"Como você sabe?" ela pergunta espantada.

Jasmine sorri.

"Tudo o que acontece nessa corte é comunicado por meio de corvos. Dizem que eu sou bastante curiosa."

Gwen a observa com admiração.

"O que é que Argon sabe?" pergunta Gwen.

"Os mais antigos," Jasmine fala, "carregam grandes segredos desde o início dos tempos. Há também muitos conhecimentos sobre os quais eles não costumam falar."

Ela olha para Gwendolyn atentamente.

"Fale com Argon," ela diz. "Pergunte-lhe sobre Thorgrin. E sobre Guwayne. Pergunte-lhe o que ele está escondendo. Estou certa que até mesmo você ficará surpresa."

## CAPÍTULO DEZESSEIS

Kendrick se prepara quando as garras afiadas do agarrador salta em direção ao seu rosto com incrível velocidade. A criatura salta de cima da árvore contorcida tão rápido, atacando Kendrick antes que ele tenha uma chance de se defender. As garras da criatura são tão compridas quanto o seu corpo, afiadas e finas como lâminas; parecida com uma preguiça, ela tem o corpo peludo, olhos amarelos redondos, presas afiadas e parece determinada. É evidente que ela já havia surpreendido muitos viajantes distraídos embaixo daquela árvore.

Kendrick sabe que em poucos instantes ele será decapitado e a última coisa que passa pela sua cabeça antes de ser alcançado é tristeza por morrer ali, no meio do lado e longe de Gwendolyn e todas as pessoas que ele ama.

Ao mesmo tempo, Kendrick ouve um barulho metálico e vê Brandt parado ao seu lado e bloqueando as garras da criatura com sua espada. Em seguida, Atme dá um passo adiante e enfia sua espada no peito do agarrador.

Ela dá um grito horrível e começa a tossir uma substância amarela em cima de Kendrick ao mesmo tempo em que cai no chão do deserto, morta.

De repente, o céu é preenchido com os terríveis guinchos daquelas coisas. Como um bando de macacos, elas saltam de cima da árvore às dúzias, determinadas a atacar o grupo com suas garras estendidas no ar.

Kendrick, sentindo-se grato por ter sido salvo por Atme e Brandt, está determinado a retribuir o gesto. Ele vê uma das criaturas saltar com as garras estendidas na direção das costas de Brandt e, adiantando-se, empurra Brandt para fora do caminho e arremessa a sua espada. A espada gira através do ar e perfura o peito da criatura. Ela cai no chão antes de atingir Brandt.

Pelo canto do olho, Kendrick vê outra besta aproximando-se de Atme e, pegando a espada curta em sua cintura, corta a cabeça dela em pleno ar, impedindo-a de enfiar as presas no pescoço de seu amigo.

Um grito corta o ar e, ao se virar, Kendrick vê um dos cavaleiros da Prata gritar quando uma criatura salta em suas costas e enfia os dentes na parte de trás de seu ombro. Kendrick corre na direção dele e usa o punho de sua espada para acertar a cabeça da criatura, derrubando-a, e então gira o corpo e corta outra criatura ao meio antes que ela possa arranhar o rosto do cavaleiro com suas garras.

Ao seu redor, todos os seus homens seguem o seu exemplo, partindo para a ação. Eles matam as criaturas, enfrentando-as uma de cada vez à medida que elas se aproximam. Os homens de Kendrick causam danos, mas também são atingidos e mordidos por elas. As criaturas são rápidas demais para eles. A batalha é sangrenta; para cada criatura que eles conseguem matar, um de seus homens é ferido. Aqueles que estão vestindo armaduras usam a proteção ao seu favor, erguendo escudos e manoplas para bloquear os ataques.

Kendrick se vira e usa sua manopla para esmagar uma criatura antes de ser atingido por ela; então, ele ergue o escudo e acerta mais três agarradores. Ele se sente otimista por um instante, mas, então, ele olha para cima e vê um número infinito daquelas criaturas preparadas para saltar de cima da árvore. Eles haviam encontrado um ninho daquelas coisas e, claramente, aquelas criaturas não estão acostumadas a receber visitas sem fazê-las pagar caro por isso. Kendrick sabe que algo precisa ser feito. Seus homens estão levando muitos golpes e, nesse ritmo, eles logo estarão fracos demais para vencer.

Kendrick pensa rápido e se lembra do mangual em sua sela, uma arma reservada para torneios; ele tem uma corrente de cinco metros e três esferas cravejadas na ponta. Aquela é uma arma mortal que ele raramente usa em batalhas por causa dos riscos. Mas em uma situação como aquela, é exatamente daquilo que ele precisa.

Kendrick pega a arma e gira a corrente acima de sua cabeça, pronto para causar danos. Assim que ele ergue o mangual, ele sente uma dor intensa na parte de trás de seu ombro e ouve um guincho em seus



ouvidos. Ele sente o peso de uma daquelas criaturas em cima dele, enfiando suas presas em seu ombro e assoprando um bafo quente em seu ouvido. Ele tenta agarrá-la, mas não consegue.

Kendrick grita em agonia e cai de joelhos quando, com a mesma velocidade, a dor diminui. Gritando, a criatura para voando por cima dele. Ao olhar para cima, Kendrick vê Koldo segurando uma espada ensanguentada após ter matado a criatura.

Kendrick, sentindo-se grato, não perde tempo. Ele fica em pé outra vez e gira o seu mangual, evitando acertar os seus companheiros. As três esferas cravejadas assobiam ao girar pelo ar e acertar várias criaturas, partindo-as ao meio e perfurando-as sem dificuldade. As criaturas caem no chão e uma delas morre antes de poder saltar sobre as costas de Koldo.

Kendrick se vira e gira o seu mangual em círculos cada vez mais amplos, correndo sem parar na direção dos outros e derrubando várias criaturas pelo caminho. Seus guinchos preenchem o ar à medida que Kendrick acerta uma após a outra, derrubando-as como moscas por todos os lados.

Logo, uma pilha de carcaças se forma aos seus pés.

Kendrick olha para o campo de batalhas e vê Naten gritar e soltar sua espada. Duas criaturas estão em cima dele, mordendo seu punho e seu pescoço. Uma terceira criatura salta na direção de seu rosto. Kendrick sabe que ele estará morto em poucos segundos.

Por um instante, Kendrick hesita, lembrando a forma como Naten o tinha tratado. Mas ele ignora a sensação, compelido pelo seu código de honra a salvá-lo, independente da forma como ele havia se comportado. Kendrick é capaz de lutar até a morte por todos os seus companheiros de batalha, mesmo que eles não mereçam sua ajuda.

Ele corre para salvar a vida de Naten, golpeando com toda a sua força; seu golpe é certo e Kendrick consegue tirar as criaturas de cima dele, uma de cada vez, a cada golpe. Ao perceber que ele não será capaz de matar todas as criaturas a tempo, Kendrick saca sua espada e a arremessa. Ela atravessa o ar e perfura a criatura que está prestes a atacar o rosto de Naten, salvando-o bem a tempo.

Um guincho forte corta o ar e todas as criaturas, em um movimento coordenado, começam a recuar, voltando para cima da árvore e agrupando-se como corvos nos galhos mais altos. Elas emitem barulhos estranhos em cima da árvore, observando Kendrick e seu mangual com evidente hesitação.

A calma toma conta do campo de batalhas à medida que os homens de Kendrick avaliam e cuidam de suas feridas, gemendo por causa das mordidas e arranhões. Ninguém tinha conseguido sair daquele confronto impune.

Quando Kendrick olha para os homens do Cume, ele percebe algo diferente em seus olhos: respeito. Os homens do Cume, antes inseguros em relação ao grupo de Kendrick, agora olham para ele de outra forma. Ele havia ganhado o respeito deles.

De todos, menos de um homem.

Naten simplesmente o encara com frieza e, então, se vira e começa a se afastar. Kendrick acha que aquela é uma maneira estranha de mostrar-lhe gratidão por ter sido salvo por ele.

Koldo e Ludvig se aproximam dele.

"Você lutou com coragem," diz Koldo. "Os homens do Anel mostraram o seu verdadeiro valor."

"Hoje, vocês salvaram a vida dos nossos homens," interrompe Ludvig.

"Não foi bem assim," diz uma voz em tom ameaçador.

Kendrick vê Naten parado por perto, olhando para o corpo de um homem morto.

"Ele não salvou a vida desse soldado," ele continua.

Kendrick vê o soldado morto, um homem do Cume que ele não reconhece, deitado no chão com sangue em sua armadura, os olhos abertos, encarando o vazio, e o corpo coberto de mordidas e arranhões.

"Vamos enterrá-lo com todas as honras que ele merece," Kendrick diz, entristecido pela perda.

Naten o encara com ódio.

"Não enterramos nossos mortos, estranho," ele dispara. "Isso não faz parte dos nossos costumes. Nós levamos cada um deles de volta ao Cume para a cerimônia de cremação. E não se esqueça: ele não estaria morto se não tivesse sido por você."

Kendrick, surpreendido pela frieza de Naten, observa quando os soldados pegam o corpo e o colocam em cima de um cavalo. O barulho das criaturas em cima da árvore muda e, quando Kendrick olha para cima, elas o encaram de forma ameaçadora.

"Os varredores estão posicionados," anuncia Koldo. "É hora de voltar."

Assim que eles sobem nos cavalos, um dos homens de Naten olha por cima do ombro para a árvore onde as criaturas se encontram.

"Agarradores," ele diz com seriedade. "Eles são um péssimo sinal. Nossa missão está amaldiçoada."

"Nada está amaldiçoado," dispara Ludvig.

"Está sim, senhor," ele diz. "Essa missão deveria ter sido algo rotineiro, apenas para apagar os rastros no deserto. E agora aqui estamos nós. todos feridos e um homem morto. Você sabe tão bem quanto eu que nunca conseguiremos voltar ao Cume."

Ao observar o por do sol de cima de seu cavalo a caminho do Cume, Kendrick também não consegue evitar a sensação de que algo terrível se aproxima e que aquela missão está fadada ao fracasso. Ele pode sentir isso em seu interior.

E de alguma forma, ele também sente que eles jamais conseguirão retornar ao Cume.

## CAPÍTULO DEZESSETE

Darius fica em pé no pequeno pátio circular cercado por muros altos de pedra e encara o homem misterioso diante dele, perguntando-se quem ele é. O treinador do Império, o homem que o tinha defendido e salvado sua vida, continua ali, vestindo sua túnica marrom simples e segurando o seu cajado, e Darius não sabe o que fazer com ele. O homem se apresenta como Deklan. Por um lado, ele tinha salvado sua vida e, por isso, Darius se sente eternamente grato. Por outro lado, Darius não sabe os motivos que haviam levado aquele homem a defendê-lo e ainda não sabe o que ele quer. Será que ele vai ser cruel, como todos os outros?

Deklan olha para Darius como se ele o conhecesse de algum lugar. Ele olha para Darius com respeito, observando-o como um guerreiro, e Darius não entende o que está acontecendo. Aquele homem também é muito misterioso e parece não pertencer ao Império com seu manto marrom e cajado simples. Darius nunca havia testemunhado um homem lutar daquela forma, derrubando tantos soldados com uma arma tão simples. Ele é o lutador mais ágil que Darius já tinha visto e ele sente que poderá aprender muito com ele.

Deklan permanece ali calmamente, olhando para Darius como se estivesse esperando por algo em meio ao silêncio, mas Darius não sabe o que dizer ou fazer. Afinal, aquele homem claramente serve ao Império, o que significa que ele está se preparando para matar Darius com suas próprias mãos ou preparando Darius para a Arena. Ambas as opções terão o mesmo resultado: a morte de Darius.

Enquanto Darius o observa com cautela, o homem dá um passo adiante e pega um pequeno molho de chaves em seu cinto. Para surpresa de Darius, ele destranca cada uma de suas algemas grilhões. As correntes pesadas imediatamente caem no chão e Darius, sentindo-se bem mais leve, esfrega os pulsos e tornozelos, não tendo percebido antes o quanto elas o estavam apertando.

Em seguida, Deklan surpreende Darius ainda mais ao pegar uma espada afiada em sua cintura e estender o braço para entregá-la a Darius com o punho apontado em sua direção.

Darius olha para ele sem saber se aquilo é um truque.

"Por que você está me dando uma espada?" Darius pergunta. "Eu posso matá-lo com ela."

Deklan apenas sorri.

"Mas você não vai," ele responde.

Darius olha para baixo, observando a espada, e então, lentamente estende a mão e coloca a mão em torno de seu punho, apreciando a sensação de segurar uma espada novamente.

"Você cortou minhas algemas," Darius fala. "Por quê?"

Deklan continua sorrindo.

"Você não tem nada a temer," o homem diz. "É muito mais perigoso para você do lado de fora destas paredes do que dentro delas. Todos os meus companheiros soldados estão ansiosos para matá-lo; eu sou o único que quer mantê-lo vivo."

"Mas por quê?" Darius pergunta.

Deklan recua um pouco e põe-se a observar Darius.

"É minha tarefa treinar esses meninos para lutar na arena. Ninguém jamais sobreviveu. Eu posso prolongar suas vidas, mas eu não sou capaz de salvá-los. No entanto, em você, vejo algo diferente. Um menino que pode, talvez, sobreviver."

Darius olha para ele com ceticismo.

"Eu reconheço em você," continua ele, "um menino que também é um homem e que merece uma chance de lutar. Um menino com o espírito de um guerreiro não deve ser morto em um pátio, preso por grilhões e correntes."

"Então você salvou a minha vida apenas para me tornar um lutador melhor, de modo que o povo na arena possa ter mais prazer em assistir a minha morte?" pergunta Darius, irritado.

Revoltado, ele joga a espada no chão com um estrondo, erguendo uma pequena nuvem de poeira. Ele olha para o homem com uma expressão desafiadora.

Deklan, surpreso, balança a cabeça lentamente e, em seguida, vira as costas e circula o pátio.

"Perder a sua vida rapidamente ou cair lutando é uma decisão sua," ele continua. "Ofereço-me para lhe dar uma chance. Uma chance. Esse é o maior presente que eu posso lhe dar. Chega de conversa," ele fala, parando de frente para ele.

Darius olha para a espada, jogada no chão, e pondera.

"Se eu te matar," Darius diz, "você não será capaz de treinar estes rapazes. Eles vão morrer mais cedo, os jogos não serão tão emocionantes e, talvez, o Império decida acabar com tudo isso de uma vez."

Deklan sorri.

"Quem dera o Império fosse assim," ele responde. "A morte os satisfaz, seja ela rápida ou lenta. Eu sou uma engrenagem insignificante de uma máquina muito maior do que nós dois. Mas se você acha que eu sou o seu inimigo, então desconte sua raiva em mim. Lute contra mim. Venha aqui e aprenda a lutar de verdade. A menos que você esteja com medo. "

Darius arde de indignação e, dando um passo adiante e esfregando os pulsos marcados pelas algemas, estende o braço e pega a espada.

Ele examina a lâmina afiada e olha para o homem, que está segurando um cajado simples.

"Eu tenho uma lâmina de aço," diz Darius, "e já matei mais homens do que você. Você tem apenas um pedaço de pau. Não sou eu quem tem algo a temer."

Deklan sorri.

"Então, vejamos se essa sua lâmina afiada pode danificar o meu pequeno cajado. A menos que você não saiba como manuseá-la?"

Darius grita em uma explosão de raiva e parte para cima do homem, emocionado por finalmente ter a chance de liberar toda sua raiva reprimida contra alguém.

Darius ataca, erguendo sua espada, e dá um golpe com toda a sua força no homem que permanece ali perfeitamente imóvel.

Darius se surpreende ao passar tropeçando pelo homem quando, com a velocidade de relâmpago, ele desvia no último segundo.

Darius se vira e olha para ele de novo, sentindo-se furioso. Ele grita e parte para um novo ataque.

Desta vez, Deklan o surpreende ao não se afastar ou recuar, dando um passo à frente para enfrentá-lo. Ao fazer isso, Deklan ergue seu cajado para o lado com ambas as mãos, acertando os pulsos de Darius no mesmo instante em que ele abaixa sua espada e fazendo com que ele a deixe cair.

Darius rapidamente se abaixa para pegá-la, mas, no mesmo instante, o homem bate o cajado em seu peito e o derruba de bunda no chão.

Darius fica ali deitado, sentindo-se humilhado enquanto observa o homem caminhar até o lado oposto do pátio antes de encará-lo novamente com um sorriso nos lábios.

"Você sabe a diferença entre um cavaleiro e um guerreiro mestre?" Deklan pergunta.

"Um cavaleiro é galante, orgulhoso e cavalheiresco; ele é nobre e destemido. Ele está sempre pronto para uma batalha a qualquer momento e exhibe graça. Ele não sucumbe aos seus medos."

Darius salta na direção de sua espada, tentando recuperá-la e acreditando que seja possível pegar Deklan desprevenido; mas Deklan antecipa o seu movimento e, esperando até o último momento, empurra a espada para fora do alcance de Darius com seu cajado. Ele então chuta as costelas de Darius, fazendo-o rolar para trás.

Deklan sorri e permanece inabalado.

"Um mestre guerreiro, por outro lado," ele continua calmamente, "é todas essas coisas e muito mais. Ele é o primeiro em batalha e, às vezes, o último. Ele não é previsível como os outros e tem seu

próprio código. Ele internaliza as leis da batalha, tornando-as parte de si mesmo e transformando-as em seu próprio código. Seu principal objetivo é sempre a vitória."

"É muito fácil identificar um guerreiro mestre: ele está sempre quieto. Ele precisa apenas de uma única arma, por mais simples que ela seja. Ele não precisa provar nada a ninguém. Ele pode até parecer distraído, mas quando chega a hora, ele ataca da forma mais inesperada, como um relâmpago. Como uma mosca através do lago. Rápido e silencioso, você terá a certeza de que ele está ali e, com o mais leve golpe de sua arma, ele pode fazer mais dano do que toda uma legião de cavaleiros."

Darius, furioso, dá um salto, corre pelo pátio, pega a espada e se vira para atacar Deklan, mas, assim que ele se vira, fica surpreso ao encontrar Deklan bem atrás dele, batendo seu cajado em suas pernas e fazendo com que ele caia de costas no chão do deserto.

"Seu problema," Deklan continua calmamente, em pé sobre ele, "é que você ainda é apenas um cavaleiro. Esta arena está cheia de corpos de cavaleiros mortos. Eu treinei todos eles. A arena é um lugar para os bravos, para torneios de cavaleiros. O objetivo do cavaleiro é duelar, competir e provar suas habilidades em todas as situações. Acima de tudo, um cavaleiro deve buscar aprimorar-se. Para sobreviver aqui, não basta ser meramente um cavaleiro; é preciso ser um guerreiro. Um guerreiro mestre."

"E como é que você sabe o que é necessário para sobreviver aqui, se ninguém jamais conseguiu essa façanha?" pergunta Darius, ainda furioso, limpando o sangue de seus lábios ao mesmo tempo em que fica em pé com a espada nas mãos. Ele corre e rapidamente dá um golpe para baixo, mas, desta vez, Deklan vira o seu cajado para o lado e desvia a ponta afiada da lâmina. À medida que Darius golpeia, empurrando Deklan para trás, Deklan continua desviando dos golpes e a espada acerta seu cajado sem nunca causar qualquer tipo de dano.

Deklan, sem se abalar, mantém o equilíbrio e a calma até ter visto o suficiente. Em seguida, ele gira o seu cajado para o lado e acerta o pulso de Darius, enviando sua espada voando pelo ar. Com o mesmo movimento, bateu o cajado na lateral da cabeça de Darius, que tropeça e cai no chão.

Darius, respirando com dificuldade, derrotado e sentindo-se mais inseguro do que nunca, finalmente percebe a inutilidade da luta contra aquele homem, mil vezes mais hábil, mais rápido, mais forte e mais mortal do que ele jamais poderá ser. Ele olha para cima quando Deklan para sobre ele, estendendo a mão.

Darius segura em sua mão, permitindo que o homem o ajude a ficar em pé.

"Eu sei," Deklan continua, "porque eu sou o único sobrevivente dessa arena."

Darius olha para ele com espanto.

"Você!?" ele pergunta. "Você sobreviveu?"

Deklan não diz nada e Darius sente o mistério sobre aquele homem se aprofundar.

"Você pode me treinar?" pergunta Darius, respirando com dificuldade e cheio de esperanças. "Você pode me treinar para que eu me torne um guerreiro mestre?"

Deklan surpreende Darius ao virar as costas e começar a se afastar de repente.

"Eu posso apontar o caminho," ele diz. "Mas ninguém pode ensinar-lhe isso a não ser você mesmo."

Enquanto Darius observa o homem ir embora, uma curiosidade ardente toma conta dele.

"Quem é você?" Darius grita atrás dele.

Mas o homem sai por uma porta de ferro, deixando Darius sozinho no pátio, acompanhado apenas pelo som de sua própria voz ecoando de volta para ele enquanto ele se pergunta por que aquele homem misterioso que ele havia acabado de conhecer lhe parece tão estranhamente familiar.

## CAPÍTULO DEZOITO

Loti acorda com um barulho metálico e se levanta, olhando ao seu redor enquanto se pergunta que lugar é aquele. Sua garganta está seca e seus olhos têm dificuldade para se ajustar à luz fraca quando ela tenta sacudir os sonhos de sua mente. Ela havia sonhado com uma viagem interminável, levada em uma carroça de ferro aos confins do mundo até cair de cima de um penhasco e cair em algum lugar no oceano.

Loti acorda em estado de alerta e olha ao seu redor, tentando se lembrar. O local é sufocante e é difícil respirar ali, cercada pela poeira. Ao olhar ao seu redor, Loti vê que está cercada por barras de ferro. Ela está em uma jaula tão baixa que, ao tentar se levantar, Loti bate com a cabeça, forçando-a a ajoelhar-se outra vez. Ela vê uma dúzia de outros corpos deitados no chão de terra e, além das barras da jaula, o deserto empoeirado e ondas de calor pairando no ar; ela percebe que está no centro de uma pequena aldeia movimentada; há cavalos e carroças movendo-se em todas as direções e escravos acorrentados sendo exibidos por todas as partes. Ela ouve um barulho e seu coração se enche de medo ao perceber que aquele é um som que ela conhece muito bem: um capataz está por perto, chicoteando as costas de um escravo.

Então, ela finalmente se lembra: sua mãe. Ela havia enganado Loti e seu irmão, vendendo-os como escravos para aquela caravana. Aquilo é algo que Loti jamais será capaz de perdoar.

"Irmã," diz uma voz.

O coração de Loti dispara ao reconhecer a voz e ela se vira para ver Loc, seu irmão, preso ao seu lado. Seus olhos se enchem de lágrimas de alívio.

Eles se abraçam e ela o segura com força.

"Você dormiu o dia inteiro," ele fala. "Os comerciantes de escravos nos trouxeram até aqui à noite antes e nos jogaram neste curral. Agora aguardamos o nosso destino."

Loti fica horrorizado quando a realidade do que sua mãe tinha feito toma conta dela.

"Como ela foi capaz de fazer isso conosco?" ela pergunta.

Loc balança a cabeça com tristeza.

"Ela deve ter tido algum motivo," ele responde. "Ela deve ter pensado que essa seria a melhor saída para nós."

Loti balança a cabeça com indignação; Loc está sempre disposto a defender a mãe, independentemente do que faça.

"O melhor para nós?" ela pergunta. "Como isso pode ser a melhor alternativa? Somos escravos outra vez."

Ele dá de ombros.

"Talvez ela tenha pensado que, se ficássemos com Darius, nossos destinos seriam pior."

Eles ouvem um barulho de chaves e, ao olhar para trás, Loti observa, horrorizada, quando um capataz tira vários escravos da cela, agarrando-os pelos tornozelos e arrastando-os pelo chão duro do deserto. Com um pontapé e um empurrão, os escravos acorrentados são enviados aos campos de trabalho, juntando-se aos grupos com centenas de outros escravos que estão partindo pedras.

Dois outros capatazes se aproximam da cela e Loti, ardendo de raiva, estende a mão e sente a adaga escondida em sua cintura. Ela se recusa a sucumbir a uma vida como escrava. Desta vez, ela pretende cair lutando.

Enquanto os capatazes se aproximam, ela se vira para Loc.

"Não desta vez," ela fala com determinação férrea. "Eu nunca serei uma escrava novamente."

Loc estende o braço e coloca uma mão em seu pulso, sacudindo a cabeça na escuridão.

"Por favor, minha irmã. Não faça isso. Eu lhe imploro. Por mim. Deixe para lutar em outra ocasião. Você vai matar apenas um deles e, então, irá morrer."

"Você morrer de qualquer jeito," ela responde. "Mas pelo menos vou matar um deles. Por que eu não deveria fazer isso?"

"Porque," ele responde rapidamente, com urgência, "Eu quero matar muitos deles."

Ela olha para ele, surpreendida por sua resposta e pela seriedade em seus olhos. Lentamente, ela coloca o punhal de volta em sua cintura.

"Como?" ela pergunta.

Os capatazes se aproximam da cela, abrem a porta e, quando eles se preparam para extrair outro escravo, Loc corre para a frente.

"Queremos ir!" Ele grita.

Um silêncio atordoado se segue enquanto os capatazes olham para ele com desprezo.

"Você?" Um deles pergunta, rindo e zombando dele.

Loc enrubescce.

"Não se preocupem com a minha mãe," ele responde. "Eu posso trabalhar tão bem quanto qualquer outro homem. Eu trabalhei com isso durante toda a minha vida."

"O que você está fazendo?" Loti sussurra para ele, mas ele a ignora.

"As minas!?" o capataz pergunta. "Você sabe que esse é um trabalho a partir do qual a maioria dos escravos nunca mais volta. Ninguém se oferece para fazer isso. Nove em cada dez escravos não conseguirão voltar."

Loc assente.

"Eu sei disso," ele responde. "E estou me oferecendo para essa tarefa."

Os capatazes se entreolham e, então, finalmente, fazem um gesto com a cabeça, tirando Loti e Loc da cela.

"O que você fez?" Loti pergunta para ele à medida que eles são levados fora.

Ele sorri para ela, um sorriso furtivo que só ela consegue ver.

"Você vai ver, minha irmã," ele responde. "Você vai ver."

## CAPÍTULO DEZENOVE

Erec fica em pé no centro da vila com um braço em torno da cintura de Alistair e sorri abertamente, relaxado pela primeira vez em muito tempo e permitindo-se desfrutar das festividades que ocorrem ao seu redor. Ele é invadido por um sentimento de orgulho ao ver aqueles aldeões livres das garras do Império, dançando com euforia e aplaudindo ao seu redor, exibindo expressões de alegria e júbilo, sentimentos que ele não vê há anos. Ele pode ver em seus rostos que aquelas pessoas tinham sido oprimidas e escravizadas por muito tempo e, agora, ele lhes tinha concedido o maior presente de todos: a liberdade.

A música toma conta do ar e eles tocam tambores e pratos enquanto dançam, abraçando-se enquanto dançam em círculos. Erec logo é levado por um aldeão, um homem alto, musculoso e sem camisa, que entrelaça o braço com ele e põe-se a dançar em torno da roda. Erec se junta aos aldeões, rindo ao lado deles enquanto uma mulher pega nos braços de Alistair e dança com ela. Erec é passado de um parceiro para o outro, baixando sua guarda e divertindo-se. Ele percebe todos os seus soldados olhando para ele, buscando sua aprovação para participar das celebrações e, quando ele faz um gesto com a cabeça, todos eles também relaxam e começam a comemorar. Erec vê seu irmão dançando ao lado dele e sente que todos os seus homens merecem uma pausa, uma oportunidade de celebrar a sua série de vitórias.

Erec sabe que a opressão é uma coisa terrível e acredita que ter a sua liberdade despojada é a pior forma de opressão possível. A liberdade, a capacidade de dominar o seu próprio destino, é mais do que apenas importante, é a essência da própria vida. Aquelas pessoas, agora livres, não temem o perigo, embora vivam cercados pelo Império; eles estão livres naquele momento e isso é tudo o que importa. Se eles morrerem mais tarde, aquele momento faz com que suas vidas tenham valido a pena.

Quando Erec faz uma pausa na dança, porém, ele olha para sua frota, ancorada no rio ao lado daquela aldeia, e sente um lampejo de preocupação: na distância, no meio da escuridão da noite, ele ainda pode ver as chamas dos navios incendiados, iluminando a noite com um suave brilho laranja. Erec sabe que aquilo é um bom sinal; o Império ainda está preso pelo seu bloqueio. Mas ele não sabe quanto tempo aquilo vai durar e sente a necessidade de continuar em movimento.

Assim que a última canção termina, Erec puxou o chefe da aldeia de lado e aperta o seu ombro, olhando dentro de seus olhos.

"Somos muito gratos por sua hospitalidade," Erec fala.

"Nós é que devemos lhe agradecer," diz o chefe. "Como podemos lhe retribuir? Isso é muito sagrado para o nosso povo."

Erec balança a cabeça.

"Ver a sua alegria é recompensa o bastante," afirma ele. Erec suspira. "Eu odeio ter que lhe dizer adeus, mas devemos deixá-los agora. Temo que se nós não seguirmos em frente, o Império conseguirá nos alcançar."

O rosto do chefe não mostra nenhuma preocupação.

"Você não tem nada com que se preocupar nesta noite, meu amigo," ele responde. "Os soldados do Império nunca viajam nestas águas durante a noite. Eles vão esperar até amanhã para persegui-lo."

Erec olha para trás com uma expressão confusa.

"Por quê?" ele pergunta.

"Por causa das cobras," o chefe responde. "Lá fora, nessas águas escuras, há cobras monstruosas do tamanho de um navio que surgem durante a noite. Se elas sentem o movimento de navios, eles os arrastam para o fundo do rio."

Erec examina as águas escuras com um novo respeito; ele não vê cobras, mas acredita na palavra do chefe da aldeia. As maravilhas daquelas terras do Império nunca deixarão de surpreendê-lo.



"Fique conosco esta noite," acrescenta o chefe. "Será uma grande honra acolhê-los. Vocês estarão mais seguros aqui e queremos agradecer-lhes e comemorar com vocês."

Ele estende o braço e coloca uma bebida na mão de Erec, pega uma bebida para si mesmo e brinda com Erec.

Erec hesita, mas, então, finalmente joga a cabeça para trás e bebe junto com o chefe. Erec sente a bebida subindo para sua cabeça e, pela primeira vez em muito tempo, se sente relaxado.

Duas enormes luas pairam sobre eles, iluminando a noite, o cheiro de assado é forte no ar e todos os seus homens parecem felizes e relaxados. Ele balança a cabeça e sorri.

"Vamos esperar, meu amigo. Esta noite, vamos comemorar."

\*

Erec caminha de mãos dadas com Alistair pela noite estrelada, dirigindo-se para longe do barulho e da agitação das celebrações em curso da aldeia depois de horas de dança, comida e bebida. Erec se sente tonto, o álcool forte inebriando os seus pensamentos enquanto segura a mão de Alistair, atravessando o mato e descendo em direção ao rio. Eles haviam se mantido em constante movimento desde que haviam deixado as Ilhas do Sul e ele quer algum tempo sozinho com ela.

Erec olha para cima e vê que as duas grandes luas haviam desaparecido há muito tempo, o céu agora está completamente tomado por incontáveis estrelas cintilantes, amarelas, vermelhas e verdes, pontuando a noite e proporcionando quase tanta luz quanto as luas. É a primeira vez que ele e Alistair ficam a sós desde que Erec é capaz de se lembrar. Ao refletir sobre o que havia se passado, sobre como ela tinha salvado sua vida, ele se sente culpado por não ter tido tempo para se casar com ela.

"Não pense que eu esqueci sobre o nosso casamento," ele fala. "Um dia em breve, eu prometo, nós nos casaremos."

Alistair sorri para ele.

"Aos meus olhos, já estamos casados," afirma ela.

Eles caminhar em silêncio por algum tempo e ele pode sentir a respiração superficial dela, sentindo uma forte tensão emanando dela, como se ela tivesse algo para lhe dizer.

Então, finalmente, ela interrompe o silêncio:

"Afinal de contas, meu senhor," ela continua, "nosso filho vai precisar de um pai legítimo."

Erec para de andar, surpreendido pelas palavras dela e se perguntando se ele tinha ouvido corretamente.

"Filho!?" ele pergunta.

Alistair também para de caminhar e olha para ele, sorrindo com um olhar de alegria e surpresa.

"Estamos esperando um bebê," ela fala.

Erec sente uma onda excitação tomar conta dele e estende o braço para abraçá-la, segurando-a firme enquanto gira em torno dela, uma e outra vez, transbordando de alegria.

"Você tem certeza?" ele pergunta, olhando para sua barriga com o coração batendo acelerado dentro de seu peito.

Ela assente com a cabeça, seus olhos cheios de alegria.

"Sim," ela diz. "Quero lhe contar isso há tanto tempo, mas... o momento nunca me pareceu certo."

Erec a abraça de novo, cheio de alegria, enquanto sua mente ferve com um milhão de pensamentos. Ele vai ter um filho. É difícil de processar tudo aquilo. Ele sempre tinha imaginado esse dia, mas nunca tinha imaginado que isso aconteceria agora, tão cedo. Ele pensa em todas as pessoas que eles tinham perdido e todas as dificuldades que tinham superado e a ideia de trazer uma nova vida ao mundo o faz sentir-se mais uma vez restaurado. Ele tem a sensação de que sempre há esperanças, não importa o que aconteça.

"Você não sabe o que isso significa para mim," ele finalmente diz.

Eles continuam andando até a margem do rio e param, pondo-se a olhar para ele. O rio tem vários metros de largura, como um grande lago, e suas águas negras brilham sob a luz das estrelas.

"E você sabe me dizer se o bebê é um menino ou uma menina?" ele pergunta.

Ela sorri, levando a mão até sua barriga.

Finalmente, ela responde.

"Eu sinto que é uma menina, meu senhor."

Assim que ela pronuncia as palavras, Erec sente que elas são verdadeiras. Ele abre um largo sorriso, estende o braço e, emocionado, coloca uma mão em seu estômago. Ele sabe que será igualmente feliz com um menino ou com uma menina.

"Eu só gostaria que ele não tivesse que nascer em um mundo assim, cheio de guerra e conflitos, sob o jugo do Império."

Alistair o encara.

"Talvez seja nossa responsabilidade, meu senhor," ela fala, "tornar o nosso mundo livre; mudar o mundo antes de seu nascimento."

Erec sente a sabedoria em suas palavras.

Ao notar um movimento no rio, Erec se vira e fica chocado ao ver o esboço de uma cobra com quase sete metros de comprimento. Apenas o corpo da cobra é visível quando ela sobe até a superfície e, em seguida, desaparece dentro do rio. Ele olha de perto e nota que o rio está lotado daquelas enormes serpentes que espirram água ao subirem à tona; as águas estão cheias delas. Ele se sente grato por não estar a bordo do navio e percebe que os aldeões haviam salvado sua vida ao mantê-lo longe do rio à noite.

Alistair aperta a sua mão e ele pode sentir sua ansiedade por estar tão perto das águas. Ele também não se sente confortável ali, tão perto daqueles monstros, e junto com Alistair, ele se vira e caminha de volta na direção do brilho distante da aldeia e suas festividades.

Erec ainda está feliz com a notícia e quer compartilhar a novidade com todos. Ele nunca havia estado tão contente, mas a música lentamente para quando eles voltam para junto do grupo e os aldeões e o povo de Erec se estabelecem em torno da grande fogueira no centro da vila. Erec decide esperar por um momento mais adequado. Ele se senta ao lado de Alistair e dos outros e, quando ele faz isso, uma mulher velha, com cabelos grisalhos trançados até os joelhos, se senta no centro da roda, de costas para o fogo, e olha para todos deles. Ela tem os olhos brilhantes e brancos de um vidente e todos logo ficam em silêncio enquanto ela comanda a sua atenção.

O chefe da aldeia, ao lado de Erec, se aproxima e explica.

"Se ela escolhe se juntar a nós, como nesta noite, sentimos-nos honrados. Às vezes, ela não diz nada; outras vezes, em dias santos ou especiais como hoje, ela decide falar."

À medida que os tambores começam a tocar em um ritmo lento e constante, a vidente se vira lentamente, olhando para todos ao redor do círculo até finalmente fixar o seu olhar sobre Alistair. Ela levanta um dedo, apontando para ela.

"Seu bebê," ela começa.

Erec sente seu coração bater mais rápido ao ver a mulher apontando para a barriga de Alistair, espantado que ela saiba a verdade. Ele está ansioso e com medo de ouvir o que a vidente tem a dizer.

"Ela vai conquistar reinos," a vidente continua. "Ela vai ser forte, mais poderosa do que vocês dois juntos. Ela tem um grande destino. Um destino especial. Seu destino está ligado ao de outra pessoa... Você tem um irmão," continua ela. "E ele tem um filho. Guwayne. O destino de sua filha está ligado ao de Guwayne."

Alistair a encara, claramente espantada.

"Como?" pergunta Alistair.

Mas a mulher fecha os olhos e se vira. Logo, os tambores ficam mais altos e fica claro que as previsões da mulher haviam terminado.

Erec fica perplexo ao contemplar suas palavras. Ele naturalmente sente orgulho de ter uma filha tão poderosa, mas ainda não entende o que aquilo significa. Ele olha para Alistair e percebe que ela está igualmente confusa.

"Amanhã, quando você deixar este lugar, você terá uma escolha," diz uma voz.

Erec se vira e, rodeado pelos seus homens, vê o chefe da aldeia ao seu lado, observando-o intensamente com evidente preocupação no rosto.

"Ao viajar rio acima, você encontrará uma encruzilhada," ele continua. "O caminho que segue para o leste levará você até Vólúsia, de encontro ao seu povo. O caminho que segue para o oeste levará você até um posto avançado do Império, perto de nossa aldeia irmã. Lá vivem centenas de nossos familiares, prisioneiros do Império que, assim como nós, também precisam ser libertados. Se você os libertar, eles virão até nós e seremos duas vezes mais fortes, um exército em formação. Se você não fizer isso, o Império chegará aqui em breve e nos matará. Nós não somos páreo para suas armaduras ou armas. Nosso destino está em suas mãos. Eu espero que você nos ajude outra vez. Se a liberdade que você nos concedeu durar apenas uma noite, então, mesmo assim, nós lhe seremos."

Erec fica ali, olhando para a escuridão, e pode sentir todos os olhos fixos nele. Mais uma vez, ele enfrenta uma escolha difícil. Aquela, ele sabe, será uma noite longa e insone.

## CAPÍTULO VINTE

Godfrey se senta ao lado de Akorth, Fulton, Ario e Merek, debruçando-se sobre um bar nos becos de Volúsia, pensando sobre os seus problemas na companhia da bebida. Ele dá outro gole de cerveja, enquanto a espuma escorre para fora se sua caneca, mais uma vez admirando aquela bebida do Império. A cerveja com sabor de noz é forte, escura e desce suavemente pela sua garganta. Ele nunca tinha experimentado nada parecido com aquilo e tem certeza de que nunca conseguirá encontrar algo melhor do que aquela cerveja. A bebida é quase motivo suficiente para ficar em Volúsia.

Ele termina de beber a quinta caneca consecutiva e faz um sinal para que o garçom lhe traga outra. Duas outras canecas surgem diante dele.

"Você não acha que deve beber um pouco mais devagar?" diz uma voz.

Godfrey vê Ario, o único membro de seu grupo sem uma bebida, olhando para ele com desaprovação enquanto Akorth, Fulton e Merek se afogam em suas próprias canecas.

"Eu não entendo um homem que não bebe," diz Godfrey, "especialmente em momentos como este."

"E eu não entendo um homem que o faz," rebate Ario, "especialmente você. Você prometeu não beber outra vez."

Godfrey arrota, sentindo-se decepcionado consigo mesmo e sabendo Ario está certo.

"Eu pensei que salvaria Darius," Godfrey diz desanimado. "E que grande ajuda eu fui."

Godfrey revê em sua mente o momento em que Darius tinha sido levado para longe da cidade ao ser colocado dentro de uma jaula e, mais uma vez, volta a se culpar. Ele sente que tudo aquilo tinha sido sua culpa por não tê-lo alcançado a tempo. Agora, sem propósito, ele sente que não há nada a fazer, exceto afogar as mágoas.

"Nós o salvamos," diz Merek. "Se não tivesse sido pelo nosso veneno, ele teria sido chifrado por aquele outro elefante e teria morrido na arena."

Um cachorro late e, ao olhar para baixo, Godfrey vê Dray aos seus pés e se lembra de sua presença. Godfrey lhe oferece mais pedaços de carne do bar e um gole de sua cerveja e se sente bem ao pelo menos ser capaz de cuidar do cão de Darius.

"Nós o salvamos por um curto período," Godfrey fala, "apenas para que ele fosse despachado para uma morte ainda mais cruel."

"Pode ser que ele sobreviva," diz Akorth. "Ele é um bom lutador."

Godfrey olha para sua bebida e se sente enojado consigo mesmo. Ele havia pensado que salvar Darius seria sua chance de se redimir. Perdê-lo o tinha deixando em um estado de depressão profunda, perguntando-se o que motivos ele ainda tem para viver e qual o seu propósito na vida. Ele havia sido enviado para ajudar a salvar Gwendolyn e os outros, mas agora Gwendolyn está em algum lugar lá fora, perdida no Grande Deserto, provavelmente morta, assim como todo o seu povo. Sua invasão a Volúsia, por mais destemida que tenha sido na época, tinha sido em vão.

Godfrey sai de seu devaneio de repente ao sentir uma mão forte apertar o seu ombro e, ao se virar, vê vários soldados Império sorrindo de volta para ele, bem-humorados.

"Não se incomode com a nossa presença, amigo," diz um soldado ao seu lado.

A princípio, Godfrey é pego de surpresa por sua familiaridade, mas depois ele lembra que ele e os outros estão vestindo a armadura do Império que a mulher Finiana, Silis, havia lhes dado e percebe que o soldado pensa que eles também fazem parte de seu exército. Ele tem que admitir que o disfarce é perfeito; a armadura se encaixa perfeitamente em seus corpos e é difícil reconhecê-los com os visores, o que lhes dá a oportunidade de apreciar suas bebidas em paz.

"Tivemos uma luta e tanto hoje, não é mesmo?" um dos soldados pergunta. "Você estava na arena? Você viu a vitória daquele garoto?"

"Bem até demais," Godfrey resmungava, querendo que eles desapareçam, sem vontade de falar com ninguém, especialmente com aqueles homens.

"E o que você quer dizer com isso?" pergunta outro soldado, erguendo a voz. "Esse foi o maior confronto de todos os tempos; é a primeira vez que um Volusiano ganha o direito de ser enviado para nos representar na capital. Você parece não sentir orgulho disso."

Godfrey pode ouvir a agressão cada vez mais intensa na voz do homem embriagado e, no passado, ele teria se afastado, evitando um confronto. Mas esse é o velho Godfrey, não um homem que tinha sido levado longe demais, um homem amargo e sem mais nada a perder.

"E por que eu sentiria orgulho de uma exibição tão repugnante de crueldade e barbárie?" Godfrey pergunta duramente, virando-se para o homem.

A sala fica em silêncio e uma forte tensão toma conta do ar enquanto o soldado o encara e Godfrey sente todos os olhos sobre eles. Ele engole em seco e se pergunta em que enrascada ele havia se metido.

"Um soldado que não gosta da arena," o soldado fala, examinando Godfrey com cada vez mais curiosidade, "Não é um soldado de verdade. De qual divisão você faz parte, afinal?" Ele pergunta, olhando sua armadura de cima para baixo.

Mais uma vez, Godfrey tem a opção de inventar uma mentira, como ele teria feito no passado, e fugir daquela situação, mas algo dentro dele não lhe permite fazer isso. Ele está cansado de se esconder das pessoas, cansado de recuar. Ele sente algo forte tomar força dentro dele, o sangue de seu pai, o sangue de uma longa linhagem de reis que corre em suas veias. Ele sente que hora de encarar quem ele é tinha finalmente chegado, independente das consequências.

Ele sente as mãos de Merek Akorth e Fulton em seu ombro, alertando-o para recuar, mas ele os ignora.

"Eu não venho de nenhuma divisão," Godfrey responde, ficando em pé. "Na verdade, eu não sou do Império. Sou um homem disfarçado, cujo objetivo é salvar os meus amigos da arena, sabotar o seu exército, sabotar esta cidade e destruir todos vocês."

Um silêncio mortal toma conta da sala quando todos os soldados olham fixamente para ele, boquiabertos e em estado de choque.

O silêncio se estende por tanto tempo, que Godfrey pensa que aquilo nunca irá acabar enquanto se prepara para o punhal que, inevitavelmente, virá de encontro ao seu coração.

Mas em vez disso, para sua surpresa, o soldado de frente para ele de repente cai na risada. Ao redor dele, os outros soldados também começam a rir.

O soldado aperta o ombro de Godfrey.

"Essa foi muito boa," ele diz. "Muito, muito boa. Por um momento eu pensei que você estivesse dizendo a verdade."

Godfrey lentamente tira o capacete, revelando o seu rosto humano e o cabelo liso suado que adere a sua testa, e sorri para todos eles.

Lentamente, os rostos do Império ao redor da sala entram em estado de choque.

"Isto é por Darius," Godfrey declara.

Então, ele aperta a alça de sua caneca, dá um passo à frente e a quebra na cabeça do soldado, mandando-o tropeçando para trás até cair no chão.

Godfrey fica parado ali, quase sem acreditar no que ele tinha acabado de fazer, olha para todos os rostos hostis e sabe que em alguns momentos, ele estará morto. Mas naquele instante, pelo menos, ele se sente vitorioso e ninguém jamais conseguirá tirar isso dele.

## CAPÍTULO VINTE E UM

Thorgrin permanece na popa do navio, olhando para o céu para observar Lycoples voando na direção do horizonte, guinchando e batendo suas asas a caminho de algum mundo distante para entregar a sua mensagem para Gwendolyn. Lycoples conseguirá encontrá-la? Thor se pergunta ao vê-la se afastar. Se Lycoples a encontrar, será que ela poderá ajudar Gwendolyn? Salvá-la de qualquer problema que esteja enfrentando? Ela conseguirá reuni-los outras vez?

Ou será tarde demais e Gwendolyn já está morta? Thor se encolhe ao pensar

Ver Lycoples ir embora parte o coração de Thor. Ele sente um desejo ardente de voltar para o céu nas costas de um dragão e de deslizar por entre as nuvens. Estar lá em cima o faz se sentir invencível, como se ele pudesse atravessar o mundo e fazer qualquer coisa.

Thor se vira e olha para a cachoeira de sangue surgindo diante deles, escorrendo vermelha à medida que o barulho fica cada vez mais alto. Quando eles se aproximam dela e as águas ameaçam engolir seu navio, manchando o mastro de vermelho com os respingos, seus companheiros, Reece, Selese, Indra, Elden, O'Connor, Matus, e Angel, olham para ele procurando alguma orientação. Thor, cercado pelo barulho ensurdecedor, olha para as águas turbulentas que caem do céu com um sentimento de mau presságio. Ele nunca tinha visto nada assim e, ao observar a força da parede de água, ele tem a péssima sensação de que aquilo pode esmagar seu navio. Ainda assim, ele sabe que seu filho está em algum lugar além daquela parede e isso é tudo o que importava para ele agora. Nada será capaz de segurá-lo.

"Thorgrin?" Pergunta Reece, em pé ao lado dele, querendo perguntar a mesma coisa que se passa na mente de todos os outros. "Nós vamos voltar?"

Thor respira fundo e, então, finalmente balança a cabeça.

"Nós seguiremos em frente," ele diz. "Através da cachoeira. Quaisquer que sejam os custos. Você estão comigo?" Ele pergunta aos outros, sabendo que aquela tem que ser uma decisão deles.

Todos eles, sem hesitação, concordam com a cabeça e Thor se sente mais grato por sua lealdade do que nunca.

"Levantem as velas!" Thor ordena. "E as deixem inclinadas. Vamos usá-los para desviar um pouco da água!"

Todos partem para a ação com a ajuda de Thor, que se sente cada vez mais ansioso à medida que as ondas ao redor deles se intensificam e o barulho da cachoeira parece ficar ainda mais ensurdecedor. O convés está ficando coberto de sangue e Thor começa a escorregar junto com os outros.

Angel, debatendo-se, grita ao passar ao lado de Thor, deslizando na direção da grade, mas incapaz de se conter. Thor estende o braço e agarra a mão dela bem a tempo de salvá-la.

Todos manejam as velas e Thor percebe que o navio está à deriva, virando-se lateralmente no rumo da queda. Ele sabe que se eles não entrarem na posição e ângulo corretos, o navio não resistirá.

"REMOS!" Thor grita.

Todos correm para pegar os remos e Thor também começa a remar com toda a força. O navio começa a se endireitar novamente, navegando diretamente para a parede de sangue ao ser puxado pela corrente. As velas acima deles se curvam sob o peso da água, desviando grande parte dela para o mar, mas não o suficiente para manter as plataformas limpas.

Eles navegam cada vez mais perto e estão quase entrando nas águas quando Thorgrin sente mãos pequenas segurando a sua perna.

"Estou com medo," Angel diz, ficando em pé ao lado dele.

Thor coloca uma mão em sua cabeça.

"Não tenha medo," ele fala. "Fique perto de mim, não importa o que aconteça. Vou protegê-la."

"Você promete?" ela pergunta.

Thor olha para ela com intensidade.

"Eu juro," ele grita por cima do barulho. "Por tudo que me é sagrado."

Angel agarrou a perna de Thor com mais força e Thor segura na grade, que está escorregadia por causa do sangue.

"Para baixo das velas, todos vocês!" Thor ordena.

Todos o seguem até embaixo das velas, protegendo-se contra a força da chuva.

"Segurem-se em qualquer coisa que puderem!" Ele grita ao mesmo tempo em que segura na grade lateral do navio. Seus companheiros também se agarram ao mastro e a qualquer coisa que eles conseguem alcançar, preparando-se para atravessar a cachoeira.

Um momento depois, Thorgrin ergue as mãos acima de sua cabeça, ouvindo os gritos dos outros, assim que eles são cercados por um mundo vermelho. Uma parede de sangue cai sobre eles, mais alta e mais poderosa do que qualquer cachoeira que ele já tinha visto, e seu barco balança violentamente nas águas agitadas, subindo e descendo, para a esquerda e para a direita. Thor ouve o navio rangendo em protesto e, por um momento, tem certeza de que eles não conseguirão sobreviver.

Thor sente o sangue encharcando o seu cabelo, seus olhos, seu corpo inteiro; ele limpa o rosto constantemente, mas ainda assim é difícil de ver, difícil de respirar. É como se baldes de água estivessem sendo despejados em sua cabeça.

Thor sente Angel agarrando-o com mais força ao começar a deslizar pelo convés. Ele estende o braço e consegue agarrar a mão dela também, e segurou-a firmemente. Com a outra mão ele segura na grade, mas agora tudo está manchado de sangue e está ficando mais difícil de segurar a qualquer coisa.

As ondas ficam mais fortes, empurrando o navio em todas as direções, e Thorgrin tem a sensação de que todos serão sugados para baixo para uma morte horrível. Ele mal consegue se segurar e, ao ouvir um grito, olha para cima e vê O'Connor começando a deslizar pelo convés, prestes a ser lançado ao mar. Não há qualquer possibilidade de que ele possa alcançá-lo a tempo.

De repente, eles atravessam a cachoeira. O mundo vermelho se abre para um mundo escuro e o navio se endireita quando a cachoeira se torna mais leve. Os sons ensurdecedores diminuem e, à medida que eles continuam navegando, Thor percebe que eles estão do outro lado da parede de água e que as águas pesadas tinham sido substituídas por alguns respingos. Quando o mundo começa a se silenciar novamente e as ondas se acalmam, Thor faz um balanço da situação: ele vê os outros, encharcados de sangue e em estado de choque como ele, mas todos vivos.

Ele olha por cima do ombro e fica chocado ao ver a força das quedas que eles tinham acabado de atravessar. Sua força parece grande o suficiente para cortar um homem ao meio e Thor não sabe como eles tinham sobrevivido.

O navio range e Thor vê o mastro rachado ao meio e todo o estrago que o navio tinha sofrido; ele tinha sido maltratado, mas ainda assim continua navegando. Thor dá um passo adiante e percebe que o convés tem quase meio metro de sangue. Mas pelo menos, eles não tinham afundado.

Thor vê o navio ameaçando listar e sabe que se eles não fizerem algo em breve, ele pode afundar.

"Baldes!" Thor grita e todos eles partem para a ação. Um de cada vez, eles enchem os baldes e começam a despejar o sangue no mar.

Eles trabalham de forma diligente, o convés logo fica quase completamente limpo, exceto por uma fina camada de sangue, e o navio começa a se endireitar outra vez.

Finalmente seguro, Thor caminha até a popa do navio e começa a observar seus arredores. Ele fica em êxtase. Um novo mundo se desdobra diante dele, uma visão diferente de tudo que ele já tinha visto. O mar ali é feito de sangue viscoso e o navio se move mais lentamente nele, como se estivesse navegando através de algas. Ele pode ver peixes vermelhos estranhos na água, suas barbatanas transparentes,

subindo e mergulhando no mar. Há outras criaturas, também, espécies estranhas que ele não reconhece; uma criatura parecida com um polvo levanta a cabeça acima da água, apenas para voltar para baixo da superfície novamente. Thor ouve um grande espirro e, ao se virar, vê uma enorme criatura vermelha, parecida com uma baleia, com quatro cabeças e duas caudas longas, assoprando antes de desaparecer sob as águas.

Angel olha para ele em estado de choque.

"Estamos seguros aqui?" ela pergunta.

Thor acena com a cabeça para tranquilizá-la.

"Estamos seguros," ele responde, sem ter tanta certeza.

Lentamente, ela solta a perna dele.

No horizonte, Thor vê o contorno de terra por todos os lados, em forma de uma ferradura, no horizonte escuro, fraco e distante. O lugar parece estar muito longe. O solo daquele lugar parece ser feito de uma terra preta e carbonizada, talvez até mesmo de enxofre ou alcatrão, coberta por estrias vermelhas e brilhantes, como se as portas do inferno estivessem abertas e escorrendo pelo chão.

"A terra está sangrando," Reece observa, chegando ao lado dele.

"Talvez seja melhor buscarmos terra firme," diz Elden.

Indra balança a cabeça.

"Aquilo não é terra," ela explica. "O que você está vendo é apenas a periferia da Terra de Sangue. Aquilo é piche e lava. Se pisarmos naquilo, seremos incendiados. Devemos ficar no oceano e ver onde ele nos leva."

Thor olha para o céu escuro, fumegante, ameaçador e sinistro; aquele é um céu sem vida, um céu cheio de cinzas e manchado de escarlate. Aquela é uma terra de tristeza, o lugar mais sombrio que Thor já tinha visitado. Ainda é dia ali, mas já está escuro.

Thor pode sentir a forte presença do mal naquelas terras, sendo invadido por um mau pressentimento ao pensar em Guwayne, levado por aquelas criaturas. Qual será o plano que eles têm reservado para ele?

\*

Thorgrin fica em silêncio na lateral do navio, olhando para a paisagem desolada e limpando o sangue do trilho com um pano umedecido. Ao redor dele, os outros estão fazendo o mesmo. Um ar de paz tinha finalmente se instaurado sobre eles e agora todos estão tentando pegar os pedaços, limpar a bagunça e restaurar a ordem. Acima dele, o mastro range quando O'Connor e Elden finalmente terminam de fixá-lo de volta no lugar. As velas, manchadas de vermelho sangue, balançam enquanto Reece e Angel as esfregam, tentando deixá-las brancas novamente. Claro, a estética não importa, mas aquilo é algo simbólico. Todos querem provar a si mesmos que eles não tinham sido esmagados.

As velas estão completamente estendidas quando um vento forte começa a assoprar, levando-os cada vez mais fundo naquele mar vermelho, dirigindo-se inevitavelmente para um céu de escuridão e sangue. Thor estica o pescoço e olha para o céu, tendo a sensação de estar sendo abraçado por um mundo de tristeza, um mundo sem fim. Eles tinham finalmente chegado a um período de calma e tranquilidade e, ao olhar para o céu, Thor se pergunta se é manhã, tarde ou noite. Ele não consegue notar a diferença. O céu parece estar cheio de cinzas e repleto de listras escarlate, sem exibir qualquer mudança. É como um estado de crepúsculo permanente.

"Quanto tempo até chegarmos lá?" pergunta uma voz.

Thor vê Angel em pé ao lado dele, torcendo um pano sobre a borda do navio. Então ele olha para o horizonte, perguntando-se a mesma coisa.

"Eu também quero saber," ele responde.

Thor ouve o suave marulhar das águas e ele olha para o mar vermelho, as águas tão espessas que retardam o seu navio, apesar da brisa. O mar está estranhamente calmo, pontuado intermitentemente pelo espirro de uma criatura estranha que surge e depois desaparece com a mesma rapidez.



Thor vasculha o horizonte, ardendo de desejo de encontrar seu filho e tomado pela sensação de que ele o está perdendo. Ele sabe que o navio está indo o mais rápido possível e que não há muito mais que ele possa fazer.

Thor olha para os outros e vê em suas expressões todo o cansaço que eles estão sentindo após a travessia da cachoeira, após a busca constante por Guwayne. Ele se sente mal por ter lhes arrastado até ali, mas também sabe que eles são seus irmãos e irmãs e que não teriam aceitado não como resposta. Ele sabe que, se os papéis estivessem trocados, ele teria feito o mesmo por eles; na verdade, ele daria sua própria vida por eles de bom grado.

Thor vê Angel de repente cair com as costas contra o mastro e ficar sentada com os olhos pesados, fechando-os e abrindo-os novamente enquanto enxuga a testa com as costas da mão.

Thor corre até ela e se ajoelha ao seu lado.

"Qual é o problema?" ele pergunta com preocupação.

Ela fecha os olhos e balança a cabeça, parecendo exausta.

"Sinto muito," ela diz. "É só... piorei recentemente."

Thor a examina.

"O que?" ele pergunta.

Apática, ela levanta o braço, branco e coberto de marcas causadas pela lepra.

"Minha doença," ela explica. "Piorou recentemente. Ela está se espalhando. Às vezes eu me sinto bem, mas outras vezes... não muito."

Thor se sente mal e impotente. Ele se inclina e dá um beijo na testa dela.

"O que eu posso fazer?" ele pergunta.

Ela sorri docemente para ele e agarra a sua mão.

"Sente-se comigo," ela pede.

Thor se senta ao lado dela e os outros se aproximam, sentando-se ao lado deles também.

"Não há nada que possamos fazer?" Pergunta Selese.

Angel balança a cabeça.

"Eu tinha uma amiga na ilha, nas mesmas condições do que eu," ela fala. "Quando ela tinha a minha idade, minha amiga ficou doente. Demorou cerca de seis meses."

Thor olha para ela com preocupação.

"Seis meses para quê?" Ele pergunta.

Ela olha para ele com medo e tristeza em seus olhos.

"Para ela morrer," ela responde sem rodeios.

O coração de Thor se parte.

"Está tudo bem," ela fala para ele, sorrindo com os olhos cheios de lágrimas e colocando a mão em seu pulso. "Eu sempre soube que iria morrer, mas eu nunca soube que chegaria a viver de verdade. Você me proporcionou isso e eu nunca poderei lhe agradecer o suficiente."

Thor se sente determinado.

"Eu não vou deixar você morrer," ele insiste. Ele estende o braço e agarra a mão dela. "Você me entende? Não importa o que eu tenha que fazer; farei o que for preciso, mas não vou deixar você morrer."

Ela enxuga uma lágrima.

"Eu acredito que se fosse possível, você realmente faria isso," ela diz. "Mas você não é Deus e Selese, mesmo com todos os seus poderes, já tentou me curar e não conseguiu. Alistair também não." Ela balança a cabeça com tristeza. "Nem todo mundo é feito para viver neste mundo para sempre."

Thor sente seu coração se partindo por dentro.

"Deve haver uma cura," ele diz. "Não existe alguma cura!?" ele insiste.

Angel olha para longe com os olhos vidrados.

"Na ilha, todos sempre falavam de uma cura," ela fala. "Alguns juram que ela existe, mas outros pensam que isso é apenas uma fantasia dos poucos desesperados. Se ela realmente existe... eu não sei."

"Qual é a cura?" Thor insiste, parecendo determinado. "Onde ela está?"

Ela balança a cabeça.

"Eu não sei o que ela é," Angel responde. "Ou onde ela está... bem, alguns afirmam que a cura pode ser encontrada entre os chifres ocidentais do Império, na terra dos gigantes."

Thor e todos os outros trocam um olhar curioso.

"A terra dos gigantes?" Pergunta Selese.

Angel balança a cabeça com os olhos pesados.

Thor se vira para Indra, a especialista em todas as coisas relativas ao Império.

"Você conhece esse lugar?" Ele pergunta para ela.

Indra balança a cabeça tristemente.

"Eu já ouvi falar dele," ela diz. "Um lugar terrível. Eles são uma nação feroz que não respondem a ninguém, nem mesmo ao Império. Todos os que se aventuram até lá nunca mais voltam."

Thor é tomado por uma forte determinação que arde dentro dele. Ele se vira para Angel.

"Então é para lá que iremos," ele fala. "Vamos resgatar Guwayne e, em seguida, vamos encontrar a sua cura."

Angel balança a cabeça lentamente, sorrindo.

"Você é muito doce por cuidar de mim," ela responde. "Mas todo esse esforço pode ser em vão. A cura pode até não existir e é muito provável que você morra tentando."

Thor olha para os outros, que o encaram com igual determinação.

"Então todos nós morreremos," Reece entra na conversa ao mesmo tempo em que todos os outros acenam com suas cabeças.

Angel olha ao redor da roda e Thor detecta uma nova esperança em seus olhos.

Thor aperta a mão de Angel, branca por causa da lepra, e segura firme. Ele está determinado a manter a sua palavra: ele irá encontrar uma maneira de curá-la, não importa o que aconteça.

Eles continuam avançando cada vez mais pelo oceano de sangue com um silêncio confortável pairando sobre eles, pontuado pelo uivo do vento e pelos saltos de peixes exóticos ao lado do navio. Uma tristeza se abate sobre eles, combinando com o humor de Thorgrin. A sensação de que há algo sobre aquele lugar, algo terrível, o incomoda cada vez mais. É como se uma depressão estivesse pairando no ar, tomando conta de seu ser cada minuto que ele permanece ali. Por mais que ele tenta bloquear seus pensamentos, as palavras finais de Ragon invadem a sua mente: Mesmo com todos os seus poderes, você certamente morrerá se você for até lá. Todos vocês morrerão. E se ele estiver certo? Atravessar aquela cachoeira e entrar na Terra de Sangue é mesmo algo tão difícil, até mesmo para ele? Ele está mesmo se preparando para o fracasso e para a morte inevitável de todos os seus amigos junto com ele?

Ele não tem escolha, exceto encontrar a resposta. Guwayne está em algum lugar além do horizonte e, enquanto ele não conseguir resgatá-lo, recuar não é uma opção.

Com as velas estendidas e terra ainda muito distante, há pouco para eles fazerem. Em meio ao silêncio, Reece se senta atrás de Selese, que se inclina para trás, apoiando-se nele; Elden senta ao lado de Indra, colocando um braço em torno de seu ombro apesar de sua relutância e O'Connor limpa o seu arco e Matus o seu mangual enquanto Thor segura a Espada dos Mortos nas mãos, examinando todos os detalhes em seu punho antigo e misterioso com a testa franzida, pensando em Guwayne. Ele está em algum lugar seguro agora? Thor se pergunta.

Reece, sentado ao lado de Thorgrin, limpa a garganta.

"Velho amigo," ele fala para Thor, que olha para ele. "Você e eu já estivemos em muitas missões juntos, mais do que eu posso contar, e eu raramente vi você tão preocupado como agora. Mas você deve

deixar tudo isso de lado, limpando a sua mente para a batalha que temos pela frente. Eu sei que você se preocupa com Angel. Todos nós estamos preocupados, mas se essa cura realmente existe, nós vamos encontrá-la. Quanto ao seu Guwayne, não importa o que aconteça, nós também vamos encontrá-lo. Nós estamos com você."

Thor se sente grato pelo apoio de seu amigo.

"Você está certo, meu amigo," Thor responde. "A mente de um guerreiro deve estar sempre preparada."

Reece suspira.

"Quando eu era jovem," continua Reece depois de um longo tempo, "tudo o que eu queria era ser um membro da Legião. Eu queria muito juntar-me aos cavaleiros da Legião e costumava ficar acordado durante toda a noite, dia após dia, ansiando por isso. Eu gostava de me imaginar vestindo a armadura e empunhando suas armas, mas meu pai, o Rei, me disse que eu não poderia fazer isso a não ser que eu pudesse conquistar a minha vaga. "

Thor olha para o amigo com espanto; ele nunca tinha ouvido aquela história antes.

"Mas eu sempre achei que você tivesse simplesmente ganhado seu lugar na Legião," Thor responde. "Afinal de contas, você é o filho de um rei."

Reece sacode a cabeça.

"Não foi bem assim," Reece responde. "Ele quis que eu conquistasse esse direito, como todos os outros, mas mais do que isso, ele sempre exigiu que meu desempenho fosse superior ao dos membros normais da Legião. Os testes que me deram foram duas vezes mais difíceis do que os dos outros. Nada do que eu fazia era bom o suficiente para ele."

Reece suspira.

"Eu fiquei ressentido na época e odiava o meu pai. Eu poderia entender se ele tivesse exigido igualdade de tratamento, mas o que ele me fez passar foi injusto. Na época, eu o via como um tirano cuja única intenção era me afastar daquilo que eu mais queria."

Reece olha para o horizonte por um longo tempo, claramente pensando.

"E agora?" Thor finalmente pergunta com curiosidade.

"Agora," Reece finalmente continua, "olhando para trás, eu entendo por que ele fez o que fez. Agora eu finalmente percebo que ele não estava me treinando para a Legião: ele estava me treinando para a vida. Ele queria que eu experimentasse algo injusto, pois a vida pode ser injusta. Ele queria que eu me superasse, conquistando mais do que o necessário, pois na vida, muitas vezes precisamos nos destacar além do que é esperado de nós. Ele queria que eu experimentasse a adversidade e a perseverança, pois muitas vezes é através delas que nós alcançamos os nossos objetivos. E ele queria afastar de mim o que eu mais queria na vida, pois ele queria, acima de tudo, que eu lutasse pelos meus sonhos."

"Acima de tudo," Reece continua, "ele queria que eu conquistasse minha própria vaga, pois se ela me tivesse sido dada, eu talvez não soubesse dar-lhe o devido valor. Eu teria sentido raiva dele por toda a minha vida. Por mais que eu o tenha odiado por isso, agora são esses os motivos pelos quais o amo. Algo que ele não me deu realmente é, ironicamente, o maior presente de todos."

Reece olha para Thor de maneira significativa.

"Isso, afinal de contas," Reece continua, "é o que significa ser um guerreiro. Nada lhe é dado, nada lhe é entregue facilmente. O que é o seu, ele ganha por suas próprias mãos e por seu próprio mérito. Nossas conquistas não nos são dadas pelas mãos de nossos pais ou em função do nome de nossa família, mas pelo nosso próprio nome, pelo nome que somos obrigados a forjar para nós mesmos."

Thorgrin pensa sobre as palavras de Reece, que o tocam profundamente.

"O mundo está cheio de pessoas nos dizendo o que não podemos alcançar," Reece fala. "Cabe a nós mesmos provar que eles estão errados."

Thorgrin, inspirado, estende a mão e segura o braço de Reece.

"Somos irmãos," ele diz. "E seremos até o dia em que eu morrer."

"Irmãos," Reece responde solenemente.

Os homens naquele navio, Thor percebe, são todos seus irmãos agora, mais do que qualquer família que ele já havia conhecido.

"Mais à frente!" grita uma voz.

Thor fica em pé e corre até a proa do navio enquanto Indra continua apontando para algo no horizonte. Thor olha naquela direção e vê terra firme surgindo no horizonte e percebe que eles estão entrando em um longo canal cercado por penhascos íngremes e escuros em ambos os lados.

Indra diz algo em voz baixa.

Thor olha para ela com preocupação.

"Que lugar é esse?" ele pergunta.

Indra balança a cabeça

"O Estreito da Loucura," ela diz com medo evidente em sua voz.

Ela olha para os outros e, pela primeira vez, Thor vê hesitação em seu rosto.

"Esse é um lugar onde nenhum ser humano deve ir. Temos que desviar o barco."

Thor olha para as águas vermelhas agitadas, tornando-se mais violentas no estreito, cercadas pelos penhascos. Embora ele sinta alguma hesitação a princípio, Thor de repente se lembra da história de Reece e sabe que eles devem seguir em frente.

Thor segura com força na grade lateral do navio e os outros fazem o mesmo.

"Nós não vamos voltar?" Indra grita, entrando em pânico.

Thor balança a cabeça.

"Nós nunca voltamos atrás," ele responde. "Nunca mais!"

Todos se preparam quando o navio é empurrado pelo vento, levando-os diretamente para o Estreito da Loucura, de encontro com suas prováveis mortes.

## CAPÍTULO VINTE E DOIS

Darius para diante da entrada da arena da Capital e ouve um rugido ensurdecedor ao olhar para os milhares de cidadãos do Império presentes no coliseu, fazendo tremer o chão ao mesmo tempo em que gritam por sangue. Darius está acorrentado a dezenas de outros gladiadores, rostos que ele nem sequer olha desta vez, pessoas que ele nem sequer quer conhecer: ele sabe que em pouco tempo aquelas pessoas, assim como ele, estarão mortas.

Darius tenta abafar o ruído daquela arena tão grande e impressionante, bem maior do que a anterior. Ele nunca tinha visto nada assim antes, aquele é um espetáculo além de sua imaginação. Darius pensa em todas aquelas pessoas dedicadas ao derramamento de sangue e crueldade.

Em pé ao lado dele, em suas vestes marrons, está Deklan, segurando seu cajado e demonstrando serenidade, como se ele já tivesse visto aquilo milhares de vezes antes.

Há um rugido de aprovação da multidão e Darius olha para a frente. Ele tenta não olhar, mas não consegue se segurar: ali, no centro da arena, há dezenas de outros gladiadores acorrentados uns aos outros, olhando para todos os lados com nervosismo. Uma trombeta soa e soldados do Império, vestindo armaduras e empunhando armas de qualidade, atacam os gladiadores indefesos.

É um massacre. Alguns tentam lutar bravamente com as armas rudimentares de aço que lhes tinham sido dadas, espadas sem corte e praticamente inúteis. Os sobreviventes são empurrados para trás até tropeçarem em poços gigantes abertos no chão. Eles gritam ao caírem em cima de lanças afiadas instantes antes do fechamento dos poços.

A trombeta soa outra vez e os soldados do Império se jogam no chão no mesmo instante em que lâminas voam e giram pelo ar, decapitando os gladiadores que haviam permanecido vivos.

A torcida vai ao delírio quando outra buzina soa e os soldados do Império se levantam. Há dezenas de cadáveres ensanguentados espalhados pelo chão da arena e servos do Império surgem para arrastá-los para longe, limpando o chão e preparando-o para a próxima rodada.

Darius sente uma nova onda de ansiedade enquanto espera. Ele sabe que será o próximo.

Deklan se vira na direção dele.

"Esqueça tudo o que você sabe," Deklan diz urgentemente. "Esta arena é diferente de tudo que você já tenha visto. O Império não luta de maneira limpa ou justa. Não há um inimigo comum: o inimigo está em todos os lados da arena. Os perigos estão em toda parte. Este não é um duelo honorável entre dois cavaleiros. Isso aqui é um espetáculo da morte."

"E é para isso que você me treinou?" Pergunta Darius. "Então, qual é o objetivo de tudo isso?"

O rosto de Deklan se entristece e Darius sente uma mudança em sua expressão geralmente calma; ele parece triste.

"Eu queria que você tivesse uma chance," ele responde.

"Uma chance?" Darius repete. "Que chance eu posso ter?"

Deklan permanece em silêncio.

"Você pensa que é melhor," Darius continua. "Melhor do que eles. Você se julga superior ao Império, mas você é um deles. Você acha que ao nos treinar, você fica um nível acima deles, mas você ainda está do lado deles - e não do nosso. E quando eu morrer hoje, meu sangue manchará as suas mãos, tanto quanto as de qualquer um deles."

Deklan franze a testa.

"Eu não tenho escolha," ele responde. "Sou um prisioneiro deles, assim como você. Eu não gosto do que faço, mas pelo menos eu uso a vida que me resta para ajudar a mantê-los vivos."

Darius balança a cabeça.

"Você está errado," ele responde. "Você tem uma escolha. Há sempre uma escolha. Só depende do quanto você está disposto a sacrificar por ela."

Darius olha nos olhos daquele homem de maneira significativa e percebe um grande conflito acontecendo dentro dele; ele sente que um grande e honrado guerreiro existe em algum lugar dentro dele. Ele quer apelar para o cavalheirismo e para o código de honra que ele sabe existir dentro de Deklan e que ele acredita ter sido suprimido depois de todos aqueles anos.

Deklan olha para ele, incapaz de responder, e Darius pode ver o olhar de assombro em seus olhos.

A trombeta soa, a multidão vai ao delírio e Darius se vê sendo empurrado para a arena, acorrentado a todos os outros gladiadores. Ele aperta os olhos contra o sol escaldante enquanto a multidão vai à loucura. A terra treme embaixo de seus pés à medida que eles avançam, entrando cada vez mais fundo na arena.

Darius engasga por causa das grandes nuvens de poeira e, ao sentir o calor dos dois sóis em seu corpo, ele segura a péssima espada que lhe tinha sido dada e cuja lâmina é incapaz até mesmo de cortar suas próprias algemas. Finalmente, o seu grupo para no meio da arena, a multidão fica em pé e Darius olha ao seu redor com nervosismo, se perguntando de que direção o perigo irá surgir.

Uma trombeta soa e os cabelos das costas de Darius se arrepiam quando ele de repente ouve um barulho terrível que ele não reconhece. A multidão aplaude, parecendo saber o que acontecerá em seguida, e Darius sabe que aquilo não é um bom sinal.

Quando portas ocultas são abertas em todos os lados da arena, Darius fica chocado ao ver animais parecidos com pumas, mas duas vezes maiores e com olhos amarelos brilhantes, saindo de dentro delas e correndo na direção de seu grupo. Os gladiadores se viram e olham em todas as direções, aterrorizados.

Os animais correm mais rápido do que qualquer outra coisa que Darius já tinha visto e um deles parece fixar seus olhos em Darius. A criatura corre diretamente até ele, rosnando e preparando-se para atacar.

Darius se prepara quando o animal salta no ar com as presas estendidas na direção de sua garganta. Ele ergue sua espada, mas a criatura simplesmente faz com ele a solte.

Ela cai em cima de Darius, o primeiro dos gladiadores a ser atacado, e a multidão grita enquanto eles lutam no chão. O animal corta o seu braço, arrancando sangue com suas três garras afiadas, e Darius grita de dor.

Em seguida, a besta abre suas enormes mandíbulas para morder o seu rosto.

Darius agarra o pescoço musculoso do animal, segurando-o a alguns centímetros dele enquanto a saliva da criatura escorre pelo seu rosto. Com as mãos trêmulas, Darius sabe que é preciso agir rápido.

Ele finalmente consegue rolar para o lado e as presas do animal acabam acertando o chão de terra da arena. Ele então rola para o outro lado, agarrando a criatura por trás, coloca seu braço ao redor de seu pescoço e torce com todas as suas forças.

Ele ouve um estalo e, então, a criatura morre em seus braços.

Enquanto a torcida vibra, Darius ouve os gritos dos outros gladiadores ao seu redor, que também estão lutando contra aqueles animais. A maioria dos gladiadores está morrendo, mas alguns parecem resistir, como Darius.

Darius sente um movimento, vê outro animal saltando em sua direção e rola, erguendo sua espada no alto e deixando que a besta seja empalada nela. O corpo do animal cai em cima de Darius, morto.

Darius empurra o animal para longe e rola, respirando com dificuldade e atormentado pela dor dos arranhões em seu braço, preparando-se quando mais uma criatura parte para cima dele. Darius se ajoelha com o coração batendo acelerado dentro de seu peito, se perguntando o que ele deve fazer, quando vários outros animais correm na direção dele ao mesmo tempo. Ele olha para os lados ao ouvir alguns gemidos e percebe que muitos gladiadores já tinham sido mortos pelos animais que estão em cima deles, mordendo-os.

De repente, outra trombeta soa e todos os animais, da mesma forma repentina com que tinham aparecido, se viram e fogem, desaparecendo pelas portas escondidas em torno da arena. A princípio, Darius suspira de alívio, mas então ele percebe: o Império tinha apenas preparado o terreno para algo muito pior.

Darius de repente ouve um assobio cortando o ar, muito alto e muito rápido. Ele não consegue imaginar o que aquilo pode ser e, quando ele se vira, ele mal consegue acreditar na visão diante dele: correntes de metal giram no ar, suspensas a partir do ponto mais alto da arena, e, no final delas, há imensas bolas de ferro cravejadas, quase tão grandes quanto Darius. Há dezenas daquelas bolas balançando dentro do estádio, cruzando em todas as direções e destinadas ao centro da arena.

"Cuidado!" Darius grita para o gladiador ao lado dele, empurrando-o para fora do caminho e, ao mesmo tempo, caindo de cara no chão.

Ao bater no chão, Darius olha para cima e vê um gladiador do outro lado virar para ver o que está acontecendo, mas é tarde demais. A bola de metal o atinge, empalando-o ao mesmo tempo em que continua subindo com seu corpo, sob os aplausos enlouquecidos da multidão.

Darius mantém a cabeça baixa contra o chão enquanto as bolas de metal continuam girando em todas as direções, espetando muitos dos gladiadores e matando-os no local. Aquela arena, ele percebe, é bem diferente da arena de Volússia: ela tinha sido construída para aquilo. Ele é cruel e imprevisível. Impiedosa e traiçoeira. Pelo menos em Volússia, seus oponentes tinham sido corajosos o suficiente para encará-lo de frente.

À medida que as correntes e bolas finalmente começam a recuar, outra trombeta soa e Darius se vê em pé, acompanhado pelos poucos gladiadores que haviam sobrevivido, de frente para as grandes portas de ferro no centro dos muros da arena. Darius sente seu coração batendo de ansiedade quando um grande barulho metálico preenche o ar e as portas se abrem lentamente.

A multidão grita, ficando em pé para ver a aproximação de imensas criaturas, acorrentadas umas as outras, dando um passo de cada vez. Elas parecem seres humanos, mas têm três vezes o tamanho de um homem, cerca de seis metros de altura, músculos salientes, três enormes olhos em sua cabeça, nenhum nariz e uma boca cheia de dentes irregulares. Eles caminham fazendo um som doentio e, a cada passo que elas dão, a multidão vai à loucura.

Um soldado do Império corre até elas e corta suas correntes, libertando as criaturas. Elas jogam as cabeças para trás e emitem um som doentio. Em seguida, elas fixam seus olhares sobre Darius e os outros. Darius sente um arrepio na espinha: ele sabe que aqueles são os inimigos mais formidáveis que ele jamais havia enfrentado.

As criaturas correm para a frente, mais rápido do que Darius poderia imaginar, avançando rapidamente e alcançando-os em um piscar de olhos. Quando uma das criaturas parte para cima de Darius empunhando um imenso machado de guerra, ele ergue sua espada e bloqueia o ataque. Aquele é o golpe mais intenso que ele já tinha recebido, fazendo seu corpo inteiro tremer e partindo sua espada ao meio.

Darius vê estrelas enquanto fica deitado ali, olhando para os lados ao ouvir gritos; ele vê outros gladiadores sendo esmagados por aquelas criaturas, cortados ao meio pelos machados de batalha ou pisoteados. Aquelas criaturas são muito grandes, rápidas e poderosas para eles.

Quando Darius pisca, em poucos instantes todos os outros gladiadores são mortos. Darius é o único sobrevivente.

Darius rola para fora do caminho quando um machado desce na direção de sua cabeça; ele acerta o chão ao seu lado, errando sua cabeça por pouco, e Darius usa suas correntes para desarmar a criatura.

A criatura, surpreendida, cai de costas no chão ao perder o equilíbrio. A multidão grita de espanto, chocada com os acontecimentos, claramente não tendo previsto que uma das criaturas pudesse ser vencida.

Darius não perde tempo: ele rola, levanta sua espada e a enfia na garganta da criatura enquanto ela ainda está deitada de bruços, matando-a no local.

A multidão fica em pé e vai à loucura, aplaudindo o espetáculo.

Darius, encorajado e respirando com dificuldade, fica em pé, agarra a espada da criatura morta e enfrenta as demais. É bom segurar aço de verdade nas mãos.

Outra criatura imediatamente parte para cima dele com um machado. Darius de repente se lembra dos ensinamentos de Deklan: mantenha a calma, concentre-se no momento. Não deixe que suas emoções o confundam.

Darius, focado, espera pelo momento certo e, então, se abaixa. O machado da criatura passa um pouco acima de sua cabeça e Darius se abaixa, levanta sua nova espada e corta o estômago da criatura. A besta cai de joelhos, morta.

A multidão novamente vai à loucura.

Darius se vira à medida que mais daquelas criaturas o atacam. Furiosas, elas correm em sua direção, rugindo ferozmente, exibindo suas presas afiadas. Darius não recua, preparando-se para o confronto, sabendo que ele é capaz de fazer aquilo e que ele é mais forte do que ele imagina - independente do tamanho de seu inimigo.

Quando as criaturas o alcançam, Darius se mantém firme. Ele ergue sua espada e bloqueia os golpes dos grandes machados um após o outro, girando para os lados, esquivando-se e avançando enquanto corta as criaturas. Exausto, ele mal consegue ficar em pé, mas ele se recusa a fugir.

Finalmente, uma das criaturas o chuta e Darius sai voando para trás. Ele cai de bruços no chão, perdendo sua espada. Quando Darius rola e olha para cima, ele vê um machado descendo na direção de sua cabeça.

É tarde demais. Sem nada a fazer, Darius se prepara para finalmente encontrar o seu fim.



## CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Stara caminha pelos jardins da corte real do Cume, abrindo caminho através deles, cheirando as flores sem realmente apreciá-las, perdida em pensamentos, memórias e depressão. Stara não consegue esquecer o passado, as lembranças de Reece, de seu amor por ele e do amor que eles sentem um pelo outro. Ela fica repassando em sua mente o último momento em que ela o tinha visto, desembarcando do navio de Gwen para acompanhar Thorgrin em sua busca por seu filho.

Isso a tinha dilacerado por dentro. Ela havia lhe implorado para não ir, mas não tinha sido capaz de demovê-lo. A situação é irritante e, ao mesmo tempo, faz com que ela se sinta impotente.

Stara não consegue esquecer a discussão que eles tinham tido na noite anterior, no porão do navio, quando apesar de seus esforços, ambos tinham sido incapazes de se manter afastados. Eles se culpam pela morte de Selese, o que dificulta a relação entre eles.

No entanto, no fundo, Stara sabe que Reece a ama. Ela pode sentir isso, mesmo que ele não seja capaz de expressar seus sentimentos. Ela também ama Reece, como sempre havia feito, desde sua infância. Ela sempre havia amado Reece e isso jamais mudaria.

Stara sabe que ele está muito longe agora, que ela deve deixá-lo ir e aceitar a possibilidade de que ele está morto. Afinal, como ele pode ter sobrevivido lá fora? E se estiver mesmo vivo, como é que ele poderá encontrá-la?

Ela odeia Thorgrin por isso, por não ter sido capaz de encontrar seu filho sozinho. Por ter arrastado Reece em sua missão, sendo ele seu irmão da Legião ou não.

No entanto, por mais que ela tenha tentado tirar Reece de sua mente e seguir em frente, Stara não consegue pensar em outra coisa, a não ser Reece, desde sua partida. Quando ele irá voltar? Quando ela conseguirá revê-lo? Ela se sente dilacerada pelas dúvidas, mas agora, longe de tudo, Stara começa a encarar a realidade. É possível que ela nunca mais veja Reece. Ele pode nunca mais voltar e pode ser que ele nunca mais a encontre.

Mas essa é uma realidade que ela não consegue aceitar.

Stara ferve por dentro enquanto caminha, decidida a encontrar uma resposta. Tem que haver uma maneira. Tem que haver alguma maneira de encontrá-lo. Caso contrário, a vida não significa mais nada para ela. Ela se recusa a passar o resto de seus dias escondida naquele lugar pacífico no Cume enquanto Reece está lá fora, em perigo. Aquele lugar, mesmo com toda a sua beleza, não lhe proporciona qualquer tipo de paz enquanto Reece não fizer parte dele.

"Essas são peônias, minha senhora," diz uma voz.

Stara se vira, surpreendida pela voz, e fica surpresa ao ver um membro da família real em pé diante dela, sorrindo. Pelo seu queixo orgulhoso e brilhantes olhos azuis, ela pode ver a semelhança com a família do rei, embora ele não pareça ser um parente direto; ele não aparenta ter mais do que dezesseis anos e está vestindo o traje oficial da corte.

O homem estende a mão e sorri, pegando a sua mão e beijando-a com um brilho nos olhos.

"Elas são as flores mais belas da corte, minha senhora," ele acrescenta. "Você tem bom gosto."

Ele olha para ela e Stara imediatamente reconhece a intenção em seu olhar. Ela já tinha visto aquilo em muitos pretendentes ao longo dos anos: o olhar de um homem cativado por sua beleza. Isso a aborrece e, na verdade, a deixa ressentida por causa de sua preocupação com Reece.

"Meu nome é Fithe," ele fala. "Eu sou um membro da família real."

"É mesmo?" Ela pergunta. "Você está vestindo as mesmas cores, mas lembro de tê-lo visto sentando à mesa do rei. E você também não é um dos filhos do rei."

Ele sorri.

"Você é bastante perceptiva," ele responde. "Você está certa. Eu sou sobrinho do rei, apenas mais um deles. Eu não tenho os mesmos privilégios de seus filhos, mas sou seu primo mesmo assim. Pelo menos eu tenho permissão para passear pelos Jardins Reais, o que me trouxe até você."

Ele abre um largo sorriso e Stara lhe dá as costas, cansada dos constantes avanços dos homens. Ele não lhe parece uma pessoa ruim, mas falar com ele é a última coisa que ela quer fazer naquele momento.

Ela vira e continua examinando os canteiros de flores, caminhando diante deles em busca de paz e tranquilidade, querendo pensar em Reece sem interrupções.

Ele começa a caminhar ao lado dela e Stara suspira, deixando claro que se sente irritada.

"Eu preferiria o prazer de minha própria companhia," ela fala secamente.

"Eu não tive a intenção de ofendê-la, minha senhora," ele fala, ainda caminhando ao lado dela. "É só que... eu não pude deixar de notar sua presença desde que você chegou ao Cume. Tenho esperado pelo momento certo para falar com você. Sua beleza supera até mesmo a fama que você tem."

Ela desvia o olhar, suspirando, sem querer falar com ele.

"Por favor, minha senhora," ele insiste. "Não lhe desejo mal. Eu gostaria apenas de falar com você e passar algum tempo ao seu lado. Permita-me, pelo menos, mostrar-lhe a nossa cidade real."

Ela olha para ele, franzindo a testa.

"Eu já vi a sua cidade," ela responde. "Já vi o bastante, de qualquer maneira. Eu não ligo para isso. Eu preferiria ter morrido nos Desertos."

Ele engasga, sem ter esperado ouvir aquilo. Ele olha para ela com surpresa; é evidente que ele não está acostumado a mulheres que falam com ele daquela maneira.

"Não há nada que eu queira aqui," ela responde. "Há apenas mais uma coisa que eu desejo neste mundo, algo que você nunca poderá me dar. Então é melhor você me deixar em paz."

Ele a surpreende ao ficar olhando para ela com olhos que não demonstram desprezo ou raiva, mas compaixão.

"E o que é que você deseja?" ele pergunta. "Apenas me diga, e você terá o que deseja."

Ela olha para ele com surpresa, aparentando estar interessada.

"Eu duvido," ela fala. "Mas se você se importa tanto, então eu lhe direi: eu quero que o amor da minha vida volte para mim."

Ela espera que ele desista e fica surpreso quando ele continua ali, olhando para ela com a testa franzida.

"E onde ele está?" ele pergunta.

Stara não espera que ele lhe pergunte isso ou que ele se importe quando fica claro que ela não está interessada nele.

"Reece está longe daqui," ela responde, "além do Grande Deserto, do outro lado do mar. Ele está perdido, eu presumo, no mar, em algum navio. Se é que ele ainda está vivo."

Ele olha para ela por um longo tempo e Stara continua ali, esperando que ele comece a rir, que se afaste ou tente se livrar dela, o que é parcialmente o que ela deseja.

Mas ela fica chocada quando ele finalmente responde com toda a seriedade:

"Você o ama muito, não é?" ele pergunta.

Stara se surpreende com sua sinceridade e vê seus olhos cheios de lágrimas.

"Sim," ela responde, sentindo seus próprios olhos marejados, "eu o amo."

Fithe fica em silêncio, olhando para baixo; ele parece considerar seu pedido por um longo tempo. Finalmente, ele volta a olhar para ela e assente.

"Eu vou ajudá-la," ele fala.

Ela o observa, sem saber o que dizer.

"Você vai mesmo?" Ela pergunta, sentindo seu coração bater mais rápido.

"Eu respeito o seu amor, sua devoção," ele fala para ela. "Eu teria gostado de ter uma relação com você, mas vejo que você está comprometida com outra pessoa. E se eu não puder ter você, então ficarei feliz em ter um lugar especial em seu coração por tê-la ajudado."

Stara o encara, sensibilizada pelas palavras dele. Pela primeira vez, ela sente seu coração se encher de esperança.

"Temos regras rígidas aqui no Cume," ele continua. "Para a nossa própria segurança. Não se pode simplesmente deixar o Cume. Isso deixaria um rastro que o Império teria facilidade em encontrar, colocando todos nós em perigo. Deixar este lugar não é fácil; se nós formos descobertos, seremos presos."

Ela acena com a cabeça.

"Eu sei," ela responde. "Eu não espero que você me ajude."

"Mas eu o farei," ele diz.

Ela o examina, vê sua sinceridade e tenta entender.

"Você arriscaria ser preso por mim?" ela pergunta. "Você nem me conhece."

Ele sorri.

"É verdade, eu não a conheço," ele responde. "Mas eu sinto no meu coração como se a conhecesse."

"De qualquer forma, não há outra maneira," ela fala. "Eu quero encontrá-lo e, para fazer isso, devo deixar o Cume."

"Você terá que atravessar as montanhas, atravessar o Deserto, encontrar um barco, ajustar as velas sem ajuda..." ele diz. "Essa não será uma tarefa fácil."

"Eu não me importo," ela diz. "Nenhuma dessas coisas me assusta."

Ele assente.

"Muito bem, então," ele fala. "Se o seu coração está mesmo determinado, sempre há uma maneira."

Ele estende uma mão e olha para ela com toda a sua intensidade.

"Venha comigo."

Stara coloca sua mão na dele e, enquanto ele a leva para fora dos jardins, um novo senso de propósito toma conta dela e, pela primeira vez, Stara sente que voltará a ver Reece novamente, sejam quais forem os riscos.

## CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Godfrey, cercado por vários soldados hostis do Império, está esperando para ser morto quando uma grande trombeta soa de repente, sacudindo a sala. O barulho vem de algum lugar distante e se repete com persistência, um som estranhamente obscuro e diferente de tudo que Godfrey já tinha ouvido, e os soldados imediatamente se viram e saem correndo do local.

Godfrey, perplexo, fica ali parado, suando, olhando para o bar vazio; apenas Akorth, Fulton, Merek e Ario continuam ao lado dele, exceto pelo barman - que continua atrás do balcão.

Godfrey se vira para os outros, mas todos o encaram com igual perplexidade.

"As trombetas da guerra," explica o barman com sua voz grave.

"O que isso significa?" Merek pergunta.

O barman balança a cabeça.

"Um inimigo está diante de nossos portões. Volúsia está cercada."

Godfrey corre para fora do bar com os outros, irrompendo pelas ruas de Volúsia. Godfrey está vagamente ciente da sorte que tinha tido quando as trombetas haviam soado naquele momento, poupando-o de uma surra ou até mesmo da morte dentro daquela taberna. No entanto, enquanto ele corre pelas ruas cheias de pessoas em pânico, ele não tem tanta certeza de sua boa sorte. Ele vê milhares de soldados Volusianos em mobilização, correndo para os portões da cidade, trancando-os e se preparando para a guerra.

Todos correm em direção aos portões da cidade, ansiosos para ver o que está acontecendo. Quando Godfrey se aproxima e sai correndo de beco, ele finalmente consegue ver através dos Portões da Cidade. Assim que ele faz isso, seu coração se sobressalta diante da visão de dezenas de milhares de soldados do Império, vestidos com suas armaduras inteiramente pretas, alinhados no horizonte com as bandeiras do Império, marchando na direção de Volúsia.

Godfrey nunca tinha visto um exército daquele tamanho e a forma como eles marcham, de modo disciplinado, deixa evidente que aquele é um exército profissional. Eles estão armados com equipamentos de cerco profissional, empurrados em plataformas de madeira maciça juntamente com uma série de catapultas, e Godfrey percebe que eles não querem apenas conquistar a cidade, mas obliterá-la completamente.

Godfrey fica confuso. Ele não entende por que o exército do Império está atacando uma de suas cidades ou quais interesses eles podem ter ali. Aquele seria o começo de uma guerra civil?

Godfrey vasculha as ruas da cidade e, no meio do caos, vê os escravos de Volúsia sendo leiloados nas praças da cidade enquanto mais escravos são levados ao bloco de leilão e se lembra de quem são seus verdadeiros inimigos. Os Volusianos. O Império quer destruir aquela cidade e ele também. Ele quer que todos aqueles escravos sejam libertados e, talvez, ele percebe, aquela seja a oportunidade que ele precisa.

Ele sabe que os conquistadores diante dos portões da cidade podem ser piores do que os habitantes de Volúsia, mas se os Volusianos vencerem os escravos jamais serão libertados. Além disso, Godfrey quer desesperadamente vingar-se pelo que havia acontecido com Darius e seu povo. Aquela é a melhor oportunidade que ele terá para alcançar seus objetivos.

Lanças e flechas começam a voar através das barras de ferro dos portões da cidade e os soldados Volusianos começam a gritar e a cair à medida que cruzam o pátio para tomar posições ao longo das muralhas da cidade. Soldados Volusianos, perfeitamente disciplinados, marcham em fila única ao longo das muralhas, obedecendo aos gritos de seus comandantes enquanto tomam suas posições. Eles preparam caldeirões de óleo fervente e, ajoelhando-se, arremessam lanças e flechas incendiadas, matando dezenas de soldados do outro lado dos portões. Aquela é a invasão de um exército enorme, mas a cidade que eles

estão atacando é enorme e bem fortificada. Godfrey sabe que aquela será uma batalha épica e que ela possivelmente irá durar muitos meses, a não ser que ele faça alguma coisa.

Godfrey e os outros se ajoelham nas sombras ao longo de um dos muros da cidade, observando a guerra se desenrolar diante deles. Godfrey troca um olhar com os outros.

"Você está pensando a mesma coisa que eu estou pensando?" Merek pergunta com um sorriso malicioso.

Godfrey sorri de volta.

"E o que seria isso?" Akorth entra na conversa, preocupado.

"Deixar o Império entrar," explica Godfrey. "Podemos ajudá-los a assumir o controle da cidade."

"Isso é loucura!" dispara Fulton. "Eles podem nos matar!"

Godfrey dá de ombros.

"O Volusianos definitivamente nos matariam," ele responde. "O Império talvez não o faça. E se o fizerem, pelo menos desta forma, eles vão matar os Volusianos primeiro, executando nossa vingança por nós, e nós teremos uma chance de libertar esses escravos."

Akorth e Fulton, em pânico, franzem a testa e balançam a cabeça.

"E como você propõe que façamos isso?" Pergunta Ario de maneira calma e serena como sempre.

Godfrey observa os soldados Volusianos girando uma enorme manivela sem parar, começando a fechar as grandes portas douradas além dos portões da cidade, e imediatamente tem uma ideia. Ele se abaixa e acaricia a cabeça de Dray.

"Dray," ele fala. "Vá. Vingue-se pelo que aconteceu com Darius. Ataque aqueles homens!"

Dray não precisa de estímulo: ele late e sai correndo através do pátio, fazendo exatamente o que Godfrey havia pedido, levantando uma nuvem de poeira pelo caminho.

Dray alcança o primeiro soldado, crava os dentes em seus tornozelos e o soldado grita, soltando a manivela.

"Agora!" Diz Godfrey.

Godfrey se levanta e ataca, seguido de perto pelos outros e com Akorth e Fulton bufando atrás do grupo.

Eles chegam até a manivela, mas não conseguem movê-la.

"Temos que girá-la para o outro lado!" grita Godfrey.

Todos começam a girar a manivela para o outro lado e, enquanto eles puxam com toda a força, os portões da cidade lentamente começam a se abrir.

Logo, Volusianos percebem o que está acontecendo. Godfrey se abaixa quando uma lança passa voando pela sua cabeça e, ao olhar para cima, vê um pelotão de Volusianos começando a correr na direção deles.

"CUIDADO!" Ario grita.

Ario pega uma lança, mira e a arremessa ao mesmo tempo em que empurra a cabeça de Godfrey para baixo instantes antes que o golpe de um machado o atinja. Godfrey se vira e vê a lança empalando um soldado Volusiano perto dele.

Merek desembainha sua espada e mata outro Volusiano quando ele se prepara para atacá-los pelo outro lado.

Todos se concentram novamente na manivela e Godfrey, com as mãos ardendo, começa a fazer força, determinado a não desistir. Ele sabe, porém, que seu tempo é limitado, o grupo de Volusianos está ficando mais perto a cada momento. A porta se abre cada vez mais, movendo-se lentamente.

Ao olhar para cima, Godfrey vê que os Volusianos estão se aproximando, mas ainda assim ele não abandona a manivela. Ele faz força uma última vez, com todos os outros, e os portões finalmente se abrem o suficiente.

Eles ouvem um grande grito à medida que centenas de soldados do Império começam a passar pela abertura nos portões. Os soldados Volusianos, surpreendidos, não têm alternativa a não ser fugir pelas ruas da cidade, encurralados pelos soldados do Império. Diante de seus olhos, Volusianos começam a ser abatidos, derrubados pelo exército do Império que os persegue e, finalmente, Godfrey se sente vingado. Ele pensa em Darius e seus homens, assassinados naquelas mesmas ruas pelos Volusianos e sabe que ainda existe justiça no mundo.

Godfrey sabe que o caos representa sua única chance de escapar daquela cidade.

"Vamos!" Akorth pede, apontando para os becos que podem levá-los para a liberdade.

Godfrey quer deixar aquele lugar, ele realmente quer.

Mas ele sabe que não pode fazer isso. Silis, a mulher Finiana, está ameaçada por aquela invasão. Se eles não a ajudarem, ela será morta. Ela havia salvado a sua vida e ele sente que lhe deve a mesma gentileza.

"Não!" Godfrey grita. "Ainda não. Temos uma obrigação a cumprir primeiro. Sigam-me!"

Ele se vira e corre pelo pátio com Dray latindo em seus calcanhares, esperando que os outros o sigam, mas determinado a prosseguir, mesmo sozinho. Pela primeira vez em sua vida, ele não se sente motivado pela possibilidade de obter alguma vantagem, mas pelo sentido de dever e coragem.

Ele ouve passos e, ao se virar, vê os outros bem atrás dele, todos eles igualmente determinados a fazer a coisa certa, seja qual for o custo.

## CAPÍTULO VINTE E CINCO

Kendrick corre pelo Grande Deserto com seus companheiros, lutando contra o pôr do sol, apressando-se para voltar a tempo e ciente do que acontecerá se eles não conseguirem. A temperatura está começando a cair drasticamente, o dia escurece mais a cada momento e Kendrick ainda lembra como são as noites no Grande Deserto. Cada noite passada ali é como uma roleta russa.

Apesar de terem sobrevivido antes, Kendrick sabe que as coisas são diferentes desta vez; ali, mais perto do Cume, as noites são mais traiçoeiras. Todas as vezes que ele tinha se deitado para dormir, Kendrick havia descoberto alguns de seus homens mortos ao acordar, comidos por insetos ou mordidos pelas estranhas criaturas que habitam aquele lugar.

Kendrick olha por cima do ombro e vê os varredores, grandes e largos, acoplados à parte traseira dos cavalos, apagando seu rastro à medida que eles avançam e removendo qualquer sinal de sua presença ali. Aqueles dispositivos são engenhosos e Kendrick fica satisfeito ao perceber que eles estão cumprindo sua missão. Quando eles chegarem ao Cume, não haverá qualquer sinal de que eles haviam passado por ali e qualquer perigo que ele e seu povo possam ter causado durante sua travessia terá sido apagado.

Enquanto cavalga, Kendrick vê o corpo ensanguentado do soldado do Cume, em cima do lombo de um cavalo, e seu coração se entristece. Por causa dele e de seu povo, aquele bravo soldado tinha viajado até ali e agora está morto. Kendrick não consegue deixar de se sentir responsável, mesmo que ele, pessoalmente, tenha salvado muitas outras vidas.

Kendrick observa Naten cavalgando diante de seus homens com um sorriso permanente no rosto, ainda recusando-se a olhar na direção de Kendrick. Apesar de Kendrick ter salvado a sua vida, Naten havia retribuído apenas com amargura. Algumas pessoas, Kendrick sabe, nunca mudam. Por outro lado, Kendrick havia notado uma mudança na atitude dos outros membros do Cume em relação a ele. Desde a luta em torno da árvore, quando ele tinha ajudado a salvá-los como se eles fossem seus homens, os soldados do Cume olham para ele com um novo respeito. Ele sabe que, aos poucos, eles estão começando a aceitá-lo, mesmo que ele seja um forasteiro.

Eles seguem em frente com o som dos cavalos em seus ouvidos e Kendrick vasculha o horizonte, procurando qualquer sinal do muro de areia, sabendo que esse é o primeiro marco que eles encontrarão. No entanto, ele fica frustrado ao não conseguir visualizá-lo.

Um grito de repente irrompe acima do barulho dos cavalos e Kendrick fica surpreso ao ver um dos soldados do Cume de repente cair quando o seu cavalo parece perder os sentidos. Os dois rolam no chão, enquanto os outros param de cavalgar, e Kendrick fica perplexo. A princípio, ele presume que o cavalo tenha tropeçado, mas ele não vê como isso é possível no chão plano do deserto.

Mas então ele fica chocado ao ver outro cavalo entrar em colapso, e depois mais outro, derrubando mais soldados no chão ao mesmo tempo em que e o primeiro homem grita ao ser esmagado sob o peso do cavalo.

Logo, vários outros cavalos caem no chão, rolando e levantando enormes nuvens de poeira.

Kendrick desvia para fora do caminho de todos os cavalos bem na hora e quando ele pensa estar seguro, de repente, seu próprio cavalo inexplicavelmente entra em colapso embaixo dele. Kendrick se vê sendo arremessado pelo ar em direção ao chão duro do deserto. Ele sofre uma queda dura e fica sem fôlego, tendo a sensação de que todos os seus ossos haviam se partido.

Kendrick rola, tossindo por causa da poeira, e rapidamente desvia quando seu cavalo passa por ele, se perguntando o que pode ter acontecido.

Quando ele para, respirando com dificuldade e colocando a mão nas costelas, ele se vira e examina o chão do deserto, se perguntando se eles haviam passado por uma série de rachaduras.

Mas não havia rachaduras em qualquer lugar. O chão era tão bom quanto poderia ser.

O mistério apenas se aprofunda quando Kendrick olha ao seu redor, ouve os cavalos relinchando como se estivessem com dor e, em seguida, ouve um ruído terrível. Ele olha de perto e fica horrorizado ao ver que as pernas dos cavalos estão completamente cobertas por milhares de insetos que os estão comendo vivos.

Os cavalos relinham e se contorcem enquanto suas pernas são comidas pelos insetos e Kendrick reage; levantando-se, ele ergue sua espada e começa a batê-la nas pernas dos cavalos, tentando removê-los.

Kendrick rapidamente percebe a inutilidade de seus esforços, pois ele não pode arriscar ferir os cavalos. Ele estende a mão para pegar um escudo, mas quando ele se vira novamente, já é tarde demais: aqueles insetos cruéis, tão bem coordenados, já haviam comido a maior parte das pernas dos cavalos, atacando tão rápido que elas simplesmente desaparecem diante dos olhos de Kendrick. Em poucos segundos, eles haviam comido as pernas dos animais até o osso.

Kendrick não consegue acreditar. Enquanto ele observa, diante de seus olhos, os cavalos são completamente devorados pelos insetos, restando apenas seus ossos, como se eles estivessem apodrecendo no chão do deserto há milhares de anos.

Com a mesma rapidez, o enxame de insetos abandona os ossos e voa para longe, escurecendo o céu antes de desaparecer por completo.

Kendrick fica em pé, sacode a poeira e troca um olhar com os outros, que olham para ele igualmente chocados. Ele olha para as carcaças dos cavalos e percebe com um desânimo que agora eles não têm um meio de transporte para voltar ao Cume. Ele olha para o horizonte, observando o sol poente, e tem a sensação de que o Cume ainda está muito longe. Ele não consegue acreditar que está naquela situação outra vez, de volta ao Grande Deserto, a pé. Ele sente a temperatura caindo e sabe que todos eles estão em uma situação delicada.

*"A culpa é sua!"*

Kendrick se vira e vê Naten, enfurecido, partindo para cima dele.

Kendrick está chocado demais para reagir e, antes que possa perceber, Naten chega até ele e o derruba no chão.

Os outros homens os cercam e começam a torcer enquanto Kendrick e Naten se enfrentam no chão. Naten fica em cima de Kendrick, imobilizando-o, e começa a sufocá-lo. Kendrick sente as mãos fortes em sua garganta e percebe que suas intenções são sérias. Ele está cansado de ter paciência com aquele homem.

Enfurecido, Kendrick estende a mão e pressiona um ponto no antebraço do homem; imediatamente Naten solta Kendrick, que imediatamente gira o corpo e dá uma cabeçada em Naten, quebrando o seu nariz.

Naten, atordoado, segura o próprio nariz e rola para o lado.

Kendrick e Naten se recuperam do susto inicial e voltam a ficar em pé, voltando a se enfrentar no meio da roda de soldados.

Enfurecido, Naten saca sua espada, cortando o ar do deserto, mas antes que ele consiga dar um passo adiante, Brandt e Atme aparecem e seguram a ponta de suas espadas contra a garganta dele.

"Não se mova," Brandt avisa.

"Esse é o nosso comandante que você está ameaçando," acrescenta Atme.

O som de espadas sendo sacadas preenche o ar e, ao se virar, Kendrick vê dois soldados do Cume, amigos de Naten, apontando suas armas para Brandt e Atme.

"Abaixem suas espadas!" Koldo grita para seus próprios homens, aproximando-se com raiva.

"E vocês também," Kendrick pede para Brandt e Atme. "Agradeço-lhes, mas não estamos aqui para lutar uns contra os outros."



Os dois soldados do Cume obedecem, Brandt e Atme também abaixam suas armas e, logo, apenas Naten continua empunhando sua espada.

"Eu disse para abaixar sua espada," Koldo dispara com evidente desdém.

Relutantemente, Naten abaixa sua espada.

Kendrick fica parado diante de Naten, que o encara com sangue nos lábios.

"Amigo," diz Kendrick, determinado a fazer as pazes. "Você não pode me culpar pela morte de seu amigo ou pela morte destes cavalos. Eu não sou o inimigo. Não sei se você se lembra, mas *eu* salvei a sua vida, apenas algumas horas atrás."

Naten faz uma careta.

"Se não fosse pela sua chegada e pela chegada dos seus homens aqui, meus amigos ainda estariam vivos," diz Naten. "Nossos cavalos ainda estariam vivos e nós não estaríamos nesta confusão. Agora vamos todos morrer aqui."

"É muito fácil atribuir culpa," Kendrick responde. "Essa é uma arma para os homens menos preparados. Eu não sei quando a vocês," continua Kendrick, voltando-se para os outros, "mas eu não planejo morrer. Nós vamos encontrar um caminho de volta para o Cume. Eu não quero brigar com você ou com o seu povo. Ofereci-me nesta missão para ajudá-los."

Kendrick decide tomar o caminho mais honrado. Sob os olhares atentos de todos os soldados, ele estende o braço para Naten, dando um passo adiante para apertar sua mão.

Naten fica parado enquanto um silêncio pesado recai sobre o grupo. Ele encara Kendrick como se estivesse considerando a sua oferta.

"Aperte a mão dele," Koldo ordena.

Mas Naten faz uma careta, cuspiendo nos pés de Kendrick, se vira e vai embora. Essa é a exata reação que Kendrick havia previsto.

Koldo surge ao lado dele e coloca uma mão em seu ombro.

"Você é um bom homem," ele fala. "Um homem superior. Obrigado por sua moderação."

Kendrick acena de volta, apreciando as palavras de Koldo.

"Do jeito que as coisas estão já teremos muita sorte se conseguirmos sobreviver a isso," diz Ludvig, aproximando-se dele. "Se lutarmos uns contra os outros, não teremos chance alguma."

Kendrick se vira com os outros e olha para o sol poente, sabendo que a situação deles é desoladora.

Kendrick se dirige aos seus homens.

"Recolham o que for possível dos seus cavalos," ele fala. "Esta noite, acamparemos aqui."

Koldo dá as mesmas ordens aos seus homens e logo todos estão deitados no chão, vasculhando as selas e remexendo os ossos dos seus cavalos; outros começam a recolher pedaços de madeira seca pelo chão do deserto para acender uma fogueira.

O céu fica mais escuro e, enquanto ele observa os últimos raios dos sóis, Kendrick sente um calafrio: ele não consegue deixar de pensar, assim como os outros, que eles nunca mais conseguirão retornar.

\*

Kendrick se senta em torno da fogueira acesa, a única fonte de luz no mar de escuridão do deserto, com Brandt, Atme e o restante de seus homens de um lado, enquanto Koldo, Ludvig e os outros se sentam do outro lado. Todos eles estão nervosos; exceto pelo crepitar da fogueira, não há um único ruído em volta deles e o calor da fogueira é a única coisa que os protege do ar gelado do deserto que lentamente toma conta de tudo ao seu redor. Kendrick, cansado após os acontecimentos do dia, olha para os rostos dos homens ao redor do fogo e pode ver o cansaço neles também. Todos eles se encontram em uma situação que nenhum deles tinha sido capaz de prever.

Kendrick olha para as chamas, refletindo sobre como a vida tinha lhe trazido até aquele ponto, e sente seus olhos ficando pesados quando um som feroz de repente interrompe o silêncio. Os cabelos da nuca de

Kendrick se arrepiam quando ele olha na direção da escuridão com os outros. O barulho surge outra vez: o guincho distante de uma criatura, em algum lugar do deserto.

O filho mais jovem, Kaden, também o mais novo membro do grupo, se encolhe ao ouvir o barulho e agarra o punho da espada.

Naten ri cruelmente, zombando dele: "Do que você está com medo, menino?" Naten pergunta. "Você está com medo de que essa coisa venha até aqui para comer você?"

Alguns dos outros soldados caem na risada ao mesmo tempo em que Kaden enrubescce.

"Eu não tenho medo de nada," Kaden diz com indignação.

Naten ri novamente.

"Para mim, está claro que você está morrendo de medo."

Kaden ajusta a postura e o encara.

"Por mim, essa coisa pode vir até aqui, pois eu a enfrentarei sem medo," ele insiste.

Naten continua provocando o rapaz.

"Ah, tenho certeza que sim," ele fala.

Kendrick percebe o desconforto de Kaden e se sente mal por ele; ele não gosta do comportamento agressivo de Naten.

Eles ouvem o barulho novamente, desta vez mais distante, como se o que quer que aquilo fosse estivesse recuando; gradualmente, o silêncio volta a se instaurar sobre o grupo.

"Eu não sei como vocês conseguiram sobreviver lá fora," diz uma voz.

Ao olhar para o lado, Kendrick vê Kaden olhando para ele; o filho do rei é afável e simpático, sério, rápido para sorrir e apresenta a confiança de um menino de quatorze anos de idade com mais coragem do que habilidades de batalha. Kendrick identifica nele o guerreiro que ele um dia se tornará e pode ver sua vontade de provar suas habilidades.

Kendrick sorri para ele.

"Fomos treinados para a adversidade," Kendrick responde. Ele pode ver outros soldados prestando atenção com curiosidade e, ao continuar, ele se dirige a todos eles. "Ainda no Anel, éramos enviados em missões de vigilância assim que aprendíamos a andar. Nossos cavaleiros eram enviados para os lugares mais terríveis, para a base do Canyon ou para o território selvagem, por várias luas, enfrentando ambientes hostis assim que entravam para a Legião e, depois, para a Prata. Esse era o nosso ritual de iniciação. Nem todos voltavam, mas isso nos ensinou a viver sem medo. Nossa segurança é nossas duas mãos e as armas que carregamos."

Koldo assente, claramente apreciando a história.

"Temos um ritual semelhante," ele diz. "Enviamos nossos jovens iniciados em patrulhas ao pico do Cume. Eles são chamados de *Lobos*."

"Mas o Cume está isolado do restante do mundo," diz Kendrick. "O que eles estão procurando?"

"Às vezes," Koldo responde, "criaturas do deserto atravessam a parede de areia e tentam invadir o Cume. Temos que manter vigias, durante todos os dias e noites, em todos os picos do Cume. Quando eles têm êxito, nós mandamos patrulhas para combater esses monstros antes que eles cheguem muito perto. Isso mantém o Cume seguro e deixa nossos homens preparados para uma eventual batalha. Eles são inimigos cruéis e atacam em bandos, sendo inimigos ainda piores do que o Império."

"Vocês não fazem ideia," Naten interrompe. "Nenhum dos membros da sua preciosa Prata já foi testado contra os nossos inimigos."

"Tenho certeza de que eles tiveram que lutar contra inimigos muito mais mortais do que eles," diz Ludvig, saindo em defesa de Kendrick.

Kendrick acena com a cabeça, apreciando o gesto, e Naten apenas dá de ombros.

"Eu serei um lobo em breve," Kaden diz com orgulho. "Meu ritual de iniciação será o próximo. Vou patrulhar o Cume com apenas alguns amigos. Vamos lutar e matar qualquer criatura que encontrarmos."

Kendrick sorri, admirando sua coragem.

"Então essa é a sua primeira vez aventurando-se pelo Grande Deserto?" Pergunta Kendrick.

Kaden assente solenemente.

"Eu me ofereci para acompanhá-los," ele responde. "Meu pai se recusou a princípio, mas meu irmão concordou e o convenceu a me dar permissão."

Koldo olha para Kendrick.

"Nós tratamos os nossos jovens aqui," diz Koldo, "com o maior respeito. No nosso reino, a maior honra é reservada para os mais novos. É o filho mais novo, e não o mais velho, que nos proporciona mais orgulho e alegria. As habilidades de batalha dos mais jovens são um reflexo não apenas do seu pai, mas principalmente dos seus irmãos mais velhos. Todos devemos ser exemplos de honra e coragem, de todas as características que queremos encontrar em nossos jovens. O ritual de iniciação é uma tradição que mantemos com o maior respeito."

"Nossos jovens guerreiros," Ludvig acrescenta, "refletem o que há de melhor em nós. O momento em que um menino se transforma em um homem é uma ocasião sagrada. Esse é, de fato, o momento mais importante para o nosso povo."

Um silêncio confortável recai sobre o grupo de guerreiros e, enquanto as chamas ardem na fogueira, Kendrick se perde em pensamentos e seus olhos voltam a ficar pesados até que Kaden se dirige a ele.

"Pelo que você vive agora?" Pergunta Kaden.

Kendrick olha para o garoto e percebe que ele está realmente se esforçando para entender.

"Sua pátria amada se foi," Kaden continua. "A maior parte de seus homens já morreu. Eu não sei se eu conseguiria continuar. O que é o faz seguir em frente? O que você procura?"

Kendrick pensa muito sobre aquelas perguntas. Aquilo o faz sentir mais falta do Anel e dos seus companheiros da Prata do que nunca.

"Vivo com a esperança de, um dia, voltar para a minha terra natal," Kendrick finalmente responde. "Para ver o Anel restaurado novamente; ver as fileiras da Prata reabastecidas. Vivo para que nossos homens possam se tornar o grande exército e os grandes cavaleiros que já foram um dia."

Os homens concordam com suas cabeças, respeitando aquela resposta.

"E, no entanto," Kendrick acrescenta: "Eu também aprendi que ser um cavaleiro significa ser um cavaleiro onde quer que eu esteja. Em qualquer lugar e sob qualquer circunstância. Eu aprendi que não preciso estar no Anel, na Corte do Rei, em um belo castelo na cidade - ou até mesmo em minha armadura. Isso não é o que significa ser um cavaleiro. O verdadeiro cavaleiro deixa tudo isso para trás; ele está sempre lutando por uma causa, uma causa que está sempre do lado de fora de sua cidade fortificada. Quando você está lá fora, em algum lugar, cercado pelo perigo, quando você tem a sensação de estar no lugar mais solitário e mais vazio de todos, quando você olha ao redor e não há mais ninguém ao seu lado, quando você está forjando novos caminhos, é aí que você se torna um verdadeiro cavaleiro. É esse o seu verdadeiro lugar no mundo."

"Isso merece uma bebida," Ludvig diz.

Todos erguem as suas canecas e começam a beber ao redor da fogueira.

"Pela honra!" Koldo grita.

"Pela honra!"

Kendrick dá um longo gole de seu vinho, olhando para as chamas, enquanto considera aquela palavra. *Honra*. A honra é, acima de tudo, uma das coisas que norteiam a sua vida.

"Eu entendo como você se sente, meu amigo," Koldo fala com sua voz profunda, sentado ao lado dele. "Eu mesmo já fui um estranho neste lugar."

Kendrick, surpreso, olha para ele. A pele negra de Koldo, sua aparência tão diferente de todos os outros habitantes do Cume, e o fato de que ele é o filho mais velho do rei sempre haviam despertado a curiosidade de Kendrick, mas ele tinha evitado se intrometer.

"Como você pode dizer," Koldo continua, "eu não sou filho biológico do Rei ou da Rainha. Eles me encontraram no deserto durante uma patrulha real e resolveram me adotar. Além disso, por ser o mais velho, ele me nomeou seu primogênito e herdeiro do reino. Eles me tornaram o mais velho em todos os sentidos da palavra, mesmo quando não era necessário. Isso diz muito a respeito do povo do Cume."

Kendrick fica intrigado com a história.

"Eles encontraram você?" ele pergunta. "Como?"

"O rei e seus homens um dia invadiram uma aldeia de escravos, no meio do Deserto, para matar soldados do Império que haviam se aproximado demais e para libertar os escravos. Quando eles chegaram lá, o Império já havia deixado o local e a vila tinha sido incendiada. Todos estavam mortos, exceto eu. Eles poderiam ter me deixado lá, poderiam ter deixado que eu morresse. Mas esse é o nosso rei, meu pai, meu verdadeiro pai: ele tem um coração grande e sempre faz o que é certo."

Koldo suspira.

"Eu não esqueço. Eu nunca me esqueço, quando se trata de lealdade. Eu morreria pelo nosso Rei em um piscar de olhos. Eu levarei seus homens para qualquer lugar, em qualquer parte do mundo, se ele quiser."

"Koldo é meu irmão," Ludvig fala. "Meu irmão de verdade. Ele pode ter nascido de pais diferentes e pode ter uma cor de pele diferente da minha, mas isso não significa nada. Isso não é o que significa ser um irmão. A honra, coragem e lealdade são o que o tornam meu irmão. Eu o considero sangue do meu sangue, assim como meus outros irmãos, e eu sou capaz de morrer por ele."

"Exatamente," diz Kaden. "Koldo é tanto meu irmão quanto Ludvig."

Kendrick pode ver a intensa lealdade que Koldo é capaz de inspirar e o admira ainda mais por isso. Aquilo o faz pensar em no Rei MacGil, que também o tinha assumido como seu filho. Apesar da vontade do Rei MacGil de nomear Kendrick seu primogênito e herdeiro legítimo, sua única falha tinha sido não ter sido forte o suficiente para superar os costumes de seu povo, permitindo que um bastardo se tornasse rei. O Rei do Cume, no entanto, é diferente: ele havia desafiado a tradição para fazer o que é certo. Kendrick sonha com um pai assim.

"Acho que temos algo em comum," diz Kendrick. "Nós dois não fomos criados por nossos pais biológicos, mas de alguma forma conseguimos nos tornar líderes de nossas próprias tropas."

Koldo sorri pela primeira vez desde que Kendrick o havia conhecido.

"Como é que eles dizem?" Koldo pergunta. "São sempre os estranhos e os menos aceitos, aqueles de quem as pessoas não esperam muita coisa, que sobem até o topo."

Kendrick entende exatamente o que ele quer dizer, mais do que ele imagina.

## CAPÍTULO VINTE E SEIS

Quando Volúsia sai das sombras e entra em seu camarote privativo no Coliseu, deixando que a luz do sol ilumine o seu rosto, a multidão vai à loucura. Ela fica parada com os braços erguidos e olha para todos os lados, absorvendo os aplausos e a adulação de milhares de seus fãs e adoradores, cidadãos de sua capital. A arena estremece diante de sua própria presença e ela percebe o quanto ela é amada. Ela, a heroína conquistadora. Eles amam a sua força; amam o seu poder. Ela, de quem nunca ninguém havia esperado muita coisa. Finalmente, eles tinham percebido o ela sempre soube: que ela é uma deusa. Que ela é invencível.

Suas estátuas já estão espalhadas por toda a cidade, os rituais de oração diária já tinham sido estabelecidos e o povo já lhe faz saudações por onde ela anda. Ainda assim, aquilo ainda não é suficiente para ela. Ela quer mais.

Se o seu povo não a ama de verdade, Volúsia sabe, eles não se mostrariam tão felizes ao vê-la e não a cobririam de afeto. Aquela demonstração não é apenas um reflexo do medo, mas de admiração. Ela pode sentir isso. Ela havia conquistado a cidade que não poderia ser conquistada, tinha tomado o trono que não poderia ser tomada. Ela havia provado que eles estavam errados e eles a amam por isso. Eles sabem que, com ela, tudo é possível.

Volúsia estende os braços e, ao fazer isso, trombetas soam. Lentamente, a multidão se acalma. Todos olham para ela, tão silenciosos e respeitosos que seria possível ouvir um alfinete caindo no chão.

"Cidadãos do Império!" Ela grita com a voz cada vez mais alta, ecoando pelas paredes. "Povo da minha capital! Vocês agora não são mais súditos. Vocês agora estão livres! Livres para servir não vários comandantes ou soldados, mas apenas a Deusa Volúsia."

A multidão aplaude, batendo os pés no chão ao longo das arquibancadas por tanto tempo que Volúsia começa a pensar que aquilo não vai parar nunca.

Finalmente, ela ergue os braços novamente e eles se acalmam.

"Como meu presente para vocês," ela dispara, "pela conquista de sua grande cidade, eu lhes presenteio com algo que nenhum líder antes de mim já lhes proporcionou: cem dias de jogos! Deixem que o sangue comece a escorrer!"

Trombetas soam sob os aplausos da multidão que sacode a arena com seu entusiasmo. Volúsia volta para as sombras, sentando-se em seu trono dourado ao lado de seus conselheiros para observar o torneio.

Quando as grandes portas de ferro da arena se abrem com um ruído tão alto que abafa o barulho da multidão, os primeiros gladiadores do dia, acorrentados uns aos outros, são trazidos. A multidão vai à loucura quando dezenas de gladiadores, aterrorizados, avançam aos tropeços até o centro da arena, olhando em todas as direções.

As trombetas soam outra vez e dezenas de soldados do Império, vestindo armaduras negras que brilham sob os sóis e empunhando lanças afiadas, entram na arena montados em zertas quando mais uma porta se abre. Eles avançam na direção exata do grupo e a multidão aplaude quando a primeira das lanças é arremessada pelo ar.

Logo, o ar é tomado por dezenas de lanças, todas apontadas para os gladiadores em pânico, que caem sobre eles vindas de todas as direções.

Os gladiadores tentam virar e correr, empurrando uns nos outros, mas não há para onde ir.

Logo, todos eles são empalados. Alguns tentam desviar e outros mergulham para o chão, mas isso apenas faz com que eles sejam atingidos em suas costas. Outros gladiadores levantam seus escudos insignificantes, mas as lanças, muito afiadas, apenas os atravessam. A morte está em toda parte e, agora, ela os tinha encontrado.

Enquanto a multidão aplaude, os cavaleiros do Império dão a volta na arena, abaixam-se e agarram as correntes que mantêm os gladiadores juntos. Em seguida, eles começam a arrastá-los pelo chão, desfilando seus troféus em torno da arena. A multidão se levanta, aplaudindo ao vê-los passar.

A trombeta volta a soar e, quando outra porta se abre, outro grupo de gladiadores é levado para o centro da arena.

Volússia aprecia toda aquela demonstração de crueldade e seu humor melhora. Na verdade, naquela arena particularmente cruel da capital, tinha sido uma das razões que havia despertado seu interesse em conquistar a cidade. Ver pessoas sendo mortas de forma inusitada é um de seus passatempos favoritos.

"Deusa," fala uma voz.

Volússia, irritada por ter sido interrompida, vê Rory, o novo comandante de suas forças, olhando para ela com preocupação. Ela havia lhe dado o título depois de ter matado seus três últimos comandantes em um ato impulsivo. Ela sente que é sempre bom manter seus homens inseguros.

"Deusa, perdoe-me por interrompê-la," ele continua com evidente preocupação em sua voz.

"Eu *não* o perdoo," ela responde friamente. "Eu não perdoo qualquer tipo de interrupção."

Ele engole em seco.

"Deusa, eu imploro o seu perdão. A questão é urgente."

Ela olha para ele.

"Nada é urgente no meu mundo. Eu sou uma deusa."

Ele parece não saber se deve continuar.

"Trago notícias, Deusa," ele diz. "Milhões dos homens de Romulus, recém-chegados do Anel, estão se aproximando de nossas costas em uma vasta frota. Eles se aproximam da Baía Ocidental nesse exato momento e nós não temos qualquer tipo de plano de defesas contra eles. Amanhã, a nossa capital será invadida."

Ela olha para ele com seriedade.

"E o que há de urgente nisso?" ela pergunta.

Ele pisca, sem saber como responder.

"Deusa," ele continua um pouco incerto, "só há duas maneiras para fugirmos da capital, seguindo para o oeste ou para o leste. Com os Cavaleiros dos Sete e seus milhões de homens avançando pelo leste, temos apenas a rota ocidental. Agora, esta saída está sendo bloqueada pelo exército de um milhão de homens de Romulus. Estamos cercados, não temos para onde fugir."

Volússia, irritada por ter sido incomodada com aquilo e por não ter visto quem havia acabado de ser morto na arena, volta a encará-lo com frieza.

"E quem disse que vamos fugir?" ela pergunta.

Ele olha para ela sem conseguir acreditar em seus ouvidos.

"Eu nunca recuo, comandante," ela diz.

"Mas algo deve ser feito!" Ele insiste com urgência.

Ela abre um largo sorriso. Finalmente, ela se levanta e começa a deixar o lugar, querendo saber mais detalhes.

"Siga-me," ela ordena.

\*

Volússia, acompanhada por sua enorme comitiva de assessores, generais e comandantes, se aproxima da costa da Baía Ocidental, andando rapidamente diante do grupo pela praia de pequenas pedras ao se dirigir para a beira da água. As águas estão calmas e, ao longe, Volússia vê o mar completamente tomado pelos navios de Romulus, recém-chegados do Anel. Mesmo com a morte de seu precioso Romulus, seus homens estão unidos por uma causa comum, claramente a mando dos Cavaleiros dos Sete. Eles ainda acreditam que os Sete estão no controle; os homens de Romulus ainda não perceberam que o Império agora pertence a ela.

Volússia se sente honrada que todos aqueles homens tenham se mobilizado do outro lado do mundo, tendo desocupado seu precioso Anel por causa dela. Ela sente pena deles. Eles não têm ideia de que estão enfrentando uma Deusa. Eles não sabem que ela é intocável.

"Você está vendo, Deusa?" Rory continua com cada vez mais pânico em sua voz. "Devemos mobilizar os nossos homens, agora! Nós estamos perdendo tempo precioso!"

Volússia, ignorando-o, caminha até a beira da água, à frente de seus homens. Ela fica ali parada, levanta o queixo e sente os ventos fortes em seu rosto com prazer. Eles refrescam o ar abafado do deserto e a manhã insuportavelmente quente da capital.

Volússia ouve a batida distante dos navios de guerra, batendo incessantemente na distância, como se para assustá-la, e observa quando todos os navios começam a entrar na baía. Aqueles tolos realmente acreditam que podem assustá-la.

Volússia fica ali, uma mulher contra um exército inteiro, e vê quando eles se aproximam e preenchem a enorme baía, chegando cada vez mais perto e bloqueando a saída ocidental, exatamente como ela havia previsto.

"Deusa!" Rory repete. "Temos que recuar!"

Volússia vê as tochas em todos os navios, as flechas incendiadas, as lanças e todos os homens que estão apenas esperando chegar mais perto de seu alvo. Ela sabe que, em breve, um inferno se abaterá sobre ela e todos os seus homens, uma onda de morte e destruição.

No entanto, ela tem outros planos; Volússia ainda não está preparada para morrer; certamente não pelas mãos daqueles homens, os últimos seguidores de um comandante medíocre, Romulus, seu antecessor e um tremendo tolo.

Volússia se vira e acena para Volk, que está parado ao seu lado. Ele faz um gesto com a cabeça e vários de seus pequenos homens verdes correm para a frente, fazendo barulhos estranhos até mesmo para ela. Eles lentamente levantam as mãos e as seguram diante deles com os dedos abertos em forma de triângulo apontados na direção do mar.

Lentamente, um brilho verde emana de suas palmas e escorre sobre as águas, espalhando-se sem parar até alcançar os navios de Romulus. Em seguida, os Vólks viram as palmas das mãos lentamente para cima, erguendo-as cada vez mais.

Ao fazerem isso, eles invocam criaturas que se erguem das profundezas do oceano. Lentamente, é tomada por pequenos caranguejos verdes e brilhantes que fazem um barulho terrível à medida que eles se espalham e se prendem aos cascos de todos os navios.

Eles se arrastam até os cascos, cobrindo-os como formigas, e, ao fazerem isso, o ar é tomado pelo barulho de madeira se partindo. Eles estão corroendo os cascos navios como piranhas e lascas começam a voar para todos os lados.

Volússia assiste com satisfação à medida que, um após o outro, todos os navios começam a listar e a afundar. Em seguida, eles se desintegram na água quando as pequenas criaturas comem os cascos de cada um dos navios de Romulus.

Os homens de Romulus gritam de maneira horrível à medida que milhares deles caem no mar, sendo recebidos por milhares daqueles caranguejos. Os gritos se tornam ainda mais terríveis e logo as águas ficam vermelhas com o sangue dos homens do exército de um milhão de soldados de Romulus.

Volússia, sorrindo, fica ali e observa tudo com evidente satisfação.

Ela se vira e olha para o rosto de seus comandantes, que estão obviamente espantados.

"Agora," ela fala, "posso voltar para a Arena."

## CAPÍTULO VINTE E SETE

Godfrey corre ao lado de Merek, Ario, Akorth e Fulton para fora das sombras do pátio da cidade, correndo para longe do exército do Império que invade os portões e determinado a salvar Silis. Ao alcançar a um beco e se preparar para entrar nele, Godfrey se vira e olha para trás. Ele fica ao mesmo tempo espantado e com medo ao ver as hordas de soldados do Império correndo pelos portões e matando soldados Volusianos à esquerda e à direita. Por um lado, aquilo é tudo graças a ele e aos seus homens e tudo está acontecendo exatamente como ele havia previsto. Por outro lado, a tempestade que ele havia desencadeado parece estar disposta a matar tudo em seu caminho, incluindo ele.

Ele ainda não consegue entender porque o Império está lutando contra si mesmo e, ao observar suas armaduras com mais atenção, Godfrey percebe que aquele é um tipo diferente de armadura do Império, inteiramente preta e com capacetes pontudos. Ele olha para o alto, para os estandartes que eles estão carregando, e nota a presença de uma insígnia diferente. Ele se esforça para ler o que está escrito.

"Que exército é esse?" Merek indaga, fazendo a pergunta que está na mente de todos eles.

"Por que o Império está atacando o Império?" Pergunta Ario.

Godfrey aperta os olhos, tentando ler o estandarte que havia sido escrito na língua antiga do Império. Ele havia estudado o idioma quando criança, mas tinha perdido muitas aulas, preferindo visitar as tabernas. Agora ele gostaria de ter estudado mais.

Godfrey tenta decifrar o estandarte, apesar de seu estado inebriado, ainda coberto de suor por causa de seu plano maluco de abrir os portões e permitir a entrada daquelas pessoas. Eles estão se aproximando, mas Godfrey está determinado a descobrir quem eles são antes de fugir.

Por fim, ele identifica as palavras da insígnia: *Os Cavaleiros dos Sete*.

As lembranças de suas aulas de história de repente invadem a sua mente.

"Eles representam os quatro chifres e as duas pontas do Império," diz Godfrey. "Eles vêm do outro lado do Império. Eles não estariam atacando Volússia a menos que ela tenha feito algo para contrariá-los." Ele finalmente compreende. "Essa é uma vingança pessoal," ele acrescenta. "Eles vão matar todos aqui, inclusive nós."

Godfrey observa à medida que cada vez mais homens, um fluxo interminável de soldados, inundam a cidade, matando Volusianos por todos os lados, jogando lanças em suas costas enquanto eles fogem e pisando-os com os seus cavalos, um grande exército de morte e destruição que toma conta da cidade como formigas. Ele observa quando o exército se aproxima de um grupo de escravos e espera que eles os libertem, mas fica chocado e indignado ao ver o exército do Império abater os escravos indefesos que estão em seu caminho, algemados uns aos outros.

Talvez, Godfrey se pergunta, eu não deveria tê-los deixado entrar. Talvez eles sejam ainda piores do que os Volusianos.

"Eles não vieram para nos libertar," diz Akorth. "Mas para matar tudo que encontrarem diante deles"

Godfrey, pensando a mesma coisa, vê quando eles derrubam uma imensa estátua de Volússia: a estátua de quinze metros feita de mármore lentamente se inclina, caindo em cima de dezenas de soldados Volusianos e esmagando-os com uma grande explosão. Outra divisão de soldados corre para a frente e começa a atear fogo em tudo.

"Não!" Akorth grita.

Godfrey se vira e o vê apontando para o porto do outro lado do pátio, onde há uma fileira de navios.

"Nós podemos correr até o porto!" ele acrescenta. "Nós ainda podemos escapar dessa confusão antes que alguém perceba que estamos aqui. Esta é a nossa chance!"

Todos olham para Godfrey, que sabe que eles estão certos. Eles estão diante de uma encruzilhada: à esquerda, no beco, uma chance para libertar Silis e à direita, finalmente, a liberdade.



Há não muito tempo Godfrey teria aproveitado a chance para escapar, correndo em sua embriaguez para a segurança dos navios, e teria navegado em qualquer direção que as marés quisessem levá-lo.

Mas agora, Godfrey é outro homem; algo está se transformando dentro dele. Algo que ele tenta resistir, mas que ele não consegue controlar. Ele sente algo parecido com o cavalheirismo, algo como honra.

"Silis," Godfrey fala. "Ela nos salvou quando não precisava ter feito isso. Ela fez certo por nós," ele diz, voltando-se para os outros, percebendo que está falando de coração. "Nós prometemos ajudá-la e não podemos abandoná-la agora. Ela vai morrer."

"Nós *já* a ajudamos," Akorth rebate. "Nós ajudamos a destruir a sua cidade, ela conseguiu o que queria."

Godfrey balança a cabeça.

"Ela não queria morrer," ele responde. "Ela não estava esperando por isso. Eles vão matá-la, vão matar todos à vista." Godfrey suspira, odiando o que ele pretende dizer, mas sentindo que não tem outra escolha. "Nós não podemos virar as costas para ela agora."

Todos eles o encaram com incredulidade.

"Estamos falando da nossa liberdade," diz Akorth, gesticulando freneticamente. "Você não entende?"

"Você me decepciona," diz Fulton. "Até você, Godfrey, foi infectado por esta característica chamada honra?"

Godfrey olha para eles com firmeza, sentindo-se resignado.

"Eu não vou deixar esta cidade," ele fala, "não sem salvá-la. Se vocês quiserem ir, eu entendo. Eu não vou impedi-los e não os culpo."

Os outros trocam um olhar e, então, finalmente, Akorth balança a cabeça.

"Somos estúpidos demais para deixá-lo morrer sozinho," declara Akorth.

"Se sobrevivermos," acrescenta Fulton, "você me deve a melhor bebida da minha maldita vida."

Godfrey abre um sorriso quando eles apertam o seu ombro e começam a correr, esgueirando-se pelos becos antes que o exército consiga alcançá-los.

Eles correm pelas ruas estreitas, virando, tomando atalhos, correndo próximos às paredes e escondendo-se nas sombras, até que finalmente chegam ao palácio de Silis, ainda seguro do outro lado da cidade. O exército do Império ainda não tinha chegado ali, embora Godfrey já possa ouvir seus gritos não muito longe e saiba que eles os alcançarão em breve.

Godfrey corre pela ampla abertura arqueada na entrada do palácio, subindo os degraus três de cada vez e correndo pelos guardas sem parar quando eles gritam com ele. Ele corre sem parar até finalmente chegar, ofegante, ao andar em que Silis se encontra, dirigindo-se ao seu quarto com os guardas em seus calcanhares.

Ele arrebenta a porta e a encontra deitada, relaxando em uma espreguiçadeira. Ela imediatamente fica em pé, assustada, assim que eles entram no quarto. Ao mesmo tempo, seus guardas se aproximam e agarram Godfrey.

"Qual é o significado disso?" ela pergunta.

Vários guardas entram no quarto, cercando Godfrey e seus homens.

"Volússia está sendo invadida!" grita Godfrey, ofegante. "Venha conosco! Rápido! Ainda há uma chance de escapar!"

Silis, com os olhos arregalados em choque, se vira e corre para as portas de sua sacada, abrindo-as. Quando ela faz isso, uma onda de barulho entra no quarto, os gritos desesperados dos homens que estão matando e saqueando a cidade.

Horrorizada, ela se afasta da varanda, olhando para fora; Godfrey instintivamente percebe que ela deve estar testemunhando a devastação de sua cidade.

"Solte-o," ela fala para os seus homens. Godfrey fica aliviado ao ser solto.

Ela se vira e examina Godfrey, olhando dentro de seus olhos com uma expressão de gratidão e surpresa em seu rosto.

"Você voltou por mim," ela fala, percebendo. "Por que você arriscou sua vida por mim?"

"Porque eu prometi que faria isso," Godfrey responde com sinceridade.

Ela gentilmente coloca uma mão em seu pulso.

"Nunca me esquecerei disso," ela fala.

"Vamos agora!" Merek grita. "Nós ainda temos uma chance de correr para os navios!"

Ela balança a cabeça.

"Nós nunca conseguiremos alcançá-los," ela fala. "Nunca conseguiremos sair do porto."

Godfrey de repente se dá conta de que ela está certa e percebe que ao ir até ali, agindo de forma desinteressada, ele tinha, na verdade, salvado a sua própria vida.

Ela olha para eles e fala com seriedade.

"Eu tenho um lugar perfeito, construído para momentos como este," ela fala. "A câmara secreta, escondida muito abaixo deste palácio. Vocês podem se juntar a mim."

"Minha senhora!" Um de seus homens protesta. "Não há espaço para todos eles!"

Ela se vira para ele com frieza.

"Eles voltaram por mim," ela fala. "Eu arrumo espaço para eles."

Quando ela atravessa o quarto e abre uma porta secreta na parede, eles a seguem de perto e descem por uma escada em espiral escondida. Quando Godfrey passa com os outros, a parede de pedra se fecha perfeitamente atrás deles, escondendo-os na escuridão. Silis pega uma tocha na parede e os guia para baixo, um andar após o outro, descendo cada vez mais fundo na escuridão. Enquanto eles avançam, Godfrey pode ouvir os gritos do exército se aproximando e cercando o palácio.

Quando eles finalmente param, Godfrey fica confuso ao ver que os degraus da escada parecem terminar em uma parede de pedra. Mas Silis acena para os guardas e, quando eles puxam uma alavanca, o muro de pedra se abre, revelando uma porta escondida, com quase três metros de espessura. Eles a empurram com força, sob os olhares espantados de Godfrey e dos outros.

Silis se vira para eles e sorri.

"A lealdade," ela declara, "tem suas recompensas."

## CAPÍTULO VINTE E OITO

Erec fica na popa do navio, observando o amanhecer do sol no horizonte, emocionado por estar mais uma vez em movimento. Finalmente de volta no rio após a longa noite de festa, ele conduz sua frota rio acima, ainda navegando na direção de Volúsia. Alistair está ao seu lado e Erec estende o braço e aperta a mão dela. Ela olha para ele sorrindo e Erec se sente exultante ao pensar em sua filha. Ser pai é a maior honra que ele pode imaginar e Erec sente um novo senso de propósito em sua vida.

Erec olha por cima do ombro e vê, afastando-se no horizonte, todos os moradores, ainda alinhados na beira do rio, acenando a sua gratidão e despedindo-se deles. Seu coração se parte ao observá-los desaparecer, recordando a forma graciosa com que aquelas pessoas haviam recebido ele e seus homens e a gratidão que eles haviam demonstrado por terem sido libertados. Eles acenam para ele com amor, embora saibam que ele está indo para Volúsia e não na direção contrária, para salvar a aldeia vizinha e ajudar a libertá-los de uma vez por todas. Sua gratidão incondicional faz Erec sentir-se ainda pior.

Erec olha para o horizonte e vê, atrás deles, na distância, o contorno sutil da frota do Império, milhares de navios, ainda quase um dia inteiro atrás deles, mas aproximando-se mais rápido ao persegui-los rio acima. Aparentemente, eles tinham conseguido atravessar o bloqueio e, quando o medo de viajar pelo rio durante a noite tinha passado, eles tinham retomado a perseguição. Erec sabe que não pode fugir deles para sempre: uma batalha épica os aguarda.

Erec verifica suas velas, contente ao vê-las completamente estendidas; seu navio se move rapidamente rio acima com o auxílio das marés. Ele olha para a frente e, ao fazer isso, vê que eles estão se aproximando de uma grande bifurcação do rio. À direita, ele sabe, o rio segue seu caminho até Volúsia; para a esquerda, como os aldeões tinham lhe dito, o rio segue todo o caminho até sua aldeia irmã, para o forte do Império, o lugar onde eles haviam lhe pedido para ir. Erec sabe que se ele seguir para a direita e ignorar o forte, os moradores com certeza serão mortos. No entanto, se ele seguir para a esquerda, ele corre o risco de perder a vida dos seus homens, de dar ao Império a chance de alcançá-los e atrasar sua chegada em Volúsia, se é que eles conseguirão fazer isso. Ele estará colocando em perigo os seus homens por uma batalha que não conta é a deles, em um rio cheio de monstros. Na verdade, mesmo a partir dali, Erec vê as águas repletas de cobras ao olhar para a esquerda, mesmo à luz do dia.

"Qual será a sua escolha, caro irmão?" pergunta uma voz.

Erec se vira e vê Strom em pé ao lado dele, olhando para a bifurcação com as mãos nos quadris e uma expressão preocupada no rosto.

"Eu sei o que você está pensando, meu irmão," Strom continua. "Mesmo que nós tenhamos sido separados na infância, eu ainda o conheço melhor do que você conhece a si mesmo. Você está pensando em salvar aqueles moradores, seja qual for o custo e as chances de sucesso. Eu sei que você está, porque eu sei *quem você é*."

Erec olha para ele e percebe que ele está certo.

"E você, meu irmão?" Erec pergunta. "Você agiria de forma diferente?"

Após um longo silêncio sombrio, Strom balança a cabeça.

"Você e eu," ele responde, "somos iguais. Impulsionados pela honra. Seja qual for o custo. Não é apenas o que fazemos; é *como vivemos*."

Erec examina as águas, a bifurcação que se aproxima, e sabe que seu irmão está certo.

"Ainda que eu seja o melhor lutador, é claro," Strom acrescenta com um sorriso.

"Essa não é uma decisão sábia, meu senhor."

Erec se vira e vê um de seus comandantes de confiança, aproximando-se pelo outro lado. Ele sabe que o homem também está certo.

"A sabedoria é importante," Erec responde. "Mas, às vezes, ela deve dar lugar à honra. A vida é sagrada, mas a honra é mais sagrada do que a vida."

"Muitos homens vão morrer," o comandante acrescenta.

Erec assente.

"Todos nós vamos morrer," Erec responde. "Em um momento ou outro. O que você ainda não consegue entender é que eu não temo o perigo quando a honra está em jogo. Eu prefiro abraçá-la com alegria, do fundo do meu coração. O desafio, as dificuldades insuperáveis daquele rio, é para isso que vivemos."

Erec olha adiante, estudando o rio no silêncio da manhã sob o barulho da água batendo contra o casco, as marés cada vez mais intensas à medida que eles se aproximam da bifurcação. Erec olha para trás e vê a frota Império, já muito mais próxima. Ele sabia o que precisa ser feito.

"Sigam em frente!" Ele grita, dando um passo adiante, assumindo o timão e girando o navio para a esquerda, na direção da aldeia, para longe de Volússia.

Erec vê o olhar de aprovação de Alistair ao seu lado, vê Strom sorrindo de volta com a mão já no punho de sua espada, e volta a olhar para a bifurcação que se aproxima. Quando o seu barco vira na direção das águas desconhecidas, Erec simplesmente sabe que aquele é o lugar onde ele está destinado a ir.

## CAPÍTULO VINTE E NOVE

O pequeno grupo de soldados do Império marcha através do Grande Deserto, galopando a toda velocidade em suas zertas, mais rápidas do que qualquer cavalo, e erguendo uma enorme nuvem de poeira em seu rastro. Diante do grupo, segue o comandante, o cruel e impiedoso veterano do Império que tinha tido enorme prazer em torturar Boku antes de seu último suspiro para descobrir exatamente de onde Gwendolyn e seu grupo haviam partido para o Grande Deserto.

Agora, o comandante lidera o pequeno grupo de rastreadores do Império através do deserto, seguindo a trilha do povo de Gwendolyn a partir da aldeia do Império como já estão fazendo há dias, determinado a descobrir onde ela está. Ele havia recebido ordens diretas de Volússia e sabe que se não tiver sucesso, sua vida corre perigo. Ele tem que encontrá-la não importa como, viva ou morta. Se ele puder encontrá-la e levá-la de volta para Volússia como um troféu, ele provavelmente será promovido, ascendendo ao posto de comandante de um dos seus exércitos. Para isso, ele é capaz de fazer qualquer coisa.

O comandante levanta o chicote e bate no rosto de sua zerta novamente, fazendo-a gritar e sem se importar. Ele havia liderado os seus homens impiedosamente, sem permitir que eles parassem para dormir, ou mesmo para descansar, durante dias inteiros. Eles atravessam o Grande Deserto, seguindo o rastro que o comandante está determinado a não perder. Afinal, é possível que ele não encontre apenas Gwen no final daquela trilha; ele pode até mesmo encontrar o famoso Cume, o lugar que comandantes do Império estão procurando há séculos. Se o rastro de Gwendolyn levá-lo até lá, se o lugar realmente existir, ele voltará como o maior herói dos tempos modernos. Volússia pode, então, torná-lo o seu comandante supremo.

O comandante observa o solo duro e ressecado à medida que eles avançam, usando os seus olhos aguçados para procurar quaisquer alterações, qualquer movimento. Ele já tinha notado que, a muitos quilômetros atrás, muitos dos homens de Gwendolyn haviam morrido. Um bom rastreador sabe que a trilha não é estática, mas uma coisa viva, sempre sujeita a mudanças e sempre contando uma história, se alguém souber como olhar.

O comandante desacelera sua zerta ao notar outra mudança na trilha. Ela se estreita dramaticamente à frente, indicando a presença de menos pessoas, e escondidos na areia, ele também vê restos de cadáveres. Mais à frente, ele vê alguns ossos espalhados e faz sua zerta parar.

Seus homens param abruptamente ao seu lado.

O comandante desmonta, caminha até os ossos já bastante secos, e se ajoelha ao lado deles. Ele passa a mão ao longo dos ossos e, ao fazer isso, usa toda a sua experiência para procurar pelos sinais. O Império, Volússia, o tinham escolhido para este fim. Além de ser um conceituado torturador, ele também é conhecido como o maior rastreador do exército do Império, capaz de encontrar qualquer pessoa, em qualquer lugar, sem falhas.

Quando ele fica em silêncio, estudando-os, seus homens se aproximam e se ajoelham ao lado dele.

"Eles estão secos," diz um de seus homens. "Essas pessoas morreram há várias luas."

O comandante continua examinando os ossos e balança a cabeça.

Finalmente, ele responde: "Não, apenas há algumas semanas. Você está enganado. Os ossos estão limpos, mas não por causa do tempo. Eles foram limpos por insetos. Na verdade, eles são realmente bem frescos."

Então, ele pega um osso para demonstrar e tenta quebrá-lo em sua mão, sem sucesso.

"Não é tão frágil quanto parece," ele responde.

"Mas o que os matou?" Um de seus homens pergunta.

Ele estuda a areia ao redor dos ossos, passando a mão por ela.

"Houve um confronto aqui," ele finalmente diz. "Uma luta entre os homens."

Seus homens examinam o chão do deserto.

"Parece que todos foram mortos," um de seus homens observa.

Mas o comandante não está convencido: ele olha para o deserto, examina o chão e vê um vislumbre da trilha adiante, já bastante fraca.

Ele balança a cabeça e volta a ficar em pé.

"Não," ele responde de forma decisiva. "Alguns deles sobreviveram. O grupo se dividiu. Eles estão fracos agora. Eles estão feridos e serão meus."

Ele salta em cima de sua zerta, usa seu chicote e sai a galope com os olhos fixos na trilha, determinado a encontrá-los onde quer que eles estejam para matar todos os sobreviventes daquele grupo.

\*

O comandante cavalga sob o céu da tarde com os dois sóis baixos no horizonte como duas grandes bolas, entrando cada vez mais fundo no Grande Deserto. Sua zerta engasga e seus soldados o seguem quase sem fôlego, todos à beira de um colapso. O comandante não se importa. Ele não se importa se todos eles caírem mortos naquele deserto. Ele quer apenas uma coisa e não pretende parar até alcançar o seu objetivo: encontrar Gwendolyn.

O comandante imagina o que vai acontecer enquanto ele cavalga; ele se imagina encontrando Gwendolyn viva, torturando-a por dias a fio para, em seguida, amarrá-la em sua zerta e atravessar novamente o deserto. Será divertido descobrir quanto tempo será necessário para matá-la. Não, ele percebe, ele não pode fazer isso. Ele vai perder seu prêmio. Talvez ele só a torture um pouco.

Ou talvez, apenas talvez, seu rastro o leve ao Cume, o Santo Graal das missões do Império. Se ele o encontrar, ele terá que voltar e relatar tudo ao Império. Então, ele irá liderar um exército para voltar ali e destruí-lo. Ele abre um largo sorriso ao pensar que se tornará famoso, ficando conhecido por várias gerações futuras.

O comandante continua avançando, sentindo dores em todos os ossos de seu corpo e com a garganta tão seca que ele mal consegue respirar, mas ele não se importa. Os sóis começam a mergulhar abaixo do horizonte e ele sabe que a noite vai cair em breve ali. Ele não quer se atrasar ainda mais e pretende continuar avançando durante toda a noite se for preciso. Nada poderá detê-lo.

Finalmente, o comandante vê algo na distância, uma quebra na monotonia daquela paisagem plana. Eles aceleram o ritmo e, ao se aproximarem, ele reconhece do que se trata: uma árvore. Uma enorme árvore torcida, sozinha no meio do nada.

Ele segue até o final da trilha, bem debaixo da árvore. É claro que a trilha termina ali, ele pensa: eles teriam procurado uma sombra, algum tipo de abrigo. Ele também teria feito o mesmo.

Ele para embaixo da árvore e seus homens o seguem, desmontando se suas zertas com falta de ar. Ele também está sem fôlego, mas não presta atenção nisso. Em vez disso, ele se concentra na trilha. Ele olha para baixo e a examina com perplexidade. A trilha parece desaparecer no ar. Ela não segue em qualquer direção depois da árvore.

"Eles devem ter morrido aqui, embaixo dessa árvore," um de seus homens fala.

O comandante faz uma careta, irritado com sua estupidez.

"Então onde estão os ossos?" ele pergunta.

"Eles devem ter sido comidos," outro soldado acrescenta. "Com ossos e tudo. Olhe ali!"

Eles ouvem um ruído estranho e o comandante segue o olhar preocupado de seus homens quando eles apontam para os galhos das árvores. Lá em cima, escondem-se dezenas de agarradores. Os animais os observam com cuidado, como se pensando se devem atacar.

Seus homens afastam da árvore, mas o comandante fica onde está sem demonstrar medo. Se eles o matarem, que assim seja - ele não se importa. Ele está mais preocupado em ter perdido a trilha e em ter que comunicar o seu fracasso para Volúsia.

"Vamos," diz um de seus homens, colocando a mão em seu ombro. "A noite cai. Sinto muito. A nossa busca acabou. Temos que voltar agora. Eles morreram aqui e isso é o que devemos dizer para Volúsia."

"E não levaremos qualquer tipo de prova?" Pergunta o comandante. "Você é tão estúpido quanto parece? Você sabe que ela vai nos matar?"

O comandante ignora seus homens e, em vez disso, fica ali e olha para fora, examinando o deserto com as mãos nos quadris. Ele escuta por um longo tempo, prestando atenção ao som do vento que assopra e aos galhos que balançam na árvore, tentando encontrar algum sinal, alguma pista. Ele fecha os olhos e cheira o ar empoeirado, usando todos os seus sentidos.

Quando ele abre os olhos, olha para baixo e examina o chão, desta vez, ele vê um pequeno ponto vermelho.

Ele se ajoelha ao lado dele e experimenta um pouco da areia.

"Sangue," ele declara. "Sangue fresco." Ele olha para cima e vasculha o horizonte, sentindo uma nova onda de segurança dentro dele. "Alguém morreu aqui recentemente."

Ele sorri ao se levantar e olha para baixo, começando a perceber.

"Engenhoso," ele diz.

"O quê, comandante?" Um de seus homens pergunta.

"Alguém tentou encobri-la," ele explica. Aquilo é realmente engenhoso, ele percebe, e ele sabe que o plano teria enganado qualquer outro rastreador, mas não ele.

"Gwendolyn está viva," ele fala. "Ela passou por ali e não está sozinha. Há novas pessoas com ela e estou disposto a apostar qualquer coisa, qualquer coisa no mundo, que ela nos levará diretamente ao Cume."

O comandante monta em sua zerta e sai em disparada, sem esperar pelos outros, seguindo seus instintos na direção de um novo horizonte e em direção a sua glória final.

## CAPÍTULO TRINTA

Kendrick, deitado com a cabeça no chão duro deserto, é acordado por uma brisa fresca no rosto e sabe imediatamente que há algo de errado.

Ele rapidamente se senta e olha ao seu redor, em estado de alerta. O guerreiro que existe dentro dele sempre lhe avisa quando o perigo se aproxima, quando algo imperceptível muda no ar. Ele vê Brandt, Atme, Koldo, Ludvig e todos os outros em torno da fogueira, agora apenas brasas, quando o primeiro dos dois sóis começa a subir, iluminando o céu em tons de vermelho escarlate. Tudo está quieto e, à primeira vista, todos parecem estar ali e tudo parece estar bem. Ele olha para o horizonte e não vê qualquer sinal de ameaça, nenhum monstro de qualquer tipo.

Ainda assim, alguma coisa dentro dele lhe diz algo não está certo. Kendrick se pergunta se aquilo é apenas resultado dos pesadelos que ele tinha tido e que o tinham perturbado a noite toda à medida que ele se revirava no chão duro deserto, afastando insetos que haviam insistido em incomodá-lo. No entanto, ele sabe que não é isso.

Kendrick se levanta lentamente quando o sol fica mais alto, o céu um pouco mais claro, e enquanto ele observa o chão do deserto mais uma vez, ele de repente vê, ao longe, uma trilha se afastando do acampamento. Pegadas.

Kendrick olha para trás, examina todos os corpos deitados ao redor da fogueira e de repente percebe, com um sobressalto, quem está faltando: Kaden.

Ele ouve o tinir de uma armadura e, ao se virar, vê os homens lentamente se levantando, um por um, na manhã do deserto. Todos olham para ele com expressões de espanto. Eles notam Kendrick olhando com cautela para o deserto e imediatamente colocam suas mãos sobre o punho de suas espadas, em guarda.

Koldo surge ao lado dele.

"Ali," diz Kendrick.

Koldo segue o seu olhar pelo chão do deserto e, ao ver as pegadas, seus olhos se arregalam. Ele imediatamente se vira e examina o acampamento.

"Kaden," Koldo diz com alarme. "Ele não está aqui."

Todos os outros se levantam e começam a caminhar até as pegadas, examinando-as. Ludvig se ajoelha ao lado delas, passa o dedo sobre as pegadas e olha para o horizonte.

"Kaden foi o último em patrulha na noite passada," diz um jovem soldado com evidente pânico na voz. "Eu lhe dei a tocha antes de adormecer. Ele estava em patrulha ao amanhecer. Eu lembro que ele se aventurou lá fora sozinho."

"Por quê?" Koldo pergunta.

O soldado olha para cima, nervoso e bastante inseguro.

"Ele disse que queria ir mais longe. Ele queria provar aos outros que não tem medo."

Kendrick olha para as pegadas e de repente tudo faz sentido. Aquele corajoso jovem está lá fora sozinho, querendo provar a si mesmo depois que Naten havia zombado dele na frente dos outros. Aquilo faz Kendrick odiar Naten ainda mais.

Todos saem juntos, seguindo a trilha sem dizer qualquer palavra, e, após cerca de vinte passos, Kendrick olha para baixo e se surpreende ao ver a trilha mudar drasticamente. No lugar de um par de pegadas, há dezenas de outras pegadas de criaturas estranhas. Elas continuam seguindo até desaparecer no horizonte.

Todos examinam a trilha com grande preocupação.

Ludvig se ajoelha, examinando as pegadas e esfregando a areia entre os dedos. Ele então olha para a frente e nota que a trilha segue em direção ao horizonte do impiedoso deserto, no sentido oposto ao da



parede de areia.

"Andarilhos da Areia," Ludvig anuncia com seriedade. "Eles o levaram."

Um silêncio pesado recai sobre o grupo quando eles percebem a gravidade da situação: Kaden, o filho mais novo do rei, a joia da coroa, tinha sido raptado. O silêncio é tão pesado e a tensão tão espessa, que Kendrick poderia cortá-la com uma faca.

"Essas pegadas levam para longe do Cume," Naten diz, olhando acusadoramente para Kendrick, como se aquilo tudo fosse culpa dele. "Se nós formos atrás dele, vamos todos morrer."

Koldo faz uma careta para ele.

"Se você está tão preocupado com a sua vida, volte para o Cume."

Koldo encara Naten até que ele desvia o olhar, envergonhado.

"Na verdade," diz Koldo, erguendo a voz, "Eu quero que todos vocês voltem. Não precisamos de todos vocês, a pé, vagando pelo Deserto. Precisamos de cavalos e de velocidade para alcançá-los. Todos vocês voltem, levem os nossos mortos e voltem com os cavalos."

"E você?" Pergunta Naten. "Você vai viajar sozinho para longe do Cume, contra uma tribo de Andarilhos da Areia? Você vai morrer."

Koldo olha para ele com firmeza.

"Não há nenhuma vergonha na morte," ele responde. "Apenas em virar as costas para os nossos irmãos."

Kendrick sente seu coração batendo mais forte e, naquele momento, sabe exatamente qual é a coisa certa a fazer.

"Eu irei com você," Kendrick fala.

"E eu também," Brandt e Atme dizem, assim como todos os membros da Prata.

"E eu, meu irmão," diz Ludvig, colocando a mão no ombro de Koldo. "Afim de contas, ele também é meu irmão."

Kendrick pode ver o olhar de gratidão e admiração mútua nos olhos de Koldo.

"Quem sou eu para recusar a coragem de alguém," Koldo responde.

Kendrick, decidido, se vira para os seus homens.

"Brandt e Atme, vocês pode se juntar a nós," Kendrick fala, "mas o resto da Prata deve voltar com os homens do Cume. Se morrermos, alguns cavaleiros da Prata têm que sobreviver para transmitir a nossa história para as gerações futuras. Voltem com os cavalos."

Os outros cavaleiros da Prata concordam com relutância e recuam.

Kendrick observa quando os homens do Cume, juntamente com o que ainda resta da Prata, se viram e começam a caminhar rapidamente para longe, na direção do Cume. Ele se vira e olha para Koldo, Ludvig, Brandt e Atme. Agora restam somente cinco deles, sozinhos no Deserto e prestes a avançar ainda mais fundo nele.

Eles trocam um olhar de honra, de destemor, de resignação e de respeito mútuo. Nada mais precisa ser dito: Kaden está lá fora em algum lugar e todos eles estão dispostos a arriscar suas vidas para trazê-lo de volta.

Juntos, os cinco homens se viram sem medo, avançando pelo Deserto, rumo aos sóis que brilham no horizonte, um passo de cada vez, em uma última missão de honra e coragem.

## CAPÍTULO TRINTA E UM

Vólusia, sentada em seu terraço com vista para a Arena, se sente aliviada por estar de volta ali depois de ter matado os homens de Romulus, sem distrações, e por poder se concentrar mais uma vez nos jogos. Ela está especialmente ansiosa para assistir aquela luta que, pela primeira vez, a deixa agitada. O gladiador dentro da arena é aquele a quem todos chamam de "Darius". Ele é diferente de todos os outros gladiadores, um lutador brilhante, alguém que realmente está conseguindo sobreviver. Ela admira sua coragem, mas admirava ainda mais o derramamento de sangue e aguarda com expectativa para vê-lo sendo partido em pedaços.

"Deusa," diz uma voz.

Vólusia, num acesso de raiva, se vira para ver vários de seus generais em pé perto dela.

"A próxima pessoa a me interromper será jogada dentro da arena," ela retruca.

Os generais, nervosos, se entreolham.

"Mas Deusa, este é um assunto urgen..."

Vólusia salta de sua cadeira e enfrenta um de seus generais que está parado por perto com evidente medo em seu rosto. Todos os seus outros assessores ficam em silêncio enquanto os observam.

"Vamos fazer um acordo," ela fala. "Se isso for realmente urgente, então vou deixá-lo vivo. Mas se não for e você tiver interrompido o meu prazer por nada, então vou matá-lo aqui e agora."

Ela agarra seu pulso e ele limpa o suor da testa, claramente pensando. Finalmente, ele diz:

"É urgente, Deusa."

Ela sorri.

"Muito bem, então," ela responde. "É a sua vida que está em risco."

Ele engole em seco e depois diz de uma só vez:

"Trago notícias das ruas de Vólusia," ele fala. "Há uma grande revolta entre os seus cidadãos. Os Volks se espalharam por todas as partes, matando e devorando pessoas inocentes. Eles arrancam suas cabeças com os dentes e chupam o seu sangue. A princípio, eles fizeram isso apenas com alguns, mas agora eles estão abatendo o nosso povo em todos os lugares. Eles estão torturando e matando o nosso povo e têm o controle das ruas. Além do mais," ele continua, "recebemos notícias do leste: os Cavaleiros dos Sete estão perto e trazem com eles o maior exército de todo o mundo. Dizem que eles comandam sete milhões de homens e todos eles estão se aproximando da capital."

Vólusia olha para ele enquanto sua mente é invadida por um milhão de pensamentos, principalmente irritação por ter tido o seu divertimento na arena interrompido. Ela solta a mão de seu pulso e ele ajusta a postura, claramente aliviado.

"Você falou a verdade," ela diz. "Sua mensagem *era* urgente. Por isso, eu lhe agradeço."

Então, em um movimento rápido, ela tira sua adaga da cintura e corta a garganta dele.

Ele olha para ela com os olhos arregalados de espanto e cai aos seus pés, morto.

Ela sorri.

"Quanto a poupar sua vida," ela acrescenta. "Eu mudei de ideia."

Vólusia sente seu corpo ficar quente de raiva enquanto ela pensa sobre os Volks, matando todos os seus cidadãos. Ela havia lhes dado muita liberdade.

"Isso já é demais, minha Deusa," diz Aksan, seu conselheiro e assassino de confiança. "Os Volks estão se tornando incontroláveis. Você não pode controlá-los. Eles também vão se voltar contra você, eventualmente. Eles devem ser controlados, independentemente dos poderes que possuam."

Vólusia está pensando a mesma coisa.

Contrariada, Vólusia se levanta de seu assento e começa a deixar o lugar, caminhando na direção das ruas de Vólusia.

Ela sabe que os Volks são a fonte de todo o poder que ela possui. Ela precisa deles, mas, ao mesmo tempo, eles são uma ameaça ainda maior para ela.

Ela sabe que não tem escolha. Ela não pode ter pessoas ao seu redor que ela não consegue controlar, especialmente feiticeiros, cujos poderes são ainda maiores do que os dela. Talvez seus conselheiros estivessem certos quando eles a tinham aconselhado a não fazer um pacto com os Volks; talvez exista uma razão para que eles tenham sido evitados por todo o Império.

Volússia, seguida por sua comitiva, caminha pelas ruas da capital e, ao olhar adiante, vê centenas de seus cidadãos deitados de costas com os Volks verdes em cima deles, sugando o sangue de suas gargantas enquanto seus corpos se contorcem.

Em todos os lugares que ela olha, Volússia vê Volks se alimentando e massacrando o seu povo. No centro de tudo, embaixo de uma de suas estátuas, está o líder dos Volks, Vokin, alimentando-se de vários corpos de uma vez.

Volússia, determinada a colocar um fim naquele caos, se aproxima dele para expulsá-los. Seu coração bate acelerado enquanto ela se pergunta como ele vai receber a notícia e temendo sua reação. No entanto, ela se conforta com a presença de todos os seus generais atrás dela e com a certeza de que eles não se atreverão a tocar nela, uma deusa.

Volússia se aproxima, para diante dele e, no mesmo instante, ele finalmente para de se empanturrar e olha para ela, ainda rosnando, com suas presas afiadas pingando sangue. Ele reconhece Volússia com frieza e um olhar escuro nos olhos, olhando para ela com raiva por ter sido interrompido.

"O que você quer, Deusa?" Ele pergunta com sua voz rouca, quase rosnando.

Volússia fica furiosa, não apenas por suas ações, mas também por sua falta de respeito.

"Eu quero que você saia," ela ordena. "Você também vai deixar o meu serviço. Eu estou expulsando-o da capital. Você deve juntar os seus homens e sair pelos portões para nunca mais voltar."

Vokin lenta e ameaçadoramente se levanta e, respirando com dificuldade, encara Volússia. Enquanto ela observa seus olhos mudando de cor, pela primeira vez, Volússia sente medo de verdade.

"Será que eu vou mesmo?" Ele zomba.

Ele dá um passo na direção dela e, quando ele faz isso, de repente todos os Volks correm para o lado dele ao mesmo tempo em que todos os generais de Volússia sacam suas espadas atrás dela.

A tensão paira no ar enquanto os dois lados se enfrentam mutuamente.

"Você não seria tão descarado a ponto de enfrentar uma deusa?" Volússia pergunta.

Vokin ri.

"Uma deusa?" Ele repete. "Quem disse que você é uma deusa?"

Ela olha para ele, sentindo um medo crescente dentro dela à medida que ele dá mais um passo em sua direção. Ela pode sentir seu cheiro horrível, mesmo a partir dali.

"Ninguém dispensa os Volks," ele continua. "Nem você, nem ninguém. Pela desonra que você nos causou hoje, pela injustiça que acaba de cometer, você realmente acha que não haverá um preço a pagar?"

Volússia ajusta sua postura, sentindo quando a deusa dentro dela assume o comando. Ela sabe que, apesar de tudo, ela é invencível.

"Você vai embora," ela diz, "porque meus poderes são maiores do que os seus."

"São mesmo?" Ele retruca.

Ele abre um sorriso largo com uma expressão terrível que ela jamais conseguirá esquecer pelo resto de sua vida, estendendo a mão com seus dedos longos e verdes para acariciar a lateral de seu rosto. "E, no entanto, temo," ele fala, "que você seja tão poderosa quanto pensa."

Quando ele acaricia sua bochecha, Volússia grita; de repente, ela sente uma dor lancinante em suas bochechas, percorrendo o seu rosto e toda a sua pele. Onde quer que os dedos dele toquem, ela tem a sensação de que sua pele está derretendo, queimando as maçãs de seu rosto.

Volússia cai de joelhos e grita, sentindo mais dor do que ela jamais poderia ter imaginado e espantada que ela, uma deusa, possa sentir tanta dor.

Vokin ri quando ele se abaixa e estendeu um pequeno espelho de ouro para ver seu reflexo.

Quando Volússia olha para sua própria imagem refletida no espelho, seu sofrimento aumenta: ela se vê e tem vontade de vomitar. Enquanto metade de seu rosto ainda permanece bela, a outra metade tinha se derretido, tornando-se distorcida. Sua aparência é a coisa mais assustadora que ela já tinha visto e Volússia tem a sensação de estar morrendo ao ver seu próprio reflexo.

Vokin dá uma risada horrível.

"Dê uma boa olhada em si mesma, Deusa," ele fala. "Um dia você já foi famosa por sua beleza, mas agora você se tornará conhecida por ser grotesca. Assim como nós. É o nosso presente de despedida para você. Afinal, você sabe que os Volks não podem sair sem lhe deixar um presente."

Ele ri sem parar à medida que se vira e vai embora, passando pelos portões da cidade juntamente com seu exército de feiticeiros, a fonte do poder de Volússia. Volússia não pode fazer nada, exceto se ajoelhar ali, segurando o seu rosto e gritando para os céus com a voz embargada de uma deusa.

## CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Gwendolyn sobe a escada em espiral no canto mais distante do castelo do rei com o coração batendo de antecipação à medida que ela se dirige aos aposentos de Argon. O rei havia graciosamente permitido que Argon se recuperasse no maior quarto no topo da torre e também havia prometido a Gwendolyn que lhe daria um de seus melhores curadores. Gwendolyn tinha ficado ansiosa para vê-lo desde então; afinal, a última vez que ela o tinha visto, ele ainda havia estado em coma e ela tinha tido certeza de que Argon jamais recuperaria a consciência.

Jasmine havia lhe dado esperanças de que Argon poderia estar se recuperando e sua referência enigmática que ele sabe algo que pode ajudá-la a encontrar Thor e Guwayne a está consumindo. Há algo que ele está escondendo dela? Por que ele não diz a verdade? E como é que uma garota pode saber tudo isso?

Gwen, desesperada por qualquer possibilidade de se reencontrar com seu marido e filho, arde de curiosidade ao chegar ao andar superior e correr para a porta diante de seu quarto.

Dois dos guardas do rei estão parados diante dela, mas ao notarem o olhar no seu rosto eles decidem deixá-la passar.

"Abram essa porta imediatamente," ela fala, usando a voz de uma rainha.

Eles trocam um olhar e dão um passo para o lado, abrindo a porta para que ela possa passar correndo.

Gwendolyn entra no quarto, batendo a porta atrás dela. Quando ela faz isso, Gwendolyn se assusta com o que vê diante dela. Ali, naquela torre magnífica, há um belo quarto em forma de um círculo, com as paredes de pedras revestidas com lindos vitrais. Ainda mais chocante é o que vê em seguida: Argon está sentado na cama, acordado, alerta e olhando diretamente para ela, vestindo seu manto branco e segurando seu cajado. Ela fica feliz por voltar a vê-lo vivo e consciente. Ela fica ainda mais surpresa ao ver, sentada ao lado dele na cama, uma mulher que parece não ter idade, com cabelos longos e sedosos partidos ao meio e usando um vestido verde de seda. Seus olhos vermelhos brilham intensamente e ela se senta perfeitamente ereta, com uma mão nas costas de Argon e a outra em seu ombro, cantarolando baixinho com os olhos fechados. Gwen percebe imediatamente que aquela deve ser a curandeira pessoal do rei, a responsável pela recuperação de Argon.

Além do mais, Gwen imediatamente sente uma forte ligação entre os dois e percebe que eles gostam um do outro. A sensação é estranha; Gwen nunca tinha imaginado que Argon fosse capaz de se apaixonar, mas ao olhar para eles, ela vê que eles formam um par perfeito. Ambos são feiticeiros poderosos.

Gwen para no meio do caminho, tão assustada diante daquela a visão que ela não sabe o que dizer.

Argon olha para ela e seus olhos se iluminam com intensidade ao mesmo tempo em que ele fica em pé, segurando seu cajado. Ela fica aliviada ao perceber que seu grande poder havia se restabelecido.

"Você está vivo," diz Gwendolyn, completamente atônita.

Ele balança a cabeça e sorri levemente.

"Estou mesmo," ele responde. "Graças a você, por ter me levado através do deserto, e a ajuda de Celta."

Celta acena de volta para Argon, olhando dentro de seus olhos.

Gwen quer correr até ele e abraçá-lo, mas está indecisa; ela está brava com ele por não ter lhe contado tudo o que ele sabe, impedindo-a de encontrar seu marido e filho.

"O que você sabe sobre Thor?" Ela pergunta. "E Guwayne? E por que você não me disse que tinha um irmão?"

Argon apenas olha para ela com os olhos brilhando, sem vacilar, perdido em mundos distantes que Gwendolyn jamais será capaz de entender. Uma parte dele sempre tinha sido inacessível, até mesmo para

ela.

"Nem todo conhecimento deve ser revelado," ele finalmente responde.

Gwen franze a testa, recusando-se a aceitar não como resposta.

"Guwayne é meu *filho*," ela fala. "Thor é meu marido. Eu mereço saber onde eles estão. Eu *preciso* saber onde eles estão," ela diz desesperada, dando um passo adiante.

Argon olha para ela por um longo tempo e, suspirando, finalmente se vira e caminha até a janela, olhando para fora.

"Muitos séculos atrás," ele fala para ela, "antes do pai e do avô de seu pai, meu irmão e eu éramos íntimos. No entanto, o tempo costuma separar até mesmo os rios mais fortes e, ao longo do tempo, nós nos afastamos. Este universo não é grande o suficiente para a presença de dois irmãos como Ragon e eu."

Argon fica em silêncio por um longo tempo, olhando para fora da janela.

"Ficou claro que o lugar de Ragon era aqui, no Cume, neste lado do mundo," ele continua, "enquanto o meu era em outro lugar, no Anel. Éramos dois lados da mesma moeda, duas faces do mesmo pai, muito parecidos com os dois lados do Anel e do Cume."

Quando Argon fica em silêncio novamente, Gwen processa tudo aquilo. É difícil imaginar o pai de Argon e de Ragon. A mente de Gwen se enche de perguntas, mas ela segura a língua.

Finalmente, ele volta a falar.

"Meu lugar era no Anel, protegendo o Canyon, segurando o escudo. Eu tinha que proteger a Espada do Destino, enquanto Ragon protegia o Cume. Nós vivemos desta maneira por muitos e muitos séculos."

"Mas ele não está aqui agora," diz Gwen, perplexa.

Argon balança a cabeça.

"Não, ele não está."

"Onde está ele, então?" ela pergunta.

"Ragon previu o fim do Cume," Argon responde, "e tomou as medidas necessárias para salvá-lo. Ele está no exílio, na Ilha da Luz, preparando-se para o retorno."

"Que retorno?" Pergunta Gwen.

Argon suspira profundamente e permanece em silêncio. Gwen não quer se intrometer, mas precisa saber onde ele está indo com tudo aquilo e como aquilo diz respeito a Thor.

"O que eu quero saber é sobre Thorgrin e Guwayne," ela finalmente insiste. "O que você não está me dizendo?"

Argon parece angustiado ao olhar para fora da janela até que, finalmente, ele se vira e olha para ela. A intensidade de seu olhar é assustadora.

"Algumas coisas nos são dadas durante a vida," ele diz com seriedade, "enquanto outras nos são tiradas. Devemos celebrar as coisas que temos enquanto as tivermos. E quando algo é tirado de nós, devemos permitir a vida siga em frente."

Gwen sente o coração apertado ao ouvir aquelas palavras.

"O que você está dizendo?" Ela pergunta.

Ele dá dois passos na direção dela e fica em pé a poucos metros de distância, olhando para Gwen com tal intensidade que ela é forçada a desviar o olhar. Ela nunca tinha visto Argon usar uma expressão tão séria.

"Seu marido está desaparecido," ele pronuncia gravemente, cada uma de suas palavras como um golpe em seu coração. "Seu filho também está perdido. Lamento, mas eles nunca vão voltar. Não da forma como você os conhece."

Gwen sente que vai desmaiar.

"NÃO!" Ela grita, chorando. Ela corre para a frente, agarra o manto de Argon e começa a bater em seu peito com as mãos.

Argon fica ali parado sem expressão, sem mostrar resistência, mas também sem consolá-la.

"Sinto muito," ele diz, depois de algum tempo. "Eu amava Thorgrin como meu próprio filho. E Guwayne, também."

"NÃO!" Ela grita, recusando-se a acreditar.

Gwen se vira, corre para fora do quarto, atravessando corredor, e entra nos grandes parapeitos no topo do castelo. Ela fica ali, sozinha, segurando a grade e vasculhando o horizonte. Ela olha para os picos distantes, para a névoa que paira sobre o cume. Em algum lugar atrás deles está o Grande Deserto e, além dele, o oceano. Levando Thorgrin e Guwayne embora.

Ela não pode aceitar aquele destino. Nunca.

"NÃO!" Gwen grita para os céus. "Voltem para mim!"

## CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Thor, em pé na proa do navio, tem um profundo senso de mau presságio ao segurar na grade e olhar para o Estreito da Loucura que surge diante dele. As águas vermelhas se agitam embaixo deles à medida que levam o navio em suas correntes, diretamente para o estreito. Thor e os outros olham para os lados, observando tudo com admiração, olhando para os penhascos pretos e irregulares, que se erguem diretamente para cima, feitos de uma pedra negra que ele não reconhece. Os penhascos são próximos um do outro, deixando apenas vinte metros de águas furiosas para a passagem, e Thor se sente claustrofóbico, quase sem ver o céu acima deles. Ele também se sente vulnerável a ataques, especialmente ao examinar as falésias e ver milhares de pares de olhos pequenos, amarelos e brilhantes, espiando por pequenos buracos nas rochas para, em seguida, desaparecer. Ele tem a sensação de que eles estão sendo observados por um milhão de criaturas.

Mas isso não é o que mais o preocupava. Quando eles entram no estreito, a água se agita violentamente, balançando seu navio de um lado para o outro, para cima e para baixo. Thor começa a ouvir algo, um ruído que se ergue acima do barulho das ondas e do vento. A princípio, o barulho é suave como um zumbido distante; à medida que eles avançam, porém, ele fica mais forte. É quase como um canto, como um coral de vozes cantarolando em tom baixo. O barulho se parece com o bater de tambores, como se o seu coração estivesse batendo fora de seu peito; ele ecoa dentro de seu tímpano interior, deixando-o enlouquecido.

Thor agarra a grade ao experimentar uma sensação que ele nunca tinha sentido antes; é quase como se um invasor indesejado tivesse entrado em seu corpo. Ele sente, pela primeira vez em sua vida, que está perdendo o controle de si mesmo e já não consegue pensar com clareza.

O canto fica mais alto e, então, Thor começa a se sentir no limite; os ruídos parecem se amplificar dentro dele: o espirro da água contra o casco, o bater das velas, o som daqueles insetos zumbindo, o guincho de um bando de pássaros. Ele não consegue ignorar o barulho e sente que está ficando maluco.

Thor começa a sentir uma raiva crescente em suas veias, um sentimento que ele não consegue controlar ou entender. Aquilo lentamente o consome, fazendo-o querer atacar e matar alguma coisa, qualquer coisa. Ele não entende de onde está vindo o barulho e, à medida que atravessa o Estreito, ele sente que o ruído está assumindo completamente o controle, como se houvesse possuído sua alma.

Thor segura a grade com tanta força que seus dedos ficam brancos enquanto ele tenta se controlar e exorcizar-se de tudo que o consume. Ele olha para os outros, esperando que eles percebam o que está acontecendo e corram para ajudá-lo.

Mas, quando Thor olha para os outros, sua apreensão só aumenta. Ele pode ver de relance que a loucura que tinha tomado conta dele também havia afetado os outros. Elden corre para a frente e bate a cabeça contra o mastro, uma e outra vez; Angel, está deitada em posição fetal no chão, segurando a cabeça; Selese, balança o corpo para a esquerda e para a direita, abraçando o seu próprio corpo; Matus se ajoelha no convés, arrancando os cabelos de sua cabeça; Reece puxa a espada de sua cintura e, em seguida, volta a colocá-la no lugar, repetidas vezes; O'Connor caminha pelo convés descontroladamente, correndo para cima e para baixo, como se estivesse tentando sair do barco enquanto Indra ergue sua lança e a arremessa no convés, apenas para buscá-la outra vez e fazer tudo de novo.

Thor percebe que eles tinham ficado loucos. Pela primeira vez em sua vida, ele não consegue pensar com clareza e é incapaz de criar um plano para sair daquele lugar, para salvar todos os seus amigos. Ele não consegue pensar em qualquer coisa. Ele apenas tem a sensação de estar se tornando uma bomba de raiva que fica cada vez maior e que ele não consegue controlar, apesar de seus grandes poderes. Uma luta incrível está acontecendo dentro dele e ele está perdendo.



Thor grita ao cair de joelhos, sentindo vontade de arrancar sua própria pele, com a cabeça prestes a explodir quando o canto fica cada vez mais alto dentro de sua cabeça à medida que o navio balança com ainda mais violência. Thor sente que precisa matar alguma coisa, qualquer coisa, para fazer o barulho parar.

Ele olha para baixo e percebe que está agarrando o punho da Espada dos Mortos, apertando e soltando a arma como se sua mão tivesse vontade própria. Quando ele a examina, Thor vê os pequenos rostos no punho da espada começando a se mover e franzindo a testa, como se a até mesmo a espada estivesse tomando vida própria. Thor percebe que sua espada também está sendo afetada pelo Estreito da Loucura.

Thor tira a espada da cintura contra a sua vontade; ele tenta colocá-la de volta com toda a força, mas não consegue. A espada está presa em suas mãos e a loucura está comandando os seus sentidos. Thor está ardendo de vontade de matar quem for preciso para fazer tudo aquilo parar.

Mas o problema é que não há qualquer inimigo por perto. Não há nada além de ar.

Thor ouve um grito e, ao se virar, não consegue acreditar no que vê: O'Connor de repente atravessa o navio gritando e, em seguida, salta por cima da grade e mergulha no mar.

"O'CONNOR!" Thor grita.

Mas é tarde demais. Não há nada que Thor possa fazer, exceto assistir, impotente, quando O'Connor salta sobre a borda do navio de cabeça, mergulhando uns bons dez metros pés em direção ao oceano vermelho embaixo deles. O'Connor estende a mão e se debate antes de ser imediatamente varrido pelas águas e, então, sugado para baixo da superfície.

Ninguém se aproxima para ajudá-lo; todos eles, incluindo Thor, estão ocupados demais com seus próprios infernos particulares. Logo, os gritos de O'Connor cessam e Thor sente uma agonia indescritível ao perceber que eles tinham acabado de perder um membro da Legião para sempre.

Thor quer saltar para salvá-lo, mas ele não consegue. Quando ele tenta com todas as suas forças voltar a guardar sua espada, ele percebe que é incapaz de fazer isso também. Suas mãos tremem com o esforço, mas aquilo é mais forte do que ele.

Horrorizado, Thor de repente percebe que está apontando a espada para si mesmo, para o seu próprio coração. Suas mãos tremem quando ele percebe que está prestes a se matar.

Thor sente movimento e vê Reece caminhando em sua direção, lutando contra si mesmo, pegando e soltando sua espada com um olhar triste e confuso em seu rosto. Por um momento, parece Reece para obter controle de si mesmo, tornando-se mais forte do que aquela estranha força.

"Seja forte, Thorgrin!" Reece grita, acima do barulho do vento e do mar em fúria. "Nós podemos lutar contra isso. Somos mais fortes do que isso!"

Thor tenta ouvir as palavras de seu amigo, mas o canto dentro dele fica ainda mais alto, incitando-o a continuar.

"Estamos quase lá, Thorgrin!" Reece grita. "Falta só mais um pouco!"

Thor segue o olhar dele e percebe que o fim do Estreito da Loucura se aproxima, os penhascos começam a se separar, as águas se acalmam e o céu volta a aparecer acima deles.

Mas mesmo a alguns metros de distância, o fim ainda está muito longe para ele. Thor não consegue se segurar por mais nenhum segundo. Ele não consegue mais conter a raiva e o desejo de matar.

Em um momento terrível, um momento que irá assombrá-lo pelo resto de sua vida, ele de repente se vê redirecionando a ponta da espada para longe de seu próprio peito com mãos trêmulas. Em vez disso, ele fica horrorizado ao perceber que está virando a espada e apontando-a na direção de Reece.

Quando Reece olha para baixo e vê o que está acontecendo, uma expressão de horror toma conta de seu rosto ao perceber o que Thor está prestes a fazer.

Mas nenhum dos dois consegue parar, sendo controlados pelas garras de algo muito mais poderoso do que eles.

Thor, impotente, dá um passo à frente, ergue sua espada e, quando Reece estende a mão para consolá-lo, ele a mergulha bem no coração de seu melhor amigo no mundo.

Thor não consegue fazer qualquer outra coisa, exceto ficar ali, ofegante, enquanto segura Reece com força e mata o homem que ele mais ama no mundo.

## CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Darius, deitado de costas, olha para cima e vê uma daquelas criaturas erguer um machado de batalha e trazê-lo para baixo na direção de seu rosto. Seu mundo se move em câmera lenta: ele sente cada brisa, vê o rosto paralisado da besta e ouve os gritos distantes da multidão. É aquela, ele percebe, a sensação de dar o seu último suspiro.

Darius quer reagir a tempo, rolar para fora do caminho ou bloquear o golpe, mas ele sabe que não é possível. Sua espada está longe dele e, desta vez, a criatura havia atacado rápido demais para que ele possa reagir a tempo. Pelo canto do olho, Darius vê seus companheiros gladiadores, todos mortos no chão, e sabe que sua hora também havia chegado. Ele vai encontrar o seu fim ali, naquele chão empoeirado, naquela arena que ele odeia, com todos aqueles gladiadores que ele não conhece, morto por aquela besta horrível.

Darius não se arrepende. Ele tinha lutado com orgulho e sem recuar, enfrentando tudo o que tinha sido planejado contra ele. Pelo menos, ele agora terá uma chance de se reunir com seus irmãos de armas, Raj, Desmond, Kaz e Luzi, juntando-se aos seus amigos em outra vida. Darius pensa em Loti e se pergunta se ela também está morta, esperando para cumprimentá-lo, ou se ela ainda está viva em algum lugar. Ele não sabe o que é pior.

A lâmina chega mais perto, Darius sente a brisa e se prepara para morrer quando, de repente, um som estridente soa em seus ouvidos. Darius pisca e, ao abrir os olhos novamente, vê que a lâmina do machado gigante tinha sido bloqueada por um longo cajado de prata a apenas alguns centímetros de seu rosto.

Darius fica chocado ao ver Deklan, calmamente em pé diante dele com suas vestes marrons, olhando desafiadoramente para o animal enquanto segura o seu cajado de prata, bloqueando o golpe e salvando a vida de Darius.

Darius pisca várias vezes, sem entender o que está acontecendo. O que Deklan está fazendo ali? Por que ele havia arriscado sua vida por ele? Como ele pode ser tão forte a ponto de bloquear um golpe tão impressionante com o seu cajado de prata?

Enquanto Darius olha para cima com incredulidade, ainda tentando processar tudo aquilo, tentando processar que ele ainda está vivo, Deklan parte para a ação. Deklan gira o seu cajado e arranca o machado das mãos da criatura. Então, ele puxa sua arma de volta e dá um golpe entre os olhos da criatura, derrubando-o para trás.

O grande machado gira no ar, Deklan estende o braço e o agarra perfeitamente. Então, quando várias criaturas partem em sua direção, ele ergue o braço e arremessa o machado, que gira pelo ar e acerta a cabeça de outra criatura, levando a multidão ao delírio ao abatê-la.

Com o mesmo movimento, Deklan golpeia o seu cajado e acerta a lateral da cabeça de outra criatura, fazendo-a derrubar seu machado no meio do golpe e cair de joelhos. Outras criaturas partem para cima dele, mas Deklan as enfrenta com calma, sem se mostrar abalado ao balançar seu cajado em todas as direções, atingindo uma criatura aqui e outra ali, movendo-se como um relâmpago ao se jogar em cima delas. Ele permanece em constante movimento, como um gato, movendo-se com impressionante velocidade e destreza; ele é mais ágil e gracioso do que qualquer lutador que Darius já tinha visto.

Deklan gira o corpo e acerta uma das criaturas no pulso, desarmando-a; em seguida, ele golpeia a garganta de outra fera, se esquiva e derruba outra criatura, acertando a parte de trás de seus joelhos. No instante seguinte, ele dá uma cambalhota e ergue o cajado, acertando outra criatura no meio das pernas. Assim, Deklan cria um círculo de devastação em torno dele, bloqueando e desviando de seus golpes, movendo-se tão rapidamente que ninguém é capaz de tocá-lo. Ele age como um furacão e não para até que todas as criaturas estão jogadas no chão diante dele.

Com uma pausa na batalha, Deklan caminha até Darius, calmo e frio, e estende a mão para ele. Darius, chocado, olha para cima sem conseguir acreditar no que havia acontecido. Ele aceita a mão de Deklan e volta a ficar em pé.

Deklan sorri para ele.

"Eu não quis deixá-lo se divertir sozinho," ele fala com um sorriso.

Deklan pega um machado no chão, dá um passo adiante e corta as correntes de Darius, libertando-o.

A multidão grita de surpresa e deleite enquanto Darius se vira e absorve tudo aquilo com Deklan ao seu lado, vendo todas as criaturas abatidas começando a se levantar novamente. Ele olha para Deklan com espanto. Ele nunca tinha encontrado um guerreiro como ele. Quem é aquele homem?

Ao redor deles, as criaturas se levantam lentamente e Darius aperta ainda mais o cabo de machado, sentindo-se encorajado. Ao lado de Deklan, ele sente, pela primeira vez, que é possível sair vitorioso.

"Eu não entendo," Darius fala enquanto eles esperam pelas criaturas, de costas um para o outro. "Por que você arriscou sua vida por mim?"

"Eu percebi que você estava certo," ele responde. "A vida é muito curta e a honra é a coisa mais importante. Em algum lugar ao longo do caminho, eu me perdi. Você me ajudou a encontrar o meu caminho novamente. Eu estou cansado de apenas sobreviver: agora eu escolho viver e viver com honra."

"Mas por que eu?" insiste Darius, ainda se sentindo incomodado. "Por que desistir de tudo, por que arriscar sua vida por *mim*, um estranho?"

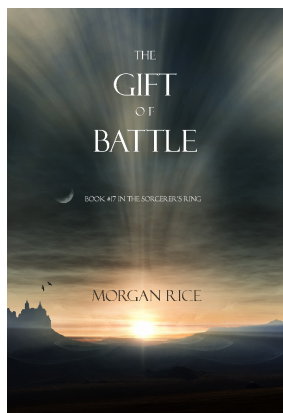
Há uma pausa em meio ao barulho da multidão à medida que mais criaturas ficam em pé, reunindo-se em um pequeno exército para atacá-los. Darius se prepara, sabendo que a luta de sua vida está prestes a começar.

"Porque, Darius," Deklan finalmente responde, "você não é um estranho."

Darius olha para ele sentindo-se confuso e, ao fazer isso, ele finalmente reconhece algo nos olhos daquele homem, algo que havia permanecido em seu subconsciente, algo que finalmente explica tudo aquilo.

"Porque você, Darius," ele fala, preparando-se para os próximos golpes, "é meu filho."

**AGORA DISPONÍVEL!**  
**O ÚLTIMO LIVRO DA SÉRIE O ANEL DO FEITICEIRO!**



**O PRESENTE DA BATALHA**  
**(LIVRO nº17 DA SÉRIE O ANEL DO FEITICEIRO)**

"O ANEL DO FEITICEIRO tem todos os ingredientes para um sucesso instantâneo: intrigas, conspirações, mistério, cavaleiros e relacionamentos repletos de corações partidos, traições e decepções. Ele vai deixar você entretido por horas e vai satisfazer públicos de todas as idades. Recomendado para a biblioteca permanente de todos os leitores do gênero de fantasia."  
—*Books and Movie Reviews*, Roberto Mattos (em relação a *Em Busca de Heróis*)

O PRESENTE DA BATALHA (Livro nº17) é o último livro da série bestseller O ANEL DO FEITICEIRO, que começa com EM BUSCA DE HERÓIS (livro nº1)!

Em O PRESENTE DA BATALHA, Thor enfrentará seu maior e mais importante desafio ao avançar cada vez mais pela Terra de Sangue em sua tentativa de resgatar Guwayne. Enfrentando inimigos mais poderosos do que ele jamais havia imaginado, Thor logo percebe que está diante de um exército de escuridão cujo poder supera as suas próprias habilidades. Ao descobrir um objeto sagrado que pode lhe fornecer os poderes de que precisa, um objeto mantido em segredo há muito tempo, ele é levado a embarcar em uma missão para recuperá-lo antes que seja tarde demais, com o destino do Anel em suas mãos.

Gwendolyn mantém sua promessa ao Rei do Cume, entrando na torre e enfrentando o líder do culto para descobrir o segredo que ele esconde. A revelação a leva até Argon e, por fim, até o mestre de Argon, onde ela aprende o maior segredo de todos, um segredo que pode alterar o destino de todo o seu povo. Quando o Cume é descoberto pelo Império, a invasão começa e, com a ameaça do mais poderoso exército conhecido pelo homem, cabe a Gwendolyn defender e liderar o seu povo em um grande êxodo final.

A Legião de Thor, sozinha, enfrenta perigos inimagináveis enquanto Angel está morrendo por causa da lepra. Darius luta por sua vida ao lado de seu pai na capital do Império até que uma reviravolta inesperada o força a finalmente explorar os seus próprios poderes. Erec e Alistair chegam a Volúcia, abrindo caminho pelo rio em meio aos seus próprios confrontos inesperados, enquanto continuam sua

busca por Gwendolyn e pelos exilados. Godfrey finalmente percebe que deve tomar uma decisão importante para ser o homem que pretende ser.

Vólúsia, cercada pelo poder dos Cavaleiros dos Sete, é forçada a testar os seus poderes divinos para descobrir se possui o poder necessário para destruir a humanidade e controlar o Império. Argon, próximo de sua morte, percebe que é chegado o momento de sacrificar-se.

Enquanto o bem e o mal se enfrentam, uma batalha épica, a maior batalha de todos os tempos, irá determinar o destino do Anel para sempre.

Com uma ambientação e construção de personagens sofisticada, O PRESENTE DA BATALHA é um conto épico de amizades e amantes, rivais e pretendentes, cavaleiros e dragões, intrigas e maquinações políticas, do processo de tornar-se adulto, de corações partidos, de enganos, ambição e traições. É um conto de honra e coragem, de destino e magia. É uma fantasia que nos leva até um mundo que jamais esqueceremos, e que atrai leitores de todas as idades e gêneros. O PRESENTE DA BATALHA é o mais longo livro da série, com 93.000 palavras!

"Recheado de ação... A escrita de Rice é sólida e a premissa é intrigante."  
—*Publishers Weekly* (em relação a *Em Busca de Heróis*)



**O PRESENTE DA BATALHA**  
**(LIVRO nº17 DA SÉRIE O ANEL DO FEITICEIRO)**



Ouçá a série O ANEL DO FEITICEIRO em formato de áudio livro!

KINGS AND SORCERERS



THE SORCERER'S RING



THE SURVIVAL TRILOGY



the vampire journals





**DAS COROAS E GLÓRIA**

ESCRAVA, GUERREIRA E RAINHA (Livro nº1)

**REIS E FEITICEIROS**

A ASCENSÃO DOS DRAGÕES (Livro nº1)

A ASCENSÃO DOS BRAVOS (Livro nº2)

O PESO DA HONRA (Livro nº3)

UMA FORJA DE VALENTIA (Livro nº4)

UM REINO DE SOMBRAS (Livro nº5)

A NOITE DOS CORAJOSOS (Livro nº6)

**O ANEL DO FEITICEIRO**

EM BUSCA DE HERÓIS (Livro nº1)

UMA MARCHA DE REIS (Livro nº2)

UM DESTINO DE DRAGÕES (Livro nº3)

UM GRITO DE HONRA (Livro nº4)

UM VOTO DE GLÓRIA (Livro nº5)

UMA CARGA DE VALOR (Livro nº6)

UM RITO DE ESPADAS (Livro nº7)

UM ESCUDO DE ARMAS (Livro nº8)

UM CÉU DE FEITIÇOS (Livro nº9)

UM MAR DE ESCUDOS (Livro nº10)

UM REINADO DE AÇO (Livro nº11)

UMA TERRA DE FOGO (Livro nº12)

UM GOVERNO DE RAINHAS (Livro nº 13)

UM JURAMENTO DE IRMÃOS (Livro nº 14)

UM SONHO DE MORTAIS (Livro nº 15)

UMA JUSTA DE CAVALEIROS (Livro nº 16)

O PRESENTE DA BATALHA (Livro nº 17)

**TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA**

ARENA UM: TRAFICANTES DE ESCRAVOS (Livro nº 1)

ARENA DOIS (Livro nº 2)

**MEMÓRIAS DE UM VAMPIRO**

TRANSFORMADA (Livro nº 1)

AMADA (Livro nº 2)

TRAÍDA (Livro nº 3)

PREDESTINADA (Livro nº 4)

DESEJADA (Livro nº 5)

COMPROMETIDA (Livro nº 6)

PROMETIDA (Livro nº 7)

ENCONTRADA (Livro nº 8)

RESSUSCITADA (Livro nº 9)

ALMEJADA (Livro nº 10)  
DESTINADA (Livro nº 11)  
OBCECADA (Livro nº 12)

## Sobre Morgan Rice

Morgan Rice é a autora bestseller nº1 do USA Today da série de fantasia épica O ANEL DO FEITICEIRO, composta por dezessete livros; da série bestseller nº1 DIÁRIOS DE UM VAMPIRO, composta por onze livros (em progresso); da série bestseller nº1 TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA, um thriller pós-apocalíptico composto por dois livros (em progresso); e da nova série de fantasia épica REIS E FEITICEIROS, composta por seis livros. Os livros de Morgan estão disponíveis em áudio e versões impressas, e traduções dos livros estão disponíveis em 25 idiomas.

Morgan gosta de ouvir sua opinião, então sinta-se à vontade para visitar [www.morganricebooks.com](http://www.morganricebooks.com) e fazer parte da lista de correspondência, receber um livro gratuito, ganhar brindes, fazer o download do aplicativo gratuito, receber notícias exclusivas, conectar-se através do Facebook e Twitter e manter contato!